

# CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

## O MANUSCRITO VOYNICH

O livro mais misterioso da  
história ainda **desafia a ciência**



### UM LIVRO SEM IGUAL

As origens, descobertas  
e mistérios do manuscrito  
mais enigmático do mundo.



### TEORIAS, CÓDIGOS E HIPÓTESES

Linguistas, criptógrafos e até  
inteligência artificial tentam  
decifrar o indecifrável.



### O QUE SABEMOS... E O QUE AINDA PERMANECE OCULTO

Ciência, história, simbologia  
e as perguntas que seguem  
sem respostas.

— ✱ —  
O ENIGMA  
QUE INTRIGA  
PESQUISADORES  
HÁ SÉCULOS  
— ✱ —



SOBRE A REVISTA

# CONEXÃO LITERATURA



Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

## SAIBA +



Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)



Layout da capa, organização e arte interna: [Ademir Pascale](#)



Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)



## O MANUSCRITO VOYNICH

Um livro enigmático, escrito em uma língua desconhecida e ilustrado com imagens misteriosas, veio à tona...

**SAIBA + NA PÁGINA 6**

### EXPEDIENTE



**Ademir Pascale**  
Editor-Chefe  
[ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)



**Elenir Alves**  
Assessora de Imprensa  
[elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)



ISSN: 2448-1068

### CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: [@conexaoliteratura](#)



Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)



Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: [ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)



Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# SUMÁRIO



“A literatura  
é a viagem mais  
profunda sem  
sair do lugar.”

## SUMÁRIO

|  |                                                                                                                 |          |
|--|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|
|  | Expediente                                                                                                      | pág. 02  |
|  | Editorial                                                                                                       | pág. 04  |
|  | Patrocinadores da Revista Conexão Literatura                                                                    | pág. 05  |
|  | A descoberta do manuscrito                                                                                      | pág. 06  |
|  | Jane Austen                                                                                                     | pág. 18  |
|  | Vida e proezas de Nikos Kazantzákis, por Gilmar Duarte Rocha                                                    | pág. 21  |
|  | O destino é Marte, por Mirian Menezes de Oliveira                                                               | pág. 25  |
|  | Entre teclas e telas, por Raquel Fiori                                                                          | pág. 29  |
|  | Cordel: Padre Spadoni e o lobisomem, por Ademir Pascale                                                         | pág. 35  |
|  | Poema: A leveza do amor, por Ivana T. Souza                                                                     | pág. 36  |
|  | Série Garças Brancas e Eu, por Sellma Luanny                                                                    | pág. 38  |
|  | Dica de leitura                                                                                                 | pág. 42  |
|  | Poema: Amorecaos, por Jáff Silva                                                                                | pág. 44  |
|  | Identidade é coisa do passado, por Clarissa Machado                                                             | pág. 47  |
|  | Quadrinhos: A morte de Edgar Allan Poe                                                                          | pág. 53  |
|  | 10 maiores curiosidades sobre histórias de livros e autores                                                     | pág. 54  |
|  | Crônica: Cartas à humanidade - A Insatisfação humana, por Célia Lopes                                           | pág. 55  |
|  | Resenha de Se você gostou da escola vai adorar trabalhar,<br>por Pedro Panhoca da Silva e Fernando Hisi Panhoca | pág. 58  |
|  | Coisas do Outono, por Potiara Cremonese                                                                         | pág. 65  |
|  | Poema: Por causa de ti sofri de amor, por Roberto Ferrari                                                       | pág. 69  |
|  | Poema: No caminho do amar, por Adriano Rosa da Silva                                                            | pág. 71  |
|  | O Sapo, por Flavio Joppert                                                                                      | pág. 78  |
|  | Ademir Pascale leva seu personagem Padre Spadoni à Itália                                                       | pág. 81  |
|  | Conversando com Deus, por Fauno Mendonça                                                                        | pág. 84  |
|  | O pente para pentear o cabelo do rio, por Sílvia Grijó                                                          | pág. 87  |
|  | Decreto a Thiago de Mello, por Sílvia Grijó                                                                     | pág. 88  |
|  | Entrevista com Diego Lisboa                                                                                     | pág. 91  |
|  | Entrevista com Francinalva Alves de Sousa Muniz                                                                 | pág. 99  |
|  | Entrevista com Henrique Moraes (Fundador do Bookgroup)                                                          | pág. 104 |
|  | Entrevista com Luna Bela Morte                                                                                  | pág. 107 |
|  | Entrevista com Salatiel Soares Correia                                                                          | pág. 114 |
|  | Citações de grandes autores                                                                                     | pág. 119 |
|  | Conto: De volta à vida, por Ademir Pascale                                                                      | pág. 122 |
|  | Conto: Entre o céu e o abismo, por Ademir Pascale                                                               | pág. 128 |
|  | Conto: Mochila, por Idicampos                                                                                   | pág. 134 |
|  | Conto: E eu dizia ainda é cedo, por Luciana Simon de Paula Leite                                                | pág. 140 |
|  | Conto: A morte de Uxu, o conto dos dois Grissoms, por Ney Alencar                                               | pág. 146 |
|  | Conto: O círculo em quarto crescente, por Raul Schaefer Filho                                                   | pág. 152 |
|  | Conto: Para Fanny, por Roberto Schima                                                                           | pág. 157 |
|  | Conto: O despertar da Loba ou A Maldição de Anhangá -<br>Terceira Parte, por Sellma Luanny                      | pág. 175 |
|  | Lendas do Brasil                                                                                                | pág. 180 |
|  | Passatempo                                                                                                      | pág. 182 |
|  | Edições Anteriores                                                                                              | pág. 183 |
|  | Mídia Kit                                                                                                       | pág. 184 |
|  | Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição                                         | pág. 185 |





CONECTANDO AUTORES,  
INSPIRANDO LEITORES.



Ademir Pascale

Editor-Chefe

“  
Livros são mapas.  
Cada página,  
um território a  
descobrir. Cada  
história, uma vida  
a compreender.  
Cada leitor,  
um mundo inteiro  
a transformar.”

# Editorial

**E**m agosto, trazemos como destaque o intrigante Manuscrito Voynich, um dos maiores mistérios da humanidade. Escrito em uma língua desconhecida e ilustrado com figuras enigmáticas, o manuscrito desafia estudiosos há mais de um século. Você conhecerá sua história, as principais teorias e os motivos que o tornam um enigma ainda sem solução.

A edição também apresenta curiosidades da literatura que revelam fatos surpreendentes sobre livros, autores e obras que atravessaram o tempo. São histórias pouco conhecidas que todo leitor apaixonado vai gostar de descobrir.

Celebramos a literatura nacional com a participação de autores que compartilham contos, poemas e crônicas sobre temas diversos, sempre com autenticidade. São textos que refletem o cotidiano, provocam reflexões e mostram a riqueza da nossa produção literária.

Você ainda confere excelentes entrevistas com escritores que inspiram pelo talento e pela trajetória, além de dicas de leitura selecionadas para ampliar horizontes e acompanhar todos os estilos e gostos.

A Revista Conexão Literatura segue firme no propósito de valorizar autores, divulgar boas histórias e fortalecer o hábito da leitura. Agradecemos a todos que fazem parte dessa jornada.

**Desejo a todos uma ótima leitura!**



#### DESTAQUE DA CAPA

O **Manuscrito Voynich**:  
o enigma que desafia  
a ciência e a história.



#### CURIOSIDADES

Fatos incríveis sobre  
livros, autores e o  
mundo da literatura.



#### AUTORES EM FOCO

Contos, poemas e crônicas  
que revelam talento e  
criatividade.



#### ENTREVISTAS & DICAS

Grandes entrevistas  
e sugestões de leitura  
para inspirar você.

#### EXPEDIENTE



**Ademir Pascale**  
Editor-Chefe

[ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)



**Elenir Alves**

Assessora de Imprensa  
[elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)



ISSN: 2448-1068

#### CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: @conexaoliteratura



Instagram: @revistaconexaoliteratura



Youtube: @conexaonerd



E-mail: [ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)



Site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)





NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**Casa Brasileira de Livros**

[www.casabrasileiradelivros.com](http://www.casabrasileiradelivros.com)



**Roberto Schima**

Leia seus textos no site da  
Revista Conexão Literatura:  
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



**Luciana Simon de Paula Leite**

Instagram: @lucianasimonleite



**Mirian Menezes**

Escritora Independente  
Seus livros podem ser  
adquiridos pelo link:  
[encurtador.com.br/igdpm](http://encurtador.com.br/igdpm)



**Gilmar Duarte Rocha**

[www.gilmarduarterocha.com.br](http://www.gilmarduarterocha.com.br)  
Instagram: @gilmarduarterocha



**Clarissa Xavier Machado**

Instagram: @clarissaxmachado



**Jaff Silva**

Youtube: @Jaffkamphorst  
Instagram: @jaffkamphorst



APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.  
SAIBA COMO:

**clique aqui**





# A DESCOBERTA DO MANUSCRITO

Um livro enigmático, escrito em uma língua desconhecida e ilustrado com imagens misteriosas, veio à tona no início do século XX e, desde então, desafia estudiosos de todo o mundo.

O Manuscrito Voynich foi descoberto em 1912 por acaso, em uma livraria rara em Vilnius, na Lituânia, então parte do Império Russo.

O livreiro Wilfrid M. Voynich procurava livros antigos sobre alquimia quando encontrou um volume estranho, escrito em um idioma desconhecido e repleto de ilustrações incomuns.

Intrigado, comprou o manuscrito por uma quantia que hoje equivaleria a cerca de 25 dólares.

Ele mal sabia que aquele livro se tornaria um dos maiores enigmas da história da humanidade.

## UM LIVRO SEM PASSADO CONHECIDO



Antes de chegar às mãos de Voynich, o manuscrito já havia passado por muitos donos, mas sua origem exata permanece desconhecida.



Não há registros claros de quem o escreveu, onde ou por quê.



É como se o livro tivesse surgido do nada, carregando seus segredos intactos.

## ★ CURIOSIDADE

Voynich acreditava que o manuscrito poderia conter o segredo para a pedra filosofal ou conhecimentos alquímicos perdidos.

## O QUE CHAMOU A ATENÇÃO DE VOYNICH?



• Um texto indecifrável, escrito em um alfabeto desconhecido.



• Ilustrações detalhadas de plantas que não se parecem com nenhuma espécie conhecida.



• Diagramas astronômicos, símbolos estranhos e cenas enigmáticas.

“

Desde o momento em que o vi, soube que era o livro mais extraordinário que jamais encontraria.”

— Wilfrid M. Voynich

W. Voynich



# QUEM FOI WILFRID VOYNICH?

O homem que deu nome ao manuscrito mais misterioso do mundo e cuja vida foi tão intrigante quanto o livro que ele descobriu.

## UM POLIGLOTA E LIVREIRO APAIXONADO

Wilfrid Michael Voynich (1865-1930) foi um livreiro antiquário, bibliófilo e poliglota lituano. Dominava mais de 20 idiomas, incluindo línguas raras e mortas, e tinha um olhar apurado para livros antigos e raros.



### POLIGLOTA

Falava fluentemente russo, latim, grego, hebraico, árabe, persa, além de muitas línguas europeias.



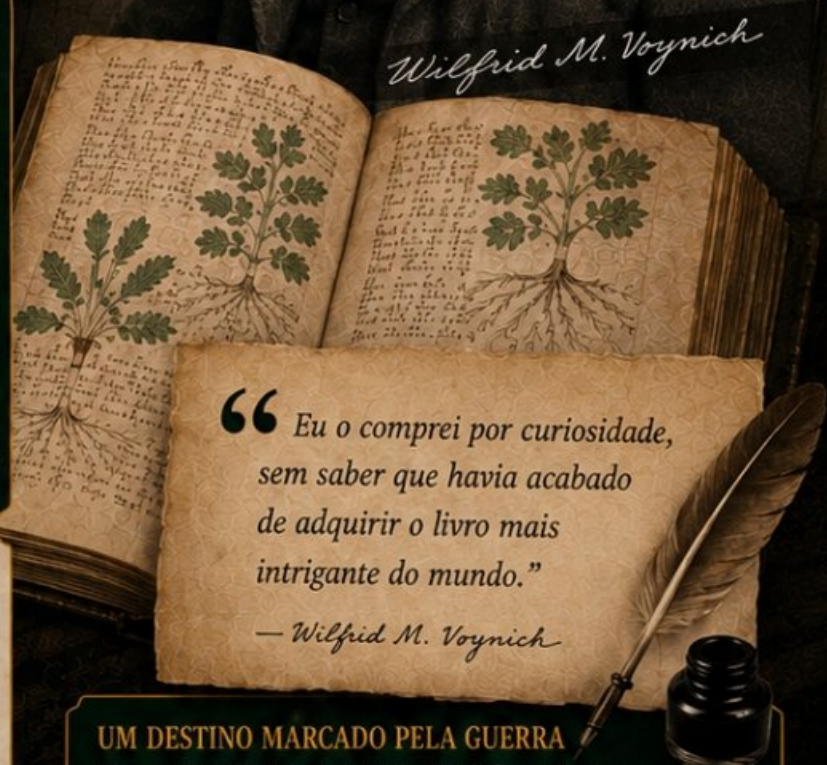
### AMANTE DOS LIVROS

Dedicou sua vida a colecionar e vender obras raras, muitas delas relacionadas à alquimia, ciência oculta e esoterismo.



### OLHAR CURIOSO

Sua curiosidade e intuição o levaram a encontrar o manuscrito que mudaria seu destino.



## A DESCOBERTA DO MANUSCRITO

Em 1912, enquanto trabalhava em sua livraria em Vilnius (na época parte do Império Russo), Voynich adquiriu um manuscrito incomum de um vendedor desconhecido, por cerca de 600 rublos de ouro.



Para ele, parecia apenas mais um livro antigo cheio de ilustrações estranhas. Mas logo percebeu que estava diante de algo completamente único.

## UM DESTINO MARCADO PELA GUERRA

Com o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, Voynich teve que fugir de Vilnius e se mudou para Londres, levando consigo sua preciosa coleção — incluindo o manuscrito misterioso.

Ele faleceu em 1930, sem nunca ter decifrado o conteúdo do livro que tanto o fascinava.



## LINHA DO TEMPO: A VIDA DE WILFRID M. VOYNICH



1865

Nasce em Kaunas, na Lituânia, em uma família de origem polonesa.



1890-1912

Torna-se livreiro antiquário e viaja pela Europa em busca de livros raros.



1912

Adquire o manuscrito em Vilnius, na Lituânia, por cerca de 600 rublos de ouro.



1914

Com a Primeira Guerra Mundial, foge para Londres levando sua coleção.



1930

Falece em Londres, sem ter revelado os segredos do manuscrito.



## POR QUE ELE É TÃO IMPORTANTE?

Sem Wilfrid Voynich, talvez o manuscrito tivesse se perdido no tempo ou em alguma coleção anônima. Foi sua curiosidade, sua paixão por livros e seu espírito investigativo que garantiram que esse enigma chegasse até nós, mais de um século depois.





# A DATAÇÃO POR CARBONO-14

A ciência que ajudou a revelar a idade do enigmático Manuscrito Voynich.

**P**ara descobrir a idade do Manuscrito Voynich, pequenos fragmentos de seu pergaminho foram analisados usando a técnica de datação por radiocarbono (Carbono-14). O resultado surpreendeu pesquisadores e afastou várias teorias sobre sua origem.

## COMO FUNCIONA O CARBONO-14?



## O RESULTADO DA ANÁLISE



As amostras retiradas de diferentes partes do manuscrito foram analisadas em laboratórios especializados, como o da Universidade do Arizona (EUA).

Data estimada:

# 1404 a 1438

Ou seja, o manuscrito foi produzido no início do século XV, há mais de 580 anos.

## COMO FOI FEITA A ANÁLISE?

- Foram retiradas microamostras do pergaminho sem causar danos significativos ao manuscrito.
- As amostras passaram por um processo químico para isolar o carbono e, em seguida, foram medidas por espectrometria de massa.
- Três laboratórios diferentes confirmaram resultados consistentes.

## CURIOSIDADE

A análise descartou a ideia de que o manuscrito fosse um documento medieval europeu (séculos XII ou XIII), mas também afastou teorias de que seria uma farsa moderna. Ele é genuinamente antigo.

## IMPORTANTE

A datação por carbono-14 não revela o conteúdo ou a finalidade do manuscrito, apenas quando o pergaminho foi produzido. O mistério do texto e das ilustrações continua sem explicação.



Graças ao carbono-14, sabemos que o Manuscrito Voynich nasceu entre 1404 e 1438. Mas quem o escreveu, em que língua e com que propósito... ainda é um enigma que desafia o tempo.





“Se cada página  
é uma resposta,  
*qual seria a pergunta  
que nunca aprendemos  
a fazer?*”

Revista  
Conexão Literatura



# O ALFABETO DESCONHECIDO

O Manuscrito Voynich é escrito em uma língua desconhecida com um sistema de escrita que a ciência ainda não conseguiu decifrar.

**A**o contrário de outros códigos já quebrados ao longo da história, o texto do Voynich permanece imutável. Seu alfabeto, gramática e estrutura não se assemelham a nenhuma língua conhecida. É como se pertencesse a um mundo à parte.

## ALGUNS NÚMEROS IMPRESSIONANTES



**240**  
páginas  
de pergaminho  
escritas à mão



**170 a 250**  
símbolos diferentes  
identificados no texto



**30.000+**  
palavras (tokens)  
aproximadamente

“

*“Até hoje, nenhum especialista conseguiu dizer com certeza o que essas letras significam ou a qual língua pertencem.”*

”

## CARACTERÍSTICAS DO ALFABETO



Escrito da esquerda para a direita.  
As palavras são separadas por espaços curtos ou marcas de pontuação.



Letras com formas únicas.  
Muitas parecem combinações de letras latinas, mas não seguem nenhum padrão conhecido.



Sem repetições previsíveis.  
A frequência de símbolos não segue os padrões de línguas naturais.



Sem títulos ou palavras conhecidas.  
Não há nomes próprios, números convencionais ou sinais que sirvam como referência.

## EXEMPLOS DE SÍMBOLOS

Alguns dos símbolos mais comuns no manuscrito:



Nenhum desses símbolos corresponde a letras de alfabetos conhecidos.

## O QUE OS ESPECIALISTAS DIZEM



“É um sistema de escrita legítimo, não é uma simples mistura aleatória de letras.”

— Dr. Stephen Bax, criptógrafo



“A estrutura do texto sugere uma língua natural, mas nenhuma língua humana conhecida.”

— Prof. John M. Manly, linguista



“O Voynich pode estar em uma língua morta, artificial ou até mesmo em um código criado para esconder seu significado.”

— Gordon Rugg, especialista em manuscritos antigos

## HIPÓTESES SOBRE SUA ESCRITA



**LÍNGUA DESCONHECIDA**  
Pode ser uma língua natural ainda não catalogada ou extinta.



**CÓDIGO OU CIFRA**  
Um método de criptografia criado para esconder informações.



**LINGUAGEM ARTIFICIAL**  
Uma linguagem construída propositalmente, sem origem natural.

## POR QUE AINDA NÃO FOI DECIFRADO?

Mesmo com os avanços da tecnologia e da inteligência artificial, o Manuscrito Voynich continua sendo um dos maiores desafios da criptografia moderna.



A quantidade de símbolos e combinações é enorme.



Não há textos paralelos ou traduções conhecidas que sirvam de comparação.



As repetições e padrões não seguem a lógica de nenhuma língua natural identificada.



## CURIOSIDADE

Em alguns trechos, o texto parece “falar” sobre os desenhos ao lado, mas até isso é apenas uma hipótese.



O alfabeto do Manuscrito Voynich é um quebra-cabeça sem peças suficientes. Cada símbolo é uma pista, mas o significado... ainda está além do nosso alcance.



# AS MISTERIOSAS ILUSTRAÇÕES

## PLANTAS, MAPAS E DIAGRAMAS ASTRONÔMICOS

O Manuscrito Voynich não é feito apenas de palavras indecifráveis. Suas páginas estão repletas de ilustrações intrigantes, delicadas e detalhadas, que parecem carregar significados ocultos.

**Mas o que elas representam?  
E por que foram desenhadas?**

Mais de **200** ilustrações coloridas compõem o manuscrito. Nenhuma legenda explica seu significado.



### 1. PLANTAS: UM HERBÁRIO DESCONHECIDO?



Mais da metade do manuscrito é dedicada a desenhos de plantas.

São mais de 100 espécies diferentes, desenhadas com raízes, caules, folhas, flores e, às vezes, frutos.

- Algumas se parecem com plantas conhecidas, como borragem ou erva-dos-algodoeiros.
- Outras não correspondem a nenhuma espécie conhecida na Terra.
- Será um tratado de medicina, alquimia ou botânica perdido?



### 2. MAPAS: LUGARES REAIS OU IMAGINÁRIOS?



O manuscrito contém várias páginas com mapas estranhos.

Rios, montanhas, ilhas, muralhas e pequenas construções aparecem em cenários que não se parecem com mapas medievais comuns.

- 📍 Não correspondem a nenhum lugar conhecido do mundo.
- 🌊 Alguns estudiosos acreditam que podem representar uma região real de forma estilizada.
- 🏰 Outros sugerem que são mapas simbólicos ou até imaginários.



### 3. DIAGRAMAS ASTRONÔMICOS: O CÉU EM CÓDIGO?



Diversas páginas mostram diagramas circulares cheios de estrelas, luas, círculos e símbolos do zodíaco.

- ☼ Alguns parecem calendários astronômicos.
- 🌙 Outros, talvez, representem fases da lua ou ciclos planetários.
- ☀️ O padrão das estrelas não corresponde exatamente ao que vemos no céu hoje.

### O QUE TORNA TUDO AINDA MAIS ENIGMÁTICO?

- 👁️ As ilustrações não possuem títulos nem explicações.
- 🎨 As cores usadas são naturais e vibrantes, mas feitas com pigmentos raros para a época.
- 📖 A ordem das imagens não segue um padrão lógico aparente.
- ❓ Nenhuma outra obra conhecida tem ilustrações semelhantes.



### EM RESUMO

Plantas desconhecidas, mapas intrigantes e céus cheios de símbolos sugerem que o manuscrito pode ser uma enciclopédia de conhecimentos antigos... ou algo totalmente único.

“Cada desenho é uma pista. Cada detalhe, um possível fragmento de uma mensagem que ainda não sabemos ler.”



### CURIOSIDADE

Algumas plantas do manuscrito semelhantes a espécies reais não foram conhecidas na Europa até séculos depois. Coincidência ou conhecimento avançado?





# AS PRINCIPAIS TEORIAS SOBRE SUA ORIGEM

Desde que foi descoberto, o Manuscrito Voynich desafia a lógica e alimenta as mais diversas hipóteses. Nenhuma foi comprovada. Todas continuam em aberto.

Qual delas é a verdadeira?

“  
O Voynich  
pode ser tudo...  
ou nada do que  
imaginamos.  
”

## 1 CÓDIGO MEDIEVAL



O manuscrito seria um código criptografado criado na Idade Média, possivelmente para proteger conhecimentos alquímicos, médicos ou filosóficos de olhos indiscretos.

## 2 LÍNGUA NATURAL DESCONHECIDA



A escrita representaria uma língua natural ainda desconhecida, perdida no tempo ou pertencente a uma civilização ou povo que não deixou outros registros.

## 3 TRATADO DE MEDICINA HERBAL



Muitos acreditam que seja um guia de plantas medicinais, com receitas e instruções codificadas sobre cura, ervas e propriedades terapêuticas.

## 4 FRAUDE OU HOAX ELABORADO



Para alguns, o Voynich seria uma farsa criada para enganar, talvez durante o Renascimento, quando o interesse por ocultismo e alquimia estava em alta.

## 5 MENSAGEM EXTRATERRESTRE OU DIMENSIONAL



Teorias mais ousadas sugerem que o manuscrito não é humano: poderia ser uma mensagem de seres de outra dimensão ou civilização extraterrestre.

## 6 TEXTO INCOMPLETO OU DANIFICADO



Talvez o livro seja apenas parte de um documento maior, e seu significado tenha se perdido com o tempo, danos, perdas de páginas ou trechos.

## 7 SISTEMA SIMBÓLICO NÃO LINGÜÍSTICO



A escrita poderia ser um sistema de símbolos, não uma língua, usado para representar ideias, conceitos ou conhecimentos através de um código visual.

## 8 CONHECIMENTO ESOTÉRICO E ALQUÍMICO



Acredita-se que o manuscrito possa conter fórmulas alquímicas, rituais esotéricos ou ensinamentos ocultos transmitidos apenas para iniciados.

## A VERDADE?

Todas essas teorias alimentam nossa curiosidade. Mas até hoje, nenhuma foi comprovada. O Manuscrito Voynich continua sendo um dos maiores enigmas da história da humanidade.



O TEMPO PASSA,  
O MISTÉRIO PERMANECE.  
E A RESPOSTA AINDA  
PODE ESTAR ESCONDIDA  
ENTRE SUAS PÁGINAS...



## FATO CURIOSO

Nenhuma das teorias até hoje explica todos os aspectos do manuscrito de forma completa e satisfatória.





# AS TENTATIVAS DE DECIFRAÇÃO POR CRIPTÓGRAFOS, LINGUISTAS E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Por mais de um século, mentes brilhantes de diferentes áreas tentaram desvendar o Manuscrito Voynich. Algumas chegaram perto? Outras abriram novos caminhos? Veja os principais esforços — do papel e lápis aos algoritmos mais avançados.

“  
Cada geração  
usa as ferramentas  
que tem. O mistério  
resiste a todas  
elas.  
”

## 1 CRIPTÓGRAFOS: A CAÇA A UM CÓDIGO



- Desde o início do século XX, testaram centenas de técnicas.
- Substituições, códigos de transposição e cifras polialfabéticas.
- Nenhum padrão de criptografia conhecido se encaixa no texto.

## 2 LINGUISTAS: EM BUSCA DE UMA LÍNGUA



- Analisaram a estrutura das palavras, símbolos e padrões gramaticais.
- Alguns acreditam ser uma língua natural desconhecida ou extinta.
- Outros sugerem uma língua construída (“conlang”) ou sistema híbrido.

## 3 INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: NOVAS FERRAMENTAS, VELHOS DESAFIOS



- Modelos de IA analisam padrões, símbolos e possíveis significados.
- Em 2019, um projeto com IA sugeriu traduções plausíveis, mas nada conclusivo.
- A IA aponta pistas e probabilidades, mas o enigma ainda não foi decifrado.

### OUTRAS ABORDAGENS CURIOSAS

#### ANÁLISE ESTATÍSTICA

Estudos mostram que o texto tem características de linguagem natural, mas não corresponde a nenhuma conhecida.

#### PADRÕES VISUAIS

Pesquisadores procuram repetições, simetrias e estruturas ocultas em mapas, plantas e diagramas.

#### COLABORAÇÃO GLOBAL

Universidades, grupos independentes e entusiastas de todo o mundo estudam o manuscrito até hoje.

#### SÉCULOS DE PERSISTÊNCIA

Mais de 100 anos, milhares de hipóteses e nenhuma resposta definitiva. O desafio continua aberto.

#### EM RESUMO

De códigos secretos a linguagem natural ou IA, cada tentativa nos aproximou, mas o verdadeiro significado ainda escapa.

#### CADA TENTATIVA NOS APROXIMA, MAS O ENIGMA DO MANUSCRITO VOYNICH AINDA PERMANECE.

#### VOCÊ SABIA?

Qualquer pessoa pode contribuir! O manuscrito está disponível online para estudo e análise.



# O QUE SE SABE COM CERTEZA E O QUE AINDA PERMANECE UM MISTÉRIO

O Manuscrito Voynich continua desafiando a ciência, a história e a imaginação humana.



## O QUE SE SABE COM CERTEZA



O manuscrito existe e é autêntico.



Foi criado no início do século XV (entre 1404 e 1438).



Está escrito em um sistema de escrita não identificado.



Contém ilustrações detalhadas de plantas, mapas, diagramas astronômicos e outras figuras.



Pertence hoje à Biblioteca Beinecke de Livros Raros, na Universidade de Yale, nos EUA.



## O QUE AINDA PERMANECE UM MISTÉRIO



Quem escreveu o manuscrito e por quê?



Qual o significado real do texto e das ilustrações?



Em que língua (ou código) o texto está escrito?



Qual era o propósito do manuscrito: médico, alquímico, astronômico ou outro?



Por que, após mais de 600 anos, não conseguimos decifrá-lo?



Entre o que sabemos e o que ignoramos, o Manuscrito Voynich continua sendo um dos maiores enigmas da humanidade.



### A CIÊNCIA CONTINUA BUSCANDO RESPOSTAS.

Novas tecnologias, mentes curiosas e colaboração internacional mantêm viva a esperança de que um dia o enigma será revelado.



### E ENQUANTO ISSO...

Cada página permanece como um convite à curiosidade, à investigação e à imaginação sem limites.





# CURIOSIDADES POUCO CONHECIDAS



Cada detalhe  
revela um novo  
mistério dentro  
de outro ainda  
maior.

Detalhes surpreendentes sobre o  
Manuscrito Voynich que poucos sabem,  
mas que tornam esse enigma ainda  
mais fascinante.



## 1. PLANTAS QUE NÃO EXISTEM?



Diversas plantas ilustradas  
não correspondem a nenhuma  
espécie conhecida na Terra.  
Seriam imaginárias, extintas  
ou de outro lugar?



## 2. MAPAS MISTERIOSOS



Os mapas podem representar  
lugares reais, imaginários ou até  
conceitos. Não há consenso  
sobre o que realmente  
significam.



## 3. ASTROLOGIA OU ASTRONOMIA?



Os diagramas astronômicos  
mostram posições de astros,  
fases da lua e símbolos do  
zodiaco em perfeita harmonia.  
Mas com qual propósito?



## 4. ESCRITURA SEM ERROS?



O texto não apresenta erros  
gramaticais nem variações  
significativas. Seria obra de um  
único autor ou de uma inteligência  
além do comum?



## 5. UM LIVRO FEITO PARA DURAR



O manuscrito foi cuidadosamente  
construído com materiais de alta  
qualidade, feitos para resistir  
ao tempo. Mas por quê?



## 6. PASSOU POR POUCAS MÃOS



Ao longo de mais de 600 anos,  
o livro teve poucos donos  
conhecidos. Como conseguiu  
sobreviver a guerras, incêndios  
e epidemias?



## 7. TINTA E PIGMENTOS ENIGMÁTICOS



As tintas e cores utilizadas ainda  
intrigam cientistas. Algumas  
reagem de formas incomuns  
a análises modernas.



## 8. SEM TÍTULO, SEM ÍNDICE



O livro não tem título, índice,  
numeração de páginas ou qualquer  
indicação do seu conteúdo.  
Tudo foi deixado no mistério.



## DETALHE INTRIGANTE

Algumas letras do manuscrito  
se repetem em padrões que  
lembra estruturas matemáticas.  
Coincidência ou código oculto?

O MANUSCRITO VOYNICH  
É COMO UMA PORTA  
ENTREABERTA PARA UM  
MUNDO QUE AINDA NÃO  
PODEMOS VER.



## PARA PENSAR

E se o manuscrito não foi feito  
para ser compreendido por nós,  
mas para ser guardado até que  
o mundo estivesse pronto?





# ONDE CONSULTAR GRATUITAMENTE O MANUSCRITO DIGITALIZADO

O Manuscrito Voynich pode ser consultado online, de forma gratuita, em alta resolução.

A história continua ao alcance de todos, basta saber onde procurar.

O MANUSCRITO VOYNICH ESTÁ DISPONÍVEL NA

**BIBLIOTECA BEINECKE**  
DE LIVROS RAROS E MANUSCRITOS  
YALE UNIVERSITY – EUA

ACESSE GRATUITAMENTE:

[beinecke.library.yale.edu/digitalcollections/voynich\\_ms/](https://beinecke.library.yale.edu/digitalcollections/voynich_ms/)



## COMO EXPLORAR O MANUSCRITO ONLINE

**1** ACESSE  
O SITE



Entre no site da Biblioteca Beinecke pelo link acima.

**2** BUSQUE PELO  
MANUSCRITO



Navegue até a coleção e selecione o Voynich MS 408.

**3** EXPLORE AS  
PÁGINAS



Visualize todas as páginas em alta resolução, com detalhes impressionantes.

**4** AMPLIE SUA  
EXPERIÊNCIA



Observe cada ilustração, padrão e símbolo com atenção e curiosidade.



A CHAVE PARA DECIFRAR O VOYNICH  
PODE ESTAR MAIS PRÓXIMA DO QUE IMAGINAMOS.  
E A JORNADA COMEÇA COM **UM CLIQUE.**



CONHECIMENTO É LIBERDADE. CURIOSIDADE É O PRIMEIRO PASSO.





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS AO VENTO

VOL. XVI

SUAS PALAVRAS. CONECTAM E TRANSFORMAM.



E-BOOK

PARTICIPE E  
FAÇA PARTE  
DESTA OBRA  
INSPIRADORA!

ANTOLOGIA NACIONAL  
VOLUME XVI

## POEMAS AO VENTO

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR



POEMAS



AUTORES DE  
TODO O BRASIL



ALCANCE  
NACIONAL



CERTIFICADO DE  
PARTICIPAÇÃO  
PARA OS AUTORES  
SELECIONADOS

SAIBA MAIS:

CLIQUE AQUI >



# JANE AUSTEN

## A MESTRA DA INTELIGÊNCIA, DO AMOR E DA IRONIA

Jane Austen (1775–1817) é uma das maiores escritoras da literatura mundial. Com uma escrita elegante, perspicaz e profundamente humana, transformou o cotidiano em arte e revelou, como poucos, os sentimentos, dilemas e contradições da condição feminina em sua época.



### UMA VIDA DISCRETA, UMA OBRA ETERNA

Nascida em Steventon, na Inglaterra, em 16 de dezembro de 1775, Jane Austen viveu a maior parte da vida no seio de uma família unida e culta. Observadora atenta da sociedade ao seu redor, nunca buscou fama. Escreveu em silêncio, com sensibilidade e ironia, sobre o que conhecia bem: as relações humanas.

Publicou em vida apenas seis romances, de forma anônima. Seu talento, reconhecido após sua morte, conquistou gerações de leitores e a consagrou como uma das vozes mais brilhantes da literatura inglesa.

“Não há encanto  
mais igual à doçura  
de coração.”

Jane Austen

### SUAS OBRAS

- **Orgulho e Preconceito** (1813) – Crítica social brilhante e uma das histórias de amor mais queridas da literatura.
- **Razão e Sensibilidade** (1811) – A dualidade entre emoção e razão no universo feminino.
- **Emma** (1815) – A jornada de autoconhecimento de uma jovem inteligente e determinada.
- **Mansfield Park** (1814) – Um retrato profundo das diferenças sociais e da moral da época.
- **Persuasão** (1817) – Amor, arrependimento e segundas chances.
- **A Abadia de Northanger** (1818) – Uma sátira leve e divertida aos romances góticos.

Com personagens femininas fortes, homens complexos e tramas que exploram amor, família, casamento e liberdade de escolha, Jane Austen antecipou debates sobre igualdade e individualidade que seguem atuais até hoje.

Mais de dois séculos após sua morte, sua escrita continua viva, inspirando leituras, adaptações e apaixonando novas gerações.







## CURIOSIDADES

- ✦ Escrevia em pequenos cadernos que carregava sempre consigo.
- ✦ Usava o humor e a ironia para criticar, de forma sutil, os costumes e as convenções da sociedade.
- ✦ Era muito reservada e não gostava de ser o centro das atenções.
- ✦ Seus livros continuam entre os mais lidos e amados até hoje, há mais de 200 anos.



## NO CINEMA

Suas obras já foram adaptadas para o cinema e para a televisão inúmeras vezes. Entre os filmes mais famosos está *Orgulho e Preconceito* (2005), com Keira Knightley, que encantou novas gerações com a história de Elizabeth Bennet e Mr. Darcy.



## MUSEU JANE AUSTEN



Em Bath, na Inglaterra, existe o *Jane Austen Centre*, um museu dedicado à vida e obra da autora. O local conta sua história, exhibe objetos da época e celebra seu legado para a literatura.



## A CASA QUE AINDA EXISTE



A casa onde Jane Austen viveu seus últimos anos, chamada *Chawton Cottage*, ainda existe e pode ser visitada. Foi lá que ela escreveu alguns de seus romances mais importantes.



## UM LEGADO ETERNO

Com personagens inesquecíveis, diálogos brilhantes e uma visão única sobre a natureza humana, Jane Austen deixou um legado que atravessa gerações. Sua obra continua atual, inspirando leitores, escritores e sonhadores em todo o mundo.



JANE AUSTEN ESCREVEU SOBRE O AMOR, MAS, ACIMA DE TUDO, SOBRE ESCOLHAS, CARÁTER E LIBERDADE – TEMAS QUE NUNCA DEIXAM DE SER RELEVANTES.





# CORRESPONDÊNCIAS DO FIM DO MUNDO

DO AUTOR GILMAR DUARTE ROCHA

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminoso da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica.

Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



SUSPENSE  
HISTÓRICO  
ENVOLVENTE



INVESTIGAÇÃO  
E MISTÉRIO



UMA HISTÓRIA  
BASEADA EM  
FATOS REAIS

DISPONÍVEL NAS GRANDES  
PLATAFORMAS DE VENDAS



AMAZON

<https://encurtador.com.br/Car4V>



MERCADO LIVRE

<https://encurtador.com.br/DSRSw>

“

“Um thriller histórico intenso e arrebatador que revela como o ódio pode transformar qualquer inverno em trevas.”

”



“

ALGUNS INVERNOS  
NUNCA TERMINAM.  
ALGUMAS FERIDAS  
NUNCA CICATRIZAM.

”



# Vida e proezas de Nikos Kazantzákis

 Por Gilmar Duarte Rocha

**D**epois de um desastre monumental — a perda total de um empreendimento de mineração em Creta —, testemunhamos a cena desalentadora de dois homens estáticos, de costas para a praia. Enquanto o vai e vem das ondas mansas e a espuma marinha aproximam-se lentamente de seus pés, eles contemplam as ruínas do que se foi, os destroços da tragédia, imersos em profunda tristeza, frustração e desilusão.

De repente, o homem de terno branco, o investidor, parecia tomado por um estalo, um tipo de alumbramento. Ele pede ao outro — o mestre de obras, um cretense puro-sangue — que lhe ensine os passos do sirtaki, a dança típica daquela região helênica. Bastam os primeiros acordes do alaúde ecoarem de algum lugar para que a atmosfera se transforme. Os dois homens começam a bailar sobre as areias quentes, irradiando uma alegria vigorosa, como se extraíssem a própria felicidade do magnetismo de um deus olímpico, contrapondo e sobrepondo todo estrago interior que a ruína havia provocado dentro deles.

*“Eu não espero nada.  
Eu não temo nada.  
Eu sou livre.”*

NIKOS KAZANTZÁKIS





---

Essa é a transposição para o cinema — no filme *Zorba, o Grego*, estrelado por Alan Bates e Anthony Quinn — do capítulo final da obra-prima literária *Vida e Proezas de Aléxis Zorbás*, de Nikos Kazantzákis.

---

Para além do estrondoso sucesso dessa ficção, a carreira do escritor cretense, nascido em 1883, foi marcada por produções de profunda carga existencial, filosófica e religiosa. Acima de tudo, a literatura de Kazantzákis é um manifesto de vida, amor e poesia.



Além do clássico *Zorbás*, ele lançou — sempre com êxito — os livros *O Cristo recrucificado*; *A última tentação*; *Ascese: os salvadores de Deus* e *Relatório ao Greco*.

---

Em sua obra *Ascese: os salvadores de Deus*, Kazantzákis desenvolve uma crítica à capacidade humana de alcançar um conhecimento puramente objetivo. Sua posição aproxima-se da corrente idealista ao demonstrar que o conhecimento depende muito mais do sujeito que apreende (o ser humano) do que do objeto apreendido. Assim, a compreensão do mundo estaria condicionada à nossa forma de perceber a realidade, de ordenar essas percepções e de guiar nossas orientações práticas.





Para além da sua grande erudição, Kazantzákis também foi um homem de ação. Acompanhou de perto lugares e acontecimentos perigosos como a Guerra do Balcãs (a da primeira metade do Século XX), a Revolução Espanhola, a Revolução Russa e Revolução Chinesa, colhendo e absorvendo aspectos pragmáticos da vida, nuances que deram fundamento à sua obra e que lhe abriu o caminho para uma vida produtiva e exitosa.

Apesar de nunca ter conquistado o Prêmio Nobel de Literatura — embora indicado em várias edições, inclusive no ano de sua morte, em 1957 —, o legado de Kazantzákis permanece inabalável. Naquela ocasião, o vencedor Albert Camus declarou publicamente que o escritor grego era o verdadeiro merecedor da láurea. Hoje, suas obras continuam amplamente apreciadas pela crítica e por novas gerações de leitores, que reconhecem nele a força de um autor com a mesma grandeza trágica e atemporal de Sófocles e Homero.

O trecho a seguir, extraído de *Vida e proezas de Alexis Zorbas*, explicita o talento e a sensibilidade do prestigiado autor:

“ ... Eu não conseguia dormir, e nem queria. Não pensava em nada naquela noite quente, apenas sentia dentro de mim, apenas sentia algo em meu interior, amadurecendo. Via, vivenciava com nitidez aquele espantoso espetáculo: eu me modificando. Tudo aquilo que acontece sempre nos mais obscuros porões de nosso peito agora acontecia às claras e abertamente diante de mim. Sentado à beira-mar, eu assistia ao prodígio. As estrelas ficaram foscas, o céu iluminou-se e sobre essa luz delinearam-se, com lápis fino, as montanhas, as árvores, as gaivotas. Amanhecia. ”



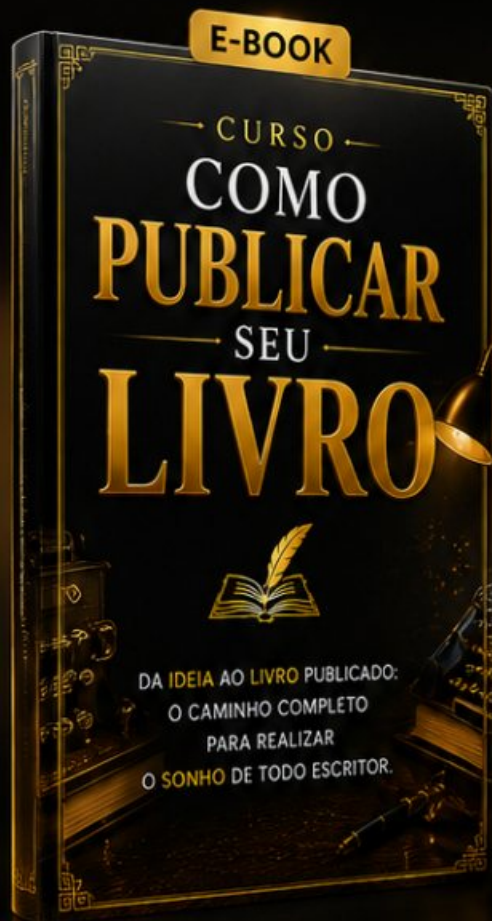
**Gilmar Duarte Rocha**, integrante da Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.





# 3 E-BOOKS ESSENCIAIS

PARA AUTORES DE TODOS OS NÍVEIS



DA IDEIA AO LIVRO PUBLICADO:  
O CAMINHO COMPLETO  
PARA REALIZAR  
O SONHO DE TODO ESCRITOR.



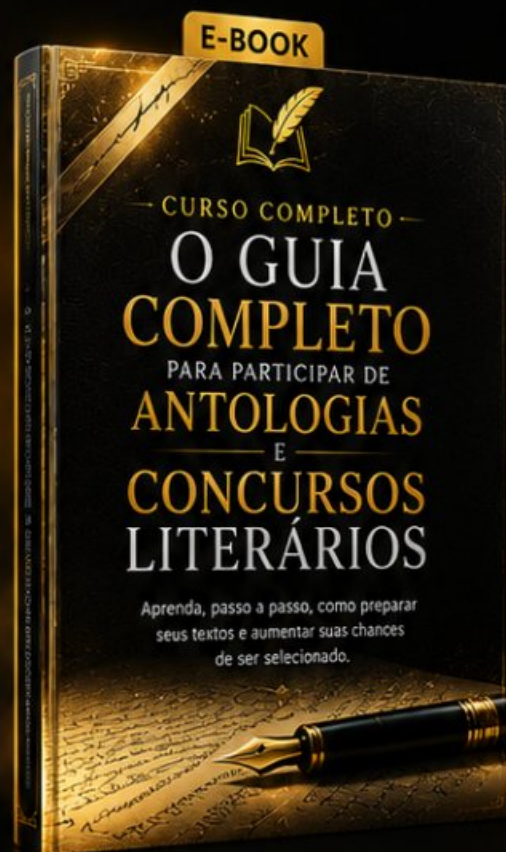
PLANEJE, ESCREVA  
E PUBLIQUE COM  
SEGURANÇA.



PROMOVA SUA OBRA.  
AMPLIE SEU ALCANCE.  
CONECTE-SE COM LEITORES.



DIVULGUE SUA OBRA,  
FORTELEÇA SUA MARCA  
E ALCANCE MAIS LEITORES.



Aprenda, passo a passo, como preparar  
seus textos e aumentar suas chances  
de ser selecionado.



PARTICIPE DE OPORTUNIDADES  
E DESTAQUE SUA ESCRITA  
NO CENÁRIO LITERÁRIO.

**CLIQUE AQUI** ➔



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



# O DESTINO É MARTE

*Por Mirian Menezes de Oliveira*

É certo que, para se escrever uma crônica, primeiramente, é preciso ter um tema disparador (algum fato do cotidiano, capaz de despertar reflexões, ou chamar a atenção para algum ponto de vista), entretanto nem sempre a crônica brota em tempo hábil. Há situações, em que a narrativa fica num cantinho da memória, remoendo por um tempo, até que resolve se estruturar de maneira repaginada, aliando-se a outros elementos, como num quebra-cabeça. Os argumentos vão se articulando, até que o enredo se intercala com as reflexões.

Pois O DESTINO É MARTE surgiu há muito tempo, enquanto caminhava pela metrópole. Estava distraída, quando, deparei-me com duas adolescentes, de seus doze ou treze anos, um pouco amarrotadas, com mochilas às costas.

Aparentando cansaço, as meninas encontravam-se sentadas no chão, “lavando” roupas em uma pequena fonte da praça. Há alguns metros, uma mulher mais velha, de aparência igualmente cansada, arrumava outras mochilas e olhava para elas, numa atitude protetiva.





Nas grandes cidades, pessoas vão e vem o tempo todo e as histórias, apresentadas aos nossos olhos, são as mais variadas possíveis, mas nesse caso, o que me chamou mais a atenção foi o diálogo entre dois cidadãos “respeitáveis” acerca da cena:

- Onde estas meninas pensam que estão? Por que não vão fazer isso em outro lugar?

- É folga, mesmo! E somos obrigados a conviver com isso.

- Por que não vão procurar serviço? Sempre existe alguma trouxa de roupa para lavar, em algum lugar deste mundo.

Fiquei refletindo sobre aquelas falas e, em pensamento, me questionei: “Teriam as meninas um lugar para ir?/ Para onde iriam, caso tivessem opção?/ Quem poderia abrigar aquela família?/ Onde poderiam lavar aquelas roupas?/ Onde poderiam procurar emprego e moradia?”

Os homens continuavam:

- Não aguento ver este tipo de gente por aqui!

- Eu, se fosse prefeito, acabaria com isso! Mandava esta gente pra longe!

“Mandava para onde?” – pensei.  
“Para um planeta menos destruído? Para um lugar legal? NÃO! Para um planeta menos destruído, não! Os bilionários irão para lá, caso este espaço exista... A pobreza sempre vai na contramão. Jamais habitariam o mesmo espaço... Mandava para onde, então, meu Deus!?”





Aquelas meninas pareciam não ter um destino definido ainda e a mulher que as acompanhava também não!

Independente disso, o entorno, como sempre, parecia inóspito, tal qual a superfície de Marte. Os homens resmungavam e propunham soluções para o caso, como se fossem profundos conhecedores da espécie humana e do percurso da civilização.

Àquela altura dos acontecimentos, achei melhor seguir o meu caminho, tamanha era a preguiça de continuar pensando sobre fatos tão recorrentes e desgastantes.

Afastei-me, mas não em pensamento...

Fui para casa!

As questões continuaram martelando minha mente e me acompanharam, para mais uma noite de insônia.

De todas as indagações, uma foi eleita para substituir a contagem de carneirinhos;

**Haverá lugar para esta “gente sem lugar”?**

**Mirian Menezes de Oliveira** é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da UBE – União Brasileira de Escritores, dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



# TEMPO DE *recolher* AS FOLHAS

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la!

Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →





# Entre teclas e telas

Por Raquel Fiori

**Q**uero te convidar para uma viagem ao meu lado, uma daquelas que vão além das palavras. “Entre teclas e telas” é um convite para sentirmos juntos o toque das máquinas antigas, o som das teclas, o cheiro do papel, ou seja, elementos que faziam parte do dia a dia, do trabalho, da necessidade, numa época em que cada momento tinha um ritmo que hoje quase esquecemos. Não é só sobre tecnologia, mas é sobre nós, sobre o jeito como aquelas máquinas entraram na nossa vida e deixaram marcas.

Vamos lembrar juntos, com coração aberto, o ritmo e a presença que hoje parecem ter desaparecido, mas que ainda vivem na memória de quem vivenciou aqueles dias.

Sabe, às vezes eu fico lembrando, como era o ritmo das coisas antes de a tecnologia tomar uma forma tão silenciosa, quase mágica, que nem percebemos a sua presença.

Lembro do telex, você já usou alguma vez? O som seco das teclas, o ruído constante do equipamento trabalhando e a fita de papel surgindo aos poucos davam a sensação de que a informação estava viajando diante dos nossos olhos. Eu mesma usei telex em um sistema bancário. Lá, nossa missão não era receber notícias comuns, mas sim protocolos, ordens e comunicações urgentes que mantinham os grandes bancos e empresas funcionando nos bastidores.

E o que dizer das máquinas de escrever elétricas que começaram a aparecer? Tenho certeza de que alguns leitores aqui presentes, datilografaram nelas ou ouviram falar desta época não tão longínqua. Elas trouxeram certa rapidez e facilidade, mas ainda assim mantinham aquele contato físico que marcava cada gesto.

Mas, antes delas, havia a máquina de datilografar manual: ah, essa exigia certa firmeza nas mãos, concentração e até um respeito quase ritual. Diferente dos teclados modernos, leves e quase flutuantes dos computadores atuais, nessa máquina era preciso teclar fundo, cada toque tinha força e deixava uma marca física no papel, uma impressão que era impossível ignorar.

*Raquel Fiori*

“  
NÃO É SÓ SOBRE  
TECNOLOGIA,  
MAS É SOBRE NÓS,  
SOBRE O JEITO COMO  
AQUELAS MÁQUINAS  
ENTRARAM NA NOSSA  
VIDA E DEIXARAM  
MARCAS.”



PROTOCOLO - - URGENTE  
TELEX - 102344 - 14:23  
CENTRAL - AGÊNCIA 07  
TRATAMENTO



“E errar? Não havia comando para apagar no papel. Usava-se fita ou líquido corretivo branco que cobria o erro indesejado. Mesmo assim, a mancha branca permanecia visível, um sinal claro do cuidado de quem tentava consertar o que não tinha saído exatamente certo.

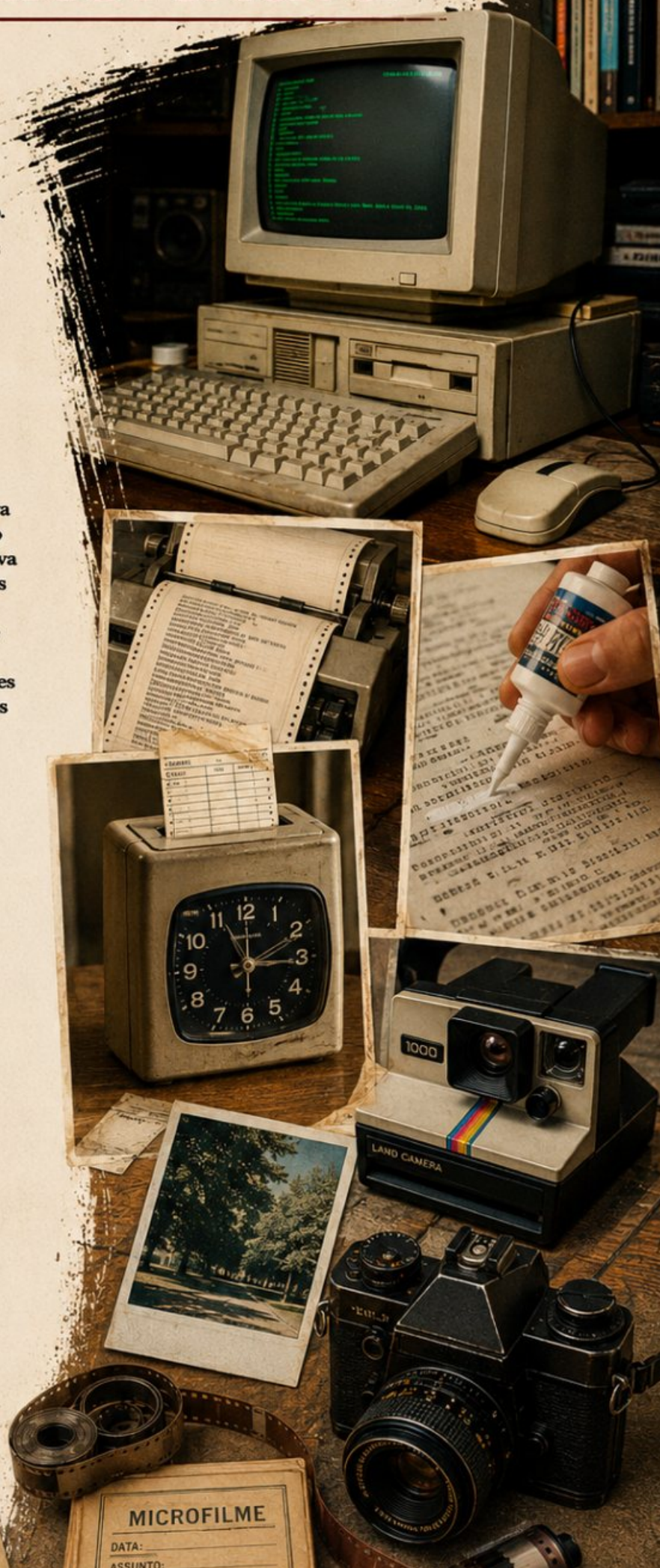
Já parou para pensar naqueles computadores dos anos 90, com aquelas telas volumosas e profundas, que ocupavam um espaço considerável na mesa? Havia um brilho característico na tela e um leve zumbido que acabava fazendo parte do ambiente de trabalho. Traziam consigo uma CPU pesada e aquela promessa vaga de futuro que parecia morar dentro deles. Eram lentos, é verdade. Às vezes emperravam, hesitavam, faziam-nos esperar.

Mas e a internet discada, então? Transformava a conexão em ritual. E o som? Era quase como escutar uma sinfonia meio estranha, pois começava com uma série de apitos agudos e chiados, estalos e estática pulsante, que pareciam uma conversa enigmática entre máquinas. Eu sempre achei que aquele barulho era uma espécie de saudação tecnológica, um anúncio de que estávamos prestes a atravessar um portal aberto como nos episódios de *Star Trek*, um portal de dimensões que nos fazia pausar, esperar e preparar o espírito para o desconhecido.

Quem usou sabe, lembra quando o relógio mecânico batia o ponto? Sim, teve o período do livro-ponto, com sua disciplina silenciosa, e depois, vieram os relógios mecânicos que perfuravam o cartão com um estampido seco e definitivo. Aquele som marcava mais do que a hora: marcava a obediência do corpo ao dia, a entrada no dever, a saída possível.

Pense um instante na microfilmagem, na câmera fotográfica, na revelação manual, e na polaroid. Nada vinha pronto, pois tudo dependia da paciência e do cuidado. E as câmeras? Ah, isso era outro assunto: o filme era frágil, sensível, cada clique era uma decisão. Não dava para ver o resultado na hora. A foto vivia num limbo de expectativa até o dia da revelação, quando você ia buscar o envelope no laboratório, e por vezes, o coração batia um pouco mais rápido, quase numa mistura de curiosidade e emoção.

Já as câmeras instantâneas trouxeram outra magia: a imagem emergia diante dos seus olhos, devagar, como um segredo que se revelava por conta própria e as cores ganhando corpo, rostos surgindo do branco, o mundo aparecendo em camadas.



PONTO

ENTRADA

MICROFILME

DATA:

ASSUNTO:



“ Agora, feche os olhos e tente lembrar o aroma das folhas saídas do mimeógrafo, algo vai acontecer. Não é uma lembrança que vem pela cabeça, é uma que vem pelo olfato, aquele cheiro inconfundível de álcool misturado com tinta violeta — um aroma que, para quem viveu a era escolar analógica é um dos maiores gatilhos de memória. Só de pensar naquelas folhas úmidas, fresquinhas, com as letras da professora brilhando em roxo, e mesmo no momento de uma prova, a classe inteira levava a folha ao rosto : aquela fungada coletiva e involuntária, quase um gesto sagrado. Era como se o odor desse coragem, ou pelo menos distraísse por um instante do que vinha a seguir.

Agora procure lembrar da magia da cópia ou, mais exatamente da “Xerox”. A sensação de colocar um documento sobre o vidro, baixar a tampa e aguardar aquele feixe de luz percorrer a página tinha algo de fascinante. Instantes depois, a folha surgia do outro lado ainda morna, trazendo uma réplica quase perfeita do original.

Já percebeu como mudou a forma de fotografar com a chegada dos celulares e das câmeras digitais? A velocidade da imagem ficou literalmente na palma da nossa mão. Tiramos dezenas, centenas de fotos, apagamos na hora, compartilhamos com um toque, guardamos tudo na nuvem. Ganhamos em agilidade e praticidade, e isso tornou nosso dia a dia muito mais fácil do que era antes, quando tudo demandava mais tempo e esforço.

Sabe, é curioso como no avanço dos anos, o nosso telefone tradicional, aquele fixo com fio espiralado, deu lugar aos modernos celulares, ficava preso na parede ou numa mesinha, com aquele fio enrolado que se esticava pela casa inteira como um tentáculo doméstico. A gente aprendia a conviver com ele com uma coreografia de quem tenta ir até a cozinha sem arrancar o aparelho da parede ou da mesa, o fio enroscando nas pernas, nos móveis, lembrando a todo momento que aquela conversa tinha um centro de gravidade.

Pense no momento em que tocava o telefone. Não havia como ignorar. Aquele timbre insistente cortava qualquer ambiente e anunciava que do outro lado havia alguém esperando, agora, neste segundo. Sem identificador de chamadas, corríamos para atender antes que a pessoa desistisse.





“ O velho disco do telefone merece um parágrafo só seu. Dez algarismos, dez movimentos circulares, cada um com sua resistência particular, seu ângulo de retorno, o pequeno clique ao final de cada giro. Os dedos acompanhavam o movimento circular do disco, sentindo a resistência da mola e ouvindo o clique ritmado do retorno. Não havia pressa possível.

Então, meus amigos, veio a internet móvel, com suas possibilidades quase infinitas. De repente, aparelhos que serviam apenas para falar passaram a ser janelas para o mundo inteiro. Aplicativos de mensagens, plataformas de videoconferência e outras ferramentas digitais, revolucionaram a maneira como nos comunicamos, permitindo que as pessoas do mundo inteiro escrevessem mensagens, enviassem fotos, áudios e vídeos em um piscar de olhos. A comunicação que antes tinha ritmo, pausas e até distâncias (como as nossas cartas escritas à mão), passou a ser imediata, contínua e, para muitos, inevitável.

Às vezes, porém, me pego pensando em como a espera desapareceu da nossa rotina. Não esperamos mais a fotografia ser revelada, a carta chegar ou a conexão completar seu ritual de sons e chiados. Ganhamos praticidade, velocidade e acesso a um mundo inteiro na palma da mão, mas aquela expectativa silenciosa, que fazia parte de tantas pequenas experiências, parece ter ficado pelo caminho.

Ao recordar essa trajetória, das máquinas mecânicas aos sistemas inteligentes de hoje, é impossível não pensar nas pessoas que ajudaram a construir cada etapa dessa evolução. Por trás de equipamentos, códigos e descobertas que transformaram o mundo, existiram mentes visionárias que abriram caminhos para as gerações seguintes. Entre elas, muitas mulheres deixaram contribuições fundamentais para a história da computação, embora nem sempre tenham recebido o reconhecimento merecido.





“

E assim, meus caros leitores, fico feliz que tenham chegaram até aqui comigo, entre teclas que marcaram braços cansados e telas que hoje brilham silenciosas, seguimos navegando no tempo, levando o cheiro das máquinas, o som dos aparelhos, e a memória de um ritmo que talvez nunca volte, mas que sempre estará conosco. Porque por mais que tudo avance e acelere, o que realmente importa é a presença que deixamos nas coisas, o cuidado que colocamos em cada gesto, e a história que guardamos no coração.

Que esta viagem pelas máquinas de ontem nos faça lembrar que a tecnologia é mais do que função e eficiência: é parte da nossa vida, do nosso jeito de ser. E que, mesmo nas telas frias do presente, podemos encontrar um pouco daquela humanidade que sempre pulsa atrás de cada toque.



### *Sobre a autora*

Raquel Fiori é Doutora em Educação em Ciências pela UFRGS e Conselheira Federal de Química, a Química Raquel Fiori combina uma sólida trajetória acadêmica com liderança técnica no serviço público, tendo atuado como diretora do IPB-LACEN/RS e coordenado o Laboratório de Contaminantes, com trabalhos publicados nessas áreas. Sua experiência também abrange a docência e a formulação de políticas públicas, com uma atuação política e sindical voltada à equidade e à ética profissional. Como pesquisadora, destaca-se por uma produção científica que questiona a suposta neutralidade da ciência, defendendo que a presença feminina na Química e promovendo uma transformação qualitativa ao priorizar a sustentabilidade e a humanização da pesquisa.

Memórias que  
nunca sairão  
do papel.

Relatórios  
1995

Lembranças  
que o tempo não apaga.

C:\memoria  
carregando...  
  
Conexão estabelecida.

o futuro  
começou  
assim.

Tecnologia muda.  
Memórias ficam.





# REVISTA CONEXÃO *Literatura*

LEITURA QUE CONECTA. HISTÓRIAS QUE FICAM.



NOSSA REVISTA  
VIAJA NUM  
SEGUNDO ATÉ  
VOCÊ. ELA  
TAMBÉM VIAJA  
NO TEMPO.



$E=mc^2$



LER  
TRANSFORMA  
!

Desde 2015 no ar,  
trazendo com carinho e dedicação  
dicas para leitura, entrevistas com  
escritores, contos, poemas, crônicas  
e muito mais. Feita por nerds  
apaixonados por literatura,  
especialmente para você.

LITERATURA É:



VIDA



ARTE



TEMPO

DE PRIMEIRA NECESSIDADE!

“

Livros não têm  
reset, mas sempre  
nos atualizam.

AQUI, CADA PÁGINA ABRE  
PORTAS PARA NOVOS MUNDOS.

*Conecte-se com  
boas histórias.*

ACOMPANHE, LEIA, COMPARTILHE!



REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



# PADRE SPADONI E O LOBISOMEM

★ CORDEL DE ADEMIR PASCALE ★

Nas matas do sertão profundo,  
Onde o vento uiva e assobia,  
Há quem diga que, nas noites,  
O lobisOMEM ainda ronda e se cria.

Conta o povo, com certeza,  
Que, na lua cheia reinante,  
Um homem vira fera braba,  
E o medo toma o sertão distante.

Padre Spadoni, homem de fé,  
De oração forte e coragem,  
Não se escondeu, nem fugiu,  
Foi enfrentar tamanha selvageria.

Com seu crucifixo na mão,  
Água benta e o terço a brilhar,  
Foi ao encontro da fera,  
Pra o mal do mundo espantar.

E o lobisOMEM, enfurecido,  
Com olhos de fogo e uivo ancestral,  
Recuou diante da cruz sagrada,  
Pois a luz de Deus é imortal.

Voltou o padre pro povo,  
Com a fé ainda mais forte,  
E o sertão aprendeu na história:  
Quem anda com Deus,  
não teme a morte.



## ★ SOBRE O AUTOR ★



Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural, criador e Editor da Revista Conexão Literatura, Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro).

Já foi Educador Social e também trabalhou por 18 anos no setor de Inclusão Digital na Cidade de São Paulo, numa rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em várias partes do país e do mundo, um trabalho desenvolvido para pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social.

Participou em mais de 100 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir) e "Time Out – Os Viajantes do Tempo" (Editora Estronho). Entre a organização de suas antologias, estão os títulos "O Legado de Edgar Allan Poe", "Histórias Para Ler e Morrer" de Medo" e outras.

✉ Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Revista  
**CONEXÃO**  
— L I T E R A T U R A —

# A LEVEZA DO AMOR

*Por Ivana T. Souza*

O amor nasce no silêncio,  
Não é chama breve,  
Nem vento fugaz.  
É fogo constante, que nos  
Aquece nos ventos frios  
Da vida.

Entre risos e lágrimas,  
O amor se prova, e o tempo  
O molda, como rio que,  
Serenos, pela pedra se dobra.  
Nos ventos da vida, o amor  
Não se esvai, mas se firma.

Se consolida, constante e confiável.  
Não há pressa, nem promessa  
Vazia: há esperança.  
E, no silêncio que não cobra,  
Não fere, ele permanece sólido,  
Profundo e sereno.

E, quando a vida marca os corpos  
E os cabelos, o amor se torna farol,  
Luz tranquila a nos guiar: silencioso,  
Inteiro, verdadeiro.

**Ivana T. Souza**, é catarinense de Barro Branco, Distrito de Lauro Muller - Sul do Estado, e reside há mais de 30 anos em Joinville - SC. Seus trabalhos literários, na forma de - contos, microcontos, poemas e poesias - são publicados na Revista Conexão Literatura. É esperantista e Membro da Mostra de Arte Literária Espírita (CEPS) de Joinville.





AMOR NÃO SE COMPRA,  
**SE ADOTA!**



# CONHEÇA

A

# ONG

**CÃO SEM  
DONO**



SÃO CENTENAS DE CÃES QUE  
AGUARDAM POR **SUA AJUDA**

**SAIBA MAIS:**



[www.caosemdono.com.br](http://www.caosemdono.com.br)



**SALVE UMA VIDA**  
Adote e transforme  
o futuro de um cão.



**UM LAR DE AMOR**  
Eles só precisam  
de uma chance.



**COMPANHEIROS  
PARA SEMPRE**  
Gratidão, lealdade  
e amor incondicional.



**SEJA A MUDANÇA**  
Sua atitude pode  
fazer a diferença.

≡ Adote amor, **mude vidas!**



@CAOSEMDONO.OFICIAL



[WWW.CAOSEMDONO.COM.BR](http://WWW.CAOSEMDONO.COM.BR)



Série GARÇAS BRANCAS E EU



# No Espectro Cinzento

Por Sellma Luanny

Onde o céu, o mar e o horizonte  
mesclam numa mesma cor...  
elas não se intimidam... não podem.  
Já voam neste baço amanhecer.

Embelezam por si... seu porte...  
sua alvura... seu gracioso ir...  
Destacam-se do estranho fundo...  
São dádivas da teimosa Natureza.





Série GARÇAS BRANCAS E EU



# Nunca Deixam De Voar

Por Sellma Luanny

Amanhecer denso escuro  
com baixas nuvens, cinzento...  
E consigo discernir alguns vultos  
de densa brancura voando.

Em direção a espaço d'água  
mais amplo e promissor, voam.  
Na sua continuidade, do alimento  
a busca... diária e incansável.

E cedo ainda, neste alvorecer,  
algumas, da sua lida que nunca  
termina e é contínua... um retorno.  
Permitida a vida, lá estão, voando.





Série GARÇAS BRANCAS E EU



# Garças Coloridas

Por Sellma Luanny

Ontem, ao sair para longe  
da minha restrita visão de janela  
para o lado da nascente deste rio  
caminhei... e fui presenteada.

Vi entre as brancas garças, duas  
com dorso e asas cinza-escuras.  
Estavam juntas, até em voo.  
Variantes da espécie, em comunhão.

Vi outras aves, algumas tão grandes  
e elegantes quanto as garças... E  
pássaros pequenos e médios...  
todos nas suas distintas atividades.

Um deslumbre para os olhos... seres  
outros, nestas paragens tão mínimas  
perante a imensa diversidade do todo  
planetário... e eu, só um entre tantos.





Série GARÇAS BRANCAS E EU



# Escuros Céus

Por Sellma Luanny

Contra um denso e escuro amanhecer  
as primeiras brancas garças voam.  
Impetuosas na sua fragilidade,  
determinadas na sua vida... persistem.

E eu não voo... não as invejo... só observo.  
Neste meu ponto admiro e registro.  
Na temporalidade de tudo e todos  
coabitamos aqui... elas, eu e outros.

---

Nota de rodapé:  
décima quinta parte da série  
GARÇAS BRANCAS E EU (partes a serem  
publicadas mensalmente, nesta revista).

---

## Biografia sumária:

A autora publicou três livros de poesia  
e participou de duas antologias – em papel.  
Tem participado de e-books e edições  
da Revista Conexão Literatura.  
No YouTube, canal Sellma Batalha,  
tem lançado sua obra.



# DICA DE leitura

Histórias que inspiram, ensinam e transformam!

Para sua  
mente



Contos e poemas que exploram o **imaginário épico** e a força das narrativas eternas.

Para seu  
coração



Poemas e contos que tocam a alma, despertam sentimentos e **celebram a beleza da vida.**



Acesse o site  
[www.divulgalivros.org](http://www.divulgalivros.org)  
e baixe os e-books  
**gratuitamente!**

Leia mais,  
Viva melhor.





# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA  
NOVA EDIÇÃO



Revista

# Conexão Literatura

# AMORECAOS

Por Jaff Silva

*Poemeto dedicado à minha esposa*

Você eu, você você eu, você você você eu,  
Você você você você eu..., você... você eu...

O amor é ali  
O amor é alô  
O amor é aqui  
O amor é aquilo?  
O amor é a quilo.

O amor é pouco?  
O amor é louco?  
O amor não é louco, por pouco.  
O amor é aquilo porque qui-lo!

O amor é isto  
O amor é isso  
O amor é misto  
sem ser omissso.

O amor é o mar?  
Não o amor é a mar,  
O amor é a mar o mar.

O amor é mudo?  
O amor é a mordança d'alma que esvoaça,  
O amor é falô...  
O amor é surdo ou doido?  
O amor é doído no ouvido.

O amor é tudo?  
O amor é profundo,  
O amor é um mundo, no fundo.





O amor é doce?  
O amor é d'ocê.  
O amor é seu?  
O amor é céu.

O amor fere?  
O amor é mel e de fel,  
O amor é de fé!

Amor em casa?  
O amor casa.  
A morada namorada.

O amor é uma graça  
Que não sai de graça  
Por mais que se faça.

O amor é sexo sem nexo,  
O amor é caos, doido e doído.  
Embora amue e doe,  
Ame e perdoe.

Você eu, você você eu, você você você eu,  
Você você você você eu ..., você...você eu...  
O amor é esta sequência, esta onisciência,  
Esta vivência nesta Querência.



**CLIQUE AQUI**  
E OUÇA A MÚSICA  
**AMORECAOS**

## Sobre o autor

**Jaff Silva** (pseudônimo de Jafferson Kamphorst Leal da Silva) nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG.

Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Ele escreve seus poemas em português e os traduz para várias línguas.

Gosta de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial.

Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de música (Spotify, YouTube, Tidal etc.).



# PACOTE DE DIVULGAÇÃO *para* AUTORES



PALAVRAS  
INSPIRAM.  
DIVULGAÇÃO  
TRANSFORMA  
LEITORES  
EM FÃS.

PROMOVA O SEU LIVRO COM A GENTE!

*Quer divulgar seu livro para*  
**MILHARES DE LEITORES?**



AUMENTE SUA  
VISIBILIDADE



PROMOVA  
SEU LIVRO



CONQUISTE NOVOS  
LEITORES

PACOTE DE DIVULGAÇÃO  
— POR APENAS —

**R\$ 180,00**

ENTRE EM CONTATO

**CLIQUE AQUI**



FALE CONOSCO

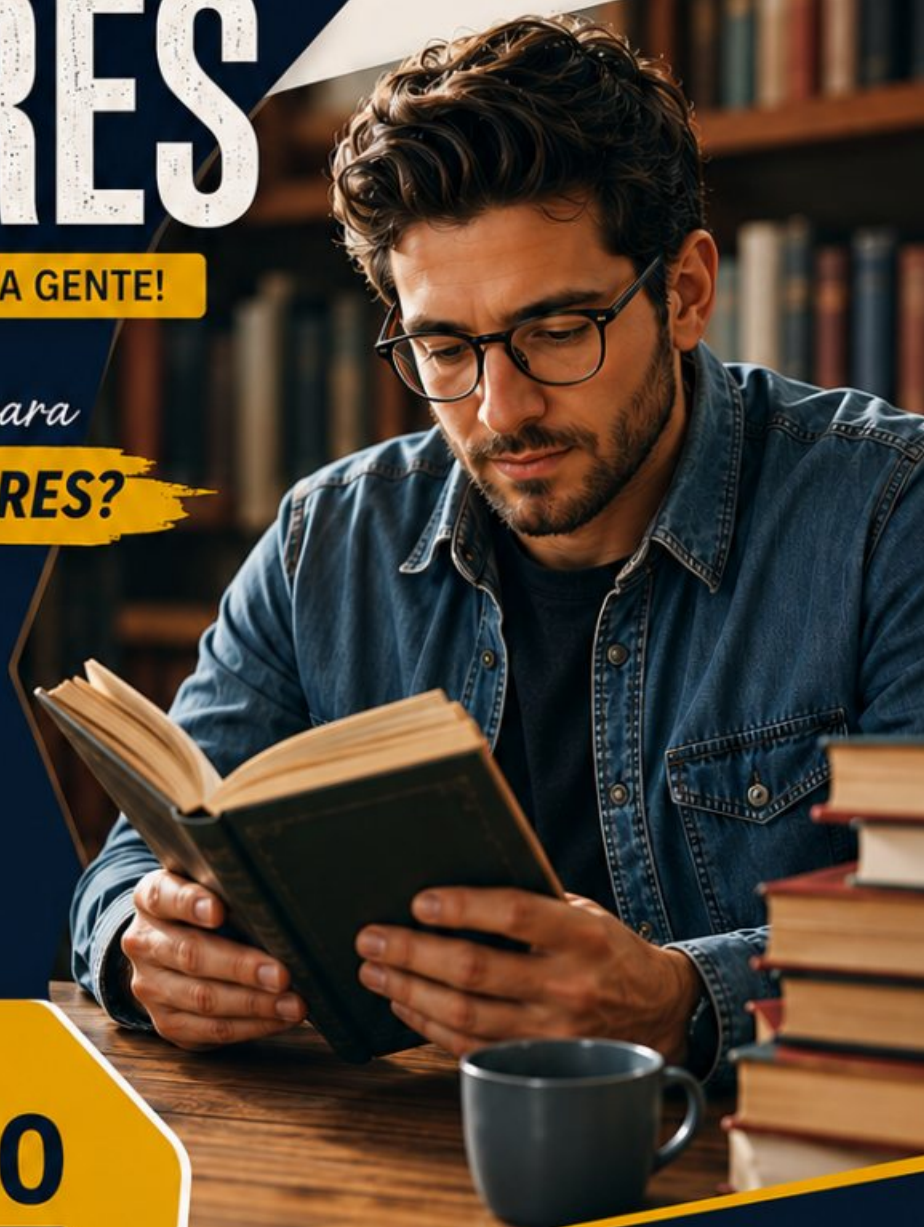
E-MAIL:

ademir@divulgalivros.org



SITE:

revistaconexaoliteratura.com.br



“

UM BOM LIVRO  
MERECE SER LIDO.

*E divulgado!*





# IDENTIDADE É COISA DO PASSADO

Por Clarissa Machado

“

Creio que nos demos  
conta da importância  
dessas **raízes** e da  
importância de conectar  
com quem somos,  
onde a identidade e  
a busca pela identidade  
são importantes porque  
podem **nos libertar...**

LILA DOWNS  
Los Caminos de la vida  
de Lila Downs. BBVA.





Quando eu tinha 13 anos, sofri um acidente na escola. O corte nas costas era fundo e era quase unânime a certeza de que eu deveria ir ao hospital, pois precisaria de pontos. Eu mencionei *quase* porque para meu pai, bisneto da indígena Maruca Puri, haveria outra solução muito mais simples e indolor.

Cresci ouvindo as histórias da minha ancestral Maruca Puri. Ela é avó do meu avô Machado e ele nutria uma admiração profunda por seus ensinamentos e, com muito gosto, perpetuava seus saberes. O mais marcante para mim não eram as narrativas que vovô transmitia, e sim a confiança e o respeito à sua ancestralidade e à natureza. Para meu avô, a natureza sempre estava a nosso favor e era a mão de Deus em nossas vidas: tudo o que precisamos para viver está na natureza, em nossa terra, em nosso território. Contudo, era fundamental - aconselhava vovô - que nós também fôssemos bons para a natureza, que tem suas próprias leis, todas muito justas: as leis da física, que são universais, como, por exemplo, a da ação e reação: tudo o que fazemos na vida volta para nós, é como um bumerangue.

Na ocasião do meu acidente, o fato de o machucado ser corto-contuso não assustou meu pai, que tinha em nossa área de serviço algumas jardineiras com plantas, dentre elas o saião (ou, para muitos, a flor-da-fortuna). A partir dos saberes ensinados por meu avô, meu pai fez um preparo com saião, aplicou envolto em gaze no local, após limpeza da ferida que sangrava muito, e finalizou com um curativo. No dia seguinte, fui para a escola normalmente e todos perguntavam como havia sido no pronto-socorro. O espanto maior não era eu não ter ido, mas eu estar com uma planta “colada” no corpo. Todas as noites, papai refazia o “emplastro” e, graças às propriedades analgésicas, anti-inflamatórias e cicatrizantes do saião, minha recuperação foi exitosa, e hoje, 36 anos depois, tenho dificuldades para localizar a área exata da lesão.

Não havia o menor estranhamento de minha parte às técnicas usadas e recomendadas por meu avô, que sempre salientou que eram ensinamentos da sua avó “Maruquinha”. No meu núcleo familiar, todavia, a realidade cotidiana não era tão somente os saberes ancestrais do povo da minha trisavó paterna, já que em minha família materna, uma ancestral também havia deixado um legado cultural forte. A avó argentina da minha mãe, Josepha Adelaide, foi a ascendente mais referida ou como gosto de dizer “contada”. E, então, durante muito tempo, eu me senti dividida, sem saber se eu era indígena, brasileira ou argentina, até porque, naqueles tempos, os argentinos afirmavam que “descendente de argentino é argentino independentemente de onde tenha nascido e de onde more”, em virtude da herança cultural.

O que me aconteceu foi que, a depender da situação, eu me sentia mais como parte de um povo do que de outro, ou até um pouco de todos. Eu sabia que era mestiça, jamais houve qualquer dúvida ou ocultação a este respeito em minha família - “Somos mestiços!”. A questão era:

### **O que significa exatamente ser mestiço?**

Recentemente, ao assistir à palestra da cantora Lila Downs, pela primeira vez, ouvi alguém traduzir a angústia que eu sentia sobre “o que sou eu, afinal?”



“Cresci em um entorno tricultural. Depois aprendi que isso é o que sou, e também aprendi que sou um pouco marginal porque sou diferente e sou parte indígena, parte mestiça e também mexicano-americana. E aprender todas essas noções e ser, tem sido meu caminho de vida (...) Creio que nos demos conta da importância dessas raízes e da importância de conectar com quem somos, onde a identidade e a busca pela identidade são importantes porque podem nos libertar...”

(Lila Downs, Los Caminos de la vida de Lila Downs. BBVA.)

Mestiça é toda pessoa que descende de pais de etnias diferentes ou simplesmente que descende de pessoas de duas ou mais etnias distintas - ou seja, se você tem ancestrais que nasceram em países ou continentes diferentes: você é mestiço! Nada a ver com "pardo", porque não necessariamente a pessoa mestiça vai herdar a cor da pele de um antepassado próximo; pode herdar características de um ancestral remoto, em alguns casos, bastante remoto. Pode-se herdar os olhos, os cabelos, os lábios, o nariz, as orelhas, a quantidade de pelos, o biotipo... E como aprendemos em Biologia, mesmo que não manifestemos certos traços característicos, estes podem estar guardadinhos em nosso DNA, porque o mestiço pode possuir características de cada etnia ancestral dele. Por isso, é tão difícil escolher a “resposta certa” naquelas questões de “múltipla-escolha” estatísticas - em países como o Brasil: *branco - preto - amarelo*. Hã??? Pessoalmente, sempre considerei tal prática um grande embuste - salvo nos casos de colônias de imigrantes - ainda assim, sabemos, há controvérsias, uma vez que, historicamente, seria quase impossível um povo não ter se unido a outro...

Alice Dunbar Nelson (1875) foi, na minha opinião, uma das escritoras que melhor expôs a situação das pessoas mestiças. De acordo com registros, ela costumava queixar-se com frequência do desconforto de pertencer a todos os lugares e, ao mesmo tempo, não pertencer a nenhum: “entre os brancos, não sou branca o suficiente; entre os negros, não sou negra o suficiente” e, assim, a escritora teria passado a vida perplexa com a impossibilidade de encontrar seu lugar no mundo. É verdade que ela - por ser mestiça - teve a chance de frequentar espaços e ser aceita em ambientes em que não “poderia” na New Orleans de fins do século XIX; no entanto, ela notava que havia um tratamento desigual: ou ela era mais favorecida por sua pele ser mais clara, ou, por outro lado, ela não era incluída em alguns círculos por sua pele não ser tão clara.

A experiência de Dunbar Nelson como mestiça foi transformada em obra e luta. Ela escreveu o ensaio “Brass Ankles Speaks” (famoso pela frase “sou da última classe”) e o conto “The Stones of the Village”, e passou a ser ativista pelos direitos das *Colored People*, sendo cofundadora da *White Rose Home for Girls*. Ela também lecionou no *State College for Colored Students* e trabalhou como organizadora para o movimento de sufrágio feminino, participando do Comitê Feminino do Conselho de Defesa. A escrita de Alice Dunbar Nelson abordou a questão mestiça, multirracial, étnica e de imigração, trazendo à tona aquele que talvez seja o maior dos paradoxos no que concerne à pessoa mestiça: “meio dessa cor, meio daquela cor” e as expressões “café com leite”, “bronze pálido”, “amarelo de cabelo loiro” e “marrom indiano”.



Como se depreende, aos mestiços lhes são oferecidos o todo-lugar e, ao mesmo tempo, o não-lugar; ou melhor dizendo: um "lugar de fronteira". Ele é parte de todos os grupos, porém, muitas vezes, é excluído por não ter a aparência "esperada". É que o mestiço é multirracial, multiétnico e multicultural; logo, para um mestiço, se posicionar representa um dilema sem precedentes, já que decidir-se por uma ancestralidade, a princípio, é sentido como um desprezo à(s) outra(s) que o compõem.

Sobre a causa mestiça, bem pouco se fala e ela acaba sendo considerada menos relevante. A antropóloga Joyce Lopes é quem melhor tratou do assunto no Brasil, a meu ver. Joyce sempre pontuou os critérios para a definição do mestiço: aparência em relação à quantidade de melanina e aos traços físicos. Em "Entrevistas Branquitudes" - "Mestiçagem e Branquitude" (episódio 14, temporada 1, Globoplay, 2020), a Dra. Joyce Lopes fala com Lia Vainer Schucman (professora de Psicologia da UFSC) sobre a ideologia da mestiçagem, pigmentocracia, melaninocracia, fenotipofobia, o lugar relacional do mestiço (o entre-lugar, não-lugar), colonialidade, processo de pertencimento, espaços de sociabilidade, raça como lugar de poder e o sujeito indefinido.

No Brasil, anualmente, em 27 de junho, é celebrado o Dia do Mestiço, tendo como patronos Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. À propósito, a *etnia mestiça* já é oficialmente reconhecida nos estados de Amazonas, Roraima e Paraíba. Em Manaus, no dia 20 de junho de 2011, ocorreu o Primeiro Congresso Mestiço, que reuniu pesquisadores do Brasil e dos Estados Unidos. O objetivo foi analisar todas as teses relacionadas ao "ser mestiço", democratizar o acesso à informação adequada e criar mecanismos que evitem o uso equivocado do termo.

Na América Latina, especialmente na Argentina (e cabe ressaltar que, muito embora não se comente, a população indígena no território argentino é considerável. Estima-se que as províncias do norte e do sul contam com mais de 30 (trinta) grupos. Na Província de Corrientes, por exemplo, onde minha bisavó nasceu, o povo originário predominante seria o Guaraní) - a *Identidad Marrón* constitui um movimento político, social e cultural em que participam descendentes de povos originários, imigrantes e camponeses; cujo objetivo é visibilização, acesso à justiça e questionamento do "daltonismo social", por meio, principalmente, do *Artivismo* (Arte e Ativismo) que inclui literatura, poesia, produções audiovisuais, entre outros. O livro "Marrones escriben" talvez seja o exemplo mais exitoso de Artivismo.

Retomando Lila Downs:

"...aprendi que isso é o que sou, e também aprendi que sou um pouco marginal porque sou diferente e sou parte indígena, parte mestiça e também mexicano-americana. E aprender todas essas noções e ser tem sido meu caminho de vida..."

Pensei anos sobre isso - sobre qual seria o meu caminho e propósito de vida. Do que me é mais afeto, o que me é pertencimento, ou seja, que saberes me pertencem desde a minha infância, que fizeram parte da minha dinâmica de vida e aos quais eu frequentemente (me) volto. Procurei respostas dentro de mim. Voltando meus olhos ao meu passado e ao que dele trago para o presente: por que a natureza me é tão importante, por que falo com animais e plantas? Por que os ensinamentos do meu avô são parte tão



relevante na minha vida? Perguntei-me por anos - o que sou eu? Com o que me identifico? O que é verdade para mim? No que pauto minhas decisões? O que não posso viver sem? Ponderei anos sobre o passado e o presente. Até que um dia, deparei-me com um relato do Professor Daniel Munduruku (Instituto Conhecimento Liberta (ICL) Pós-Graduação), em que ele esclarecia que:

“Os povos indígenas só têm dois tempos: o tempo **passado**, que dizemos ser o tempo da memória; e o tempo **presente**, o tempo agora, o tempo hoje. Nas línguas indígenas, e na língua Munduruku, em especial, não existe a palavra futuro. Porque para existir a palavra futuro, um Munduruku ou um indígena de qualquer povo teria que ter experimentado o futuro, aí ele criaria a palavra para referenciar. Mas como ninguém experimenta o futuro antes do futuro acontecer, a gente não tem palavra para dizer o que é. Portanto, o futuro para o indígena é uma ficção, uma ficção criada para iludir”.

As recordações do meu passado começaram a florescer em minha memória. Lembrei-me de que minha mãe costumava entoar cantos indígenas para eu dormir. E de meus trabalhos da escola, quase sempre sobre a Iara, da minha atuação como Curupira no teatro da escola e o meu particular gosto por danças ancestrais. Isso sem falar dos meus “hábitos estranhos” como a minha coleção de pedras, a maioria cascalhos, seixos, pedras-sabão e feldspatos; assim como minha mania de recolher “porcarias” (folhas e flores) do chão. No entanto, o maior assombro das pessoas foi quando, na adolescência, eu tive um pintinho (chamado Nill) em um apartamento e que ainda dormia no meu quarto, ao lado da minha cama - o maior absurdo!!

Lembrei-me também de quando, nos anos 80, visitei o Museu do Índio (hoje Aldeia Maracanã), localizado na rua Mata Machado, Maracanã, Rio de Janeiro. E que desenvolvi uma *incompreensível fixação* com o local - que curiosamente (ou não) anos depois se tornaria um lugar de referência para o resgate dos saberes e da língua Puri, o povo da minha ancestral! No site *Aldeia Marakana* é possível encontrar vasto material sobre a história dos Puri e sobre *O que é ser Puri*. Ler os textos, me fez regressar ao passado, me recordar de meu avô e das coisas que ele nos contava. Realmente, lendas não existem. O que existem são histórias reais, memórias e vivências. Estudar sobre o povo da minha “Maruquinha” despertou em mim o sonho de resgatar a minha própria história, a história da minha linhagem, até então, tão somente as *oraturas do meu vovô Machado*. Iniciei uma produção poética em tributo a Maruca Puri e dois dos poemas da minha primeira coleção já estão publicados: *Meu Hino Ancestral (A Canção de Maruca Puri)*, pela Revista Conexão Literatura, edição de julho de 2025 e *Som (os) Maraka'nã*, pelo Canal Conexão Nerd, no *Youtube*, em vídeo de abril de 2026.

Tenho vivido uma jornada de (re) descoberta, valorização e fortalecimento da minha identidade e, de certa forma, estou dando continuidade à feliz e potente missão do meu avô: não deixar a nossa ancestralidade invisível e apagada. E tem sido incrível observar como tudo se encaixa. Revistando assiduamente meu passado, ainda apurei que faz todo sentido que meus primeiros poemas, escritos quando eu tinha ali por volta dos meus 9 anos, tenham sido: Jardim Botânico e Primavera (publicados recentemente na Antologia Universo da Poesia, Volume II, Selo Conexão Literatura, Revista Conexão Literatura, sob



o título 1986) e meu primeiro conto, aos 10 anos, tenha sido “A História do Bicho-Pau”. Bem como o meu primeiro poema em língua inglesa, aos 15 anos: *flowers*. Quantos indícios da minha essência... Minha identidade intrínseca, nata. E era e é tudo tão evidente!! Como eu pude passar tantas décadas com aquela dúvida shakespeariana - “ser ou não ser: eis a questão”? Como um “sujeito indefinido”... Bem, agora, tempo presente, graças ao meu passado, às minhas memórias, sei qual é o meu lugar no mundo.

Hoje, sim, posso declarar que sei qual é o lugar que devo ocupar, porque agora sei o que, parafraseando Lila Downs, *tem sido meu caminho de vida*. [A minha linha do tempo].



**Clarissa Xavier Machado** é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução, Literaturas Brasileira e Inglesa, e Neurociências da Educação. Autora dos livros “Pelas Águas de São Lourenço”, “São Lourenço, Cidade da Gente”, “Buen(os) Aire(s)” e “A Voz de Nhá Chica”. É Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário, da Cultura de Paz e do resgate dos saberes dos povos originários.

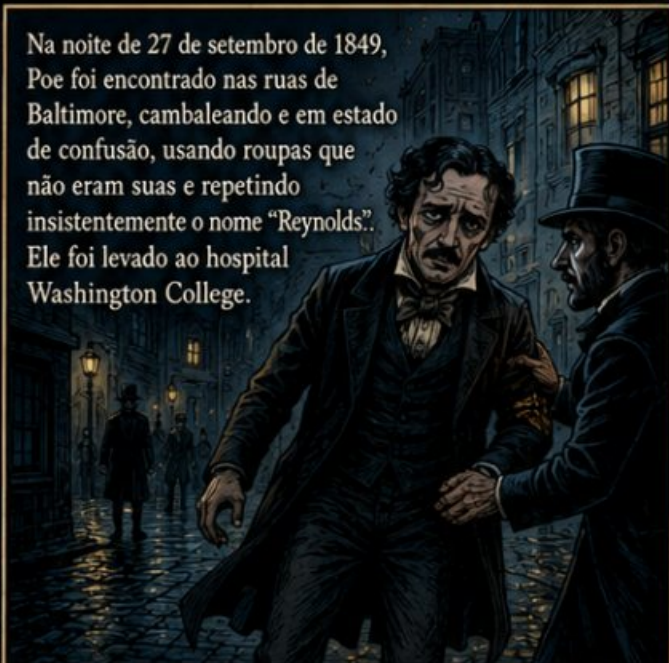


## A MORTE DE EDGAR ALLAN POE

O MISTÉRIO QUE NUNCA FOI TOTALMENTE ESCLARECIDO



Edgar Allan Poe, mestre do terror e do mistério, nasceu em 19 de janeiro de 1809, em Boston. Ficou órfão ainda criança e foi criado por uma família adotiva na Virgínia. Poeta, contista e crítico, marcou a literatura com sua genialidade sombria e visionária.



Na noite de 27 de setembro de 1849, Poe foi encontrado nas ruas de Baltimore, cambaleando e em estado de confusão, usando roupas que não eram suas e repetindo insistentemente o nome "Reynolds". Ele foi levado ao hospital Washington College.



Ninguém sabe ao certo o que aconteceu naqueles dias. As teorias são muitas: intoxicação por álcool, envenenamento, sequestro e "cooping" (prática ilegal de forçar alguém a votar várias vezes nas eleições da época) são algumas das hipóteses levantadas.



Poe permaneceu no hospital por quatro dias, em delírio, sem recuperar completamente a consciência.



Em 7 de outubro de 1849, às 5 da manhã, Edgar Allan Poe morreu. Suas últimas palavras conhecidas foram um sussurro quase inaudível: "Senhor, ajuda a minha pobre alma.."



Seu enterro foi simples e realizado sem pompa. Apenas alguns amigos íntimos estiveram presentes. Hoje, sua obra é eterna, mas o mistério sobre sua morte permanece vivo até os dias atuais.



Assim como em suas histórias, a vida de Poe terminou envolta em sombras, deixando para o mundo uma lenda que jamais será esquecida.

*"Quase todos os corações reconhecem, em seus últimos momentos, os dedos de Deus."*

– Edgar Allan Poe

### TEORIAS MAIS CONHECIDAS:

- Intoxicação alcoólica
  - Envenenamento
  - Epilepsia ou doença cerebral
  - Cooping (fraude eleitoral)
  - Raiva
  - Sífilis
  - Condições médicas não diagnosticadas
- 



# 10 MAIORES CURIOSIDADES

## SOBRE HISTÓRIAS DE LIVROS E AUTORES

1

### J. K. ROWLING ESCREVEU HARRY POTTER EM CAFÉS.

Antes do sucesso mundial, a autora escreveu grande parte do primeiro livro sentada em cafés em Edimburgo, com o bebê no colo e enfrentando dificuldades financeiras.

2

### O PEQUENO PRÍNCIPE FOI ESCRITO DURANTE O EXÍLIO.

Antoine de Saint-Exupéry escreveu O Pequeno Príncipe nos Estados Unidos, longe da Europa em guerra. A obra foi inspirada em conversas com seu melhor amigo.

3

### AGATHA CHRISTIE DESAPARECEU POR 11 DIAS.

Em 1926, a autora sumiu misteriosamente e foi encontrada em um hotel, alegando não lembrar de nada. O caso inspirou seu livro "A Misteriosa Aventura de Styles".

4

### FRANKENSTEIN FOI ESCRITO POR UMA ADOLESCENTE.

Mary Shelley tinha apenas 18 anos quando escreveu Frankenstein, inspirada por um desafio entre amigos para criar a melhor história de terror.

5

### O GRANDE GATSBY FOI UM FRACASSO INICIAL.

O romance de F. Scott Fitzgerald não vendeu bem quando lançado, mas com o tempo se tornou um dos maiores clássicos da literatura norte-americana.

6

### MACHADO DE ASSIS ESCREVEU ATÉ DE MADRUGADA.

O escritor brasileiro tinha o hábito de escrever à noite, muitas vezes depois do trabalho na tipografia. Sua disciplina e talento o tornaram um gênio da literatura.

7

### GEORGE ORWELL PREVIU 1984?

O autor afirmou que não tentou prever o futuro, mas alertar para tendências de controle e vigilância que já existiam em sua época.

8

### CLARICE LISPECTOR NÃO GOSTAVA DE ETIQUETAS.

A autora brasileira detestava ser chamada de escritora feminista, preferindo que sua obra falasse por si — o que faz até hoje.

9

### J.R.R. TOLKIEN CRIOU LÍNGUAS PARA SEUS LIVROS.

Além de escritor, Tolkien era professor de línguas e criou idiomas inteiros, como o élfico Quenya, usados em O Senhor dos Anéis.

10

### O DIÁRIO DE ANNE FRANK ERA PARA SER PUBLICADO.

Anne sonhava em ser escritora e revisava seu diário para transformá-lo em um livro após a guerra. Seu desejo se tornou realidade.





# *Cartas à Humanidade*

## A INSATISFAÇÃO HUMANA

*Por Célia Lopes*

Existe uma estranha inquietação que acompanha o ser humano desde o primeiro amanhecer da história. Chamamo-la de insatisfação. Ela não mora apenas na ausência, mas, muitas vezes, instala-se justamente quando acreditávamos ter alcançado tudo o que desejávamos.

Há quem imagine que a felicidade esteja sempre alguns passos adiante: na próxima conquista, no próximo amor, na próxima oportunidade, no próximo tempo da vida. Contudo, quando esse tempo finalmente chega, a alma, silenciosamente, volta a procurar outro horizonte.

Talvez não sejamos feitos para viver apenas de chegadas. Talvez exista, dentro de nós, uma sede que nenhuma conquista material consegue saciar. O coração humano parece carregar a memória de algo maior do que o mundo pode oferecer.

Paradoxalmente, a insatisfação também pode ser uma dádiva. É ela que impulsiona a ciência a descobrir, a arte a criar, a literatura a eternizar emoções e a fé a buscar o invisível. Sem ela, permaneceríamos imóveis. Com ela, aprendemos que crescer é continuar caminhando.





O perigo não está em sentir essa inquietação, mas em transformá-la em prisão. Quando confundimos valor com posse, reconhecimento com identidade ou sucesso com sentido, passamos a correr atrás de miragens que nunca nos permitem descansar.

A paz não nasce quando conseguimos tudo o que desejamos. Ela floresce quando compreendemos que algumas faltas existem para nos lembrar de que somos viajantes, e não proprietários do tempo.

Talvez a verdadeira maturidade seja olhar para a própria vida com gratidão, sem abandonar os sonhos; desejar o amanhã sem desprezar o hoje; reconhecer as imperfeições da existência sem permitir que elas roubem a capacidade de contemplar a beleza que insiste em nascer, mesmo entre as pedras do caminho.

A insatisfação continuará visitando a humanidade. Ela faz parte da nossa condição. Mas não precisa ser um abismo. Pode tornar-se uma bússola, apontando para aquilo que realmente importa.

Porque, no fim, não é a ausência de tudo que nos torna incompletos. É o esquecimento daquilo que já habita em nós.

### ***Célia Lopes***

é escritora, poeta e historiadora. Sua escrita transita entre a sensibilidade humana, os silêncios da alma, a espiritualidade e os afetos cotidianos. Participa de projetos literários e antologias, desenvolvendo textos marcados pela reflexão, delicadeza e profundidade emocional. Acredita na literatura como espaço de memória, esperança e permanência.





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# POEMAS SOBRE O TEMPO

• VOL. XVI •

CADA INSTANTE É ETERNO.



  
POEMAS QUE  
TOCAM A ALMA

  
AUTORES DE  
TODO O BRASIL

  
ANTOLOGIA  
NACIONAL 2026

  
CERTIFICADO  
DE PARTICIPAÇÃO  
PARA OS AUTORES  
SELECIONADOS



“

O tempo não  
para, mas suas  
palavras ficam.

”

FAÇA PARTE DESTA OBRA

PUBLIQUE SEUS POEMAS E DEIXE  
SUA MARCA NA LITERATURA.

SAIBA MAIS:

CLIQUE AQUI



CONEXÃO LITERATURA



RESENHA DE

# SE VOCÊ GOSTOU DA ESCOLA VAI ADORAR TRABALHAR

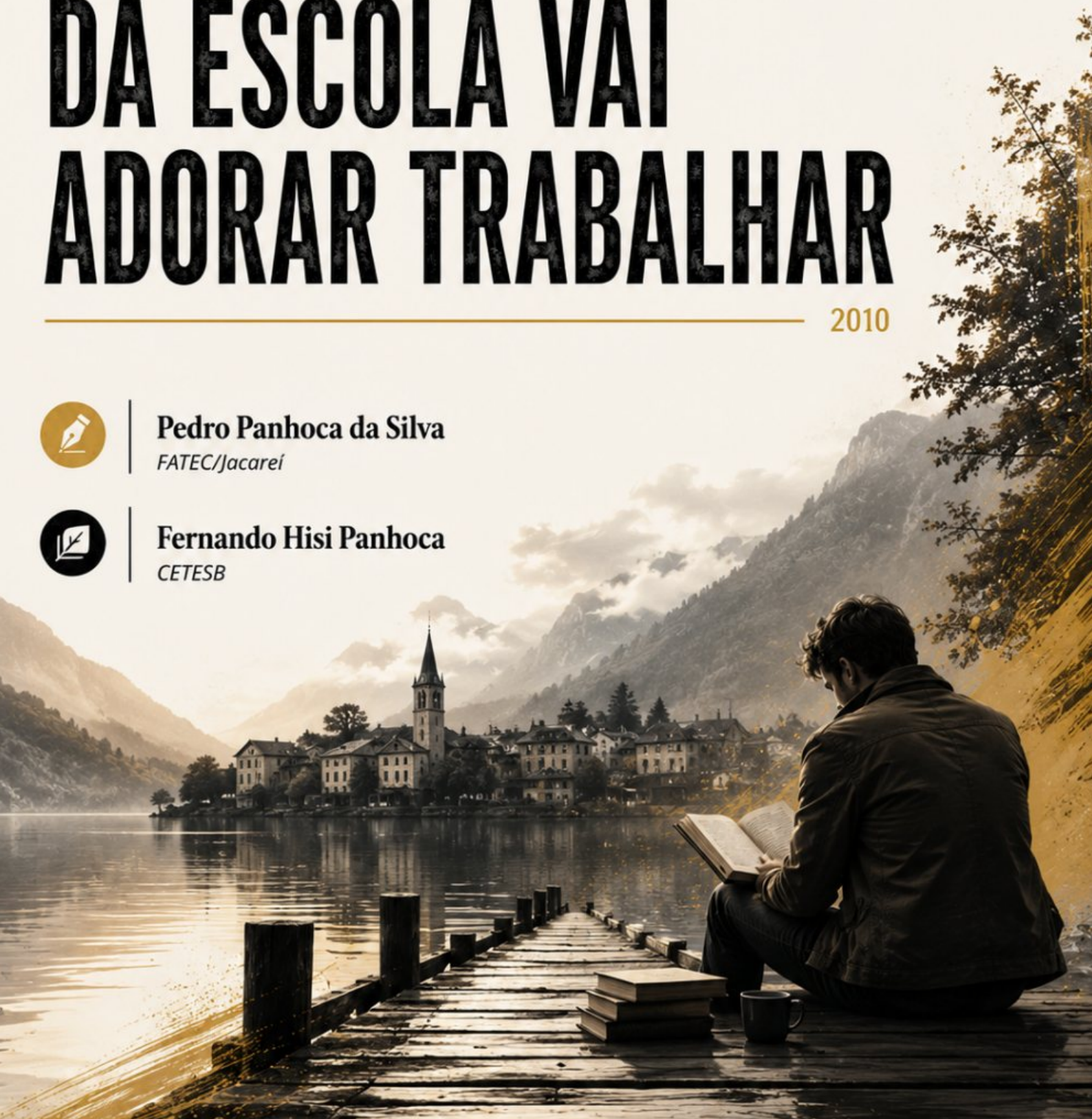
2010



**Pedro Panhoca da Silva**  
*FATEC/Jacareí*



**Fernando Hisi Panhoca**  
*CETESB*





Pedro Panhoca da Silva<sup>1</sup> (FATEC/Jacareí)Fernando Hisi Panhoca<sup>2</sup> (CETESB)

Coletânea de textos de Irvine Welsh (1958-), *Se você gostou da escola vai adorar trabalhar* (2010) é uma coletânea de 4 contos (*Cascavéis*, *Se você gostou da escola vai adorar trabalhar*, *Cães de Lincoln Park*, *Miss Arizona*) e uma novela (*Reino de Fife*). O autor já era conhecido pelos leitores de dentro e fora da subcultura – na qual Welsh normalmente se vê inserido – pelos livros da série *Trainspotting*, que ganharam duas ótimas adaptações em filmes. Além disso, Welsh tocou em bandas punks (*The Public Live* e *Stairway 13*), ainda atua como DJ e é amigo íntimo de importantes celebridades musicais do *underground* britânico como os irmãos Jim e William Reid (*Jesus and Mary Chain*), Bobby Gillespie (*Primal Scream*), Peter Hook (ex-*New Order* e atualmente no *Peter Hook & the Light*). O autor esteve presente na FLIP, em 2016 (André Barcinski, 2025).



O 1º conto, *Cascavéis*, é praticamente uma literatura “neobeatnik”, com três amigos norte-americanos atravessando o deserto próximo à fronteira entre os Estados Unidos e o México de carro, naquelas típicas estradas de filmes hollywoodianos: sem acostamento, terminal de emergência, posto de gasolina etc. Um deles é Eugene, uma ex-promessa do futebol americano, que arruinou a própria carreira pelo alcoolismo, pelas drogas e por outras escolhas ruins. O casal Scott e Madeline está dormindo, cansados demais para revezar o volante com Eugene. Exausto, o ex-atleta perde o controle do carro e causa um grave acidente, deixando todos isolados em meio ao deserto. Para piorar, não há sinal para usarem seus celulares e as baterias também já se esgotaram. Desde o primeiro parágrafo desse conto resume bem a linha narrativa de Welsh, com temas recorrentes em sua literatura: drogas,

escatologia, suspense, violência e situações grotescas. A escatologia e o grotesco imperam após Eugene ser picado por uma cascavel, e o leitor pode ficar dividido entrar sentir culpa por se divertir do sofrimento de Eugene ou impressionar-se com o nível de decadência da situação do ex-jogador quando chegam dois bandidos mexicanos se juntam ao grupo em pleno deserto. Embora sejam escatologias diferentes, é impossível não lembrar da cena asquerosa de Spud na casa de Gail, uma garota com quem ele passou a noite anterior, quando a mãe da menina insiste em pegar o lençol de Spud para lavar e percebe que o rapaz havia defecado nele, o que é percebido por todos com um brusco puxão da mãe de Gail, atitude essa que faz voar fezes por toda a cozinha e acabar com o café da manhã da família londrina (Visual, 2026).

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

<sup>2</sup> Especialista em Gestão da Comunicação e Mídias Digitais (SENAC)



O 2º conto traz um episódio da vida adulta de Mickey Baker, proprietário de um bar de má reputação em Corralejo, na ilha de Fuerteventura (Ilhas Canárias) com seu sócio. Ele trocou o Reino Unido pela ilha espanhola para mudar de vida, mas os problemas com sua ex-esposa, sua filha adolescente e o cotidiano lhe provam a máxima de Sêneca: “Deves mudar o ânimo, não o céu. Mesmo que atraveses o vasto mar, mesmo que, como diz o nosso Virgílio, “se percam a terra e as cidades”, os vícios te seguem e te perseguem aonde quer que vás.” (Sêneca, 2008, carta 28, §1), ou seja, mudar a própria atitude, e não o lugar físico, pois os problemas carregamos conosco. Baker sempre busca se refugiar em relacionamentos fáceis e efêmeros, mas nem tanto pelo medo de envelhecer, e sim para se proporcionar alguns momentos de deleite em meio à sua vida triste. A droga de Baker, aqui, não é nenhum entorpecente, e sim o próprio sexo, algo que pode aliviar o peso da vida adulta e solitária que leva. O conto, no entanto, não é só remorso e mágoa, mas desenvolve um suspense que toca o leitor devido à imersão provocada pelo sumiço da filha do protagonista depois de uma festa.

O 3º conto, *Cães de Lincoln Park*, possui protagonismo e coadjuvância femininos. Ambientado na alta sociedade de Chicago, Kendra Cross, uma mulher rica e *socialite*, tem Stacie e Stephanie como amigas. Ela conhece um chef coreano que adora ensinar técnicas orientais de cozinha, além de ser um poço de cultura oriental no que diz respeito à culinária. Esse experiente chef parece estar obcecado por Kendra, e suas amigas se comportam como adolescentes, satirizando-a e criando situações imaginárias entre os dois. As brincadeiras acabam quando Totó, o cachorro de Kendra, some, e ela acaba suspeitando do chef coreano. As críticas encontradas nesse conto são muitas: xenofobia, paranoia e futilidade são só alguns exemplos do que se pode encontrar aqui. O destaque vai para o desafio da tradução que Paulo Reis e Sergio Moraes Rego tiveram para transformar as falas do chef coreano, repletas de desvios gramaticais, um desafio extra além de traduzir o próprio *scots*, língua germânica ocidental falada principalmente nas Terras Baixas da Escócia e partes da Irlanda do Norte, amplamente empregado por Welsh em seus textos. Tais escolhas não podem ser vistas como preconceito linguístico, e sim como o esforço de um imigrante que tenta ser fluente, apesar de suas limitações de fala, como no exemplo a seguir:

– Comida coreana ter diversas guarnições. Favoritas são sopa de pasta de soja, carne grelhada, peixe, *kimchi* de repolho e legumes no vapor. [...] Refeição completa de comida coreana chamada *Hanjoungshik*. Composta de peixe grelhado, costeletas no vapor, outros pratos de carne e legumes com arroz no vapor, sopa e *kimchi* (Welsh, 2010, p. 113, grifos do autor).

À medida que pequenos acontecimentos se acumulam — incluindo o desaparecimento de seu cachorro de estimação —, o conto revela as contradições morais e a hipocrisia das elites urbanas. É provavelmente o texto mais satírico da coletânea, utilizando humor ácido para desmontar discursos de tolerância e civilidade presentes entre personagens privilegiados



No 4º conto, *Miss Arizona*, Raymond Wilson Buttler é um jovem cineasta e pesquisador encarregado de escrever a biografia de um renomado diretor hollywoodiano que é sua obsessão: Glen Halliday. Seu contato maior será com a 2ª esposa que Halliday teve em vida: Yolanda, uma decadente alcoólatra, que talvez um dia tenha realmente sido a Miss Arizona. Conforme investiga documentos, entrevistas e lembranças do passado, acaba sendo absorvido pelo universo decadente da indústria cinematográfica. A frenética pesquisa de Buttler é tão intensa que acaba criando confusões de realidade, memória e ficção, tornando-se parte da própria história que tenta reconstruir. Aqui estão presentes o culto às celebridades, a fabricação de mitos e a maneira como a memória pode ser manipulada.

A novela *Reino de Fife*, por ser ambientada na Escócia, terra natal do escritor, parece ser seu porto seguro. A história acompanha Jason King, ex-aprendiz de jóquei e antigo campeão de futebol de mesa<sup>3</sup>, que vive na pacata cidade de Cowdenbeath, na região escocesa de Fife. Carismático, espirituoso e autodepreciativo, mas também frustrado, preso ao passado e detentor de trabalhos precários, dificuldades financeiras, relacionamentos fracassados, King tem a sensação de nunca ter realizado seu potencial fazem parte de seu cotidiano. Certo dia acaba conhecendo a jovem amazona Jenni Cahill, que representa o seu oposto: garota da classe média com certa estabilidade e futuro promissor. A capa do livro de Welsh, na edição brasileira, contém Cahill de costas, da cintura para baixo, salientando suas calças justas de amazona e destacando, em primeiro plano, a fusta<sup>4</sup> em posição sensual que denota dominância. King, com o tempo, percebe que o pai de Cahill, um sujeito detestável, é pior do que ele aparenta ser, bem como acaba se envolvendo com o submundo escocês, repleto de ilegalidade e convivência.

O leitor que não tem a dedicação necessária para ler os romances de Welsh e deseja optar por histórias mais curtas de *Se você gostou da escola vai adorar trabalhar* não terá trabalho facilitado, visto que os contos e a novela são bem extensos para o padrão desses gêneros literários (o livro inteiro possui 376 páginas, o que dá uma média de 50 páginas por conto e a novela que ocupa mais de 150 páginas). Isso porque o próprio Welsh admite em entrevista: “Adoro escrever contos, mas eles sempre crescem e viram romances...” (Rebinski, 2023). Sabemos que há autores que só sabem escrever de forma sucinta e os que não sabem escrever pouco. Certamente Welsh pertence ao 2º grupo.

Quem procura um novo *Trainspotting* (1996) e *T2 Trainspotting* (2017) ou conhecer as histórias da subcultura em textos certamente vai apreciar essa coletânea de textos mais curtos. Isso porque personagens fracassados, emocionalmente frustrados, humor ácido, situações grotescas, violência repentina aliada a momentos cômicos, crítica ao capitalismo e ao trabalho alienado, desilusão com o sonho do sucesso, relações egoístas de dependência e manipulação são alguns dos temas em comum entre todas as histórias.

Welsh consegue preservar a cultura *rave/clubber* nos textos de *Se você gostou da escola vai adorar trabalhar*, mesmo que não ambientados na Escócia que tanto conhece, o que mostra que sua crítica vai além de um regionalismo limitado e provinciano. Essa

<sup>3</sup> Os tradutores preferiram usar “futebol de mesa” ao invés de manter o original “Subbuteo”.

<sup>4</sup> Por vezes chamado de “chicote de equitação” ou “tala”.



decadência da sociedade do fim do século passado e início do atual funciona como uma “autopiada”, na qual nós mesmos somos os contadores e os alvos.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ Barcinski. Irvine Welsh, o escritor que criou "Trainspotting": Encontros com Criaturas Notáveis. 27 jan. 2025. *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=czSU3tYl6v8&t=121s>>. Acesso em: 04 jul. 2026.

REBINSKI, André. *Rascunho: o jornal de literatura no Brasil*, n. 281, set., 2023. Disponível em: <<https://rascunho.com.br/entrevista/para-sempre-o-senhor-trainspotting/>>. Acesso em: 04 jul. 2026.

SÊNECA, Lúcio Aneu. *Aprendendo a viver: cartas a Lucílio*. 1º ed. Ed. De bolso. Trad. Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2008.

TRAINSPOTTING. Direção: Danny Boyle. Produção de Andrew Macdonald. United Kingdom: Miramax, 1996.

T2 TRAINSPOTTING. Direção: Danny Boyle. Produção: Andrew Macdonald. United Kingdom: Film4, 2017.

VISUAL. Trainspotting - Spud's Brown Bed Sheet Scene. 01 mar. 2026. *Youtube*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s5dE0jXd5Aw>>. Acesso em: 04 jul. 2026.

WELSH, Irvine. *Se você gostou da escola, vai adorar trabalhar*. Trad. Paulo Reis e Sergio Moraes Rego. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.





*Escrever  
é também  
não querer  
dizer tudo.*

CLARICE LISPECTOR

ESCRITORA • JORNALISTA • TRADUTORA

1920 – 1977

“

Não sou  
inteira.  
Falto em  
mim  
mesma.  
E essa é  
a minha  
parte mais  
bonita.

”

Clarice nos lembra que dentro de cada  
**silêncio** existe um universo inteiro.  
Que **sentir** é muito mais profundo  
que entender. E que a vida, com todas  
as suas faltas, ainda assim, **pulsa**.

Viver é uma arte.  
Do encontro  
maravilhoso e terrível  
entre o que sonhamos  
e o que existe.

*Clarice Lispector*

Revista  
**CONEXÃO**  
L I T E R A T U R A



“Coloco meu talento a serviço da paz,  
das artes, da humanidade e, sobretudo,  
de Deus.”  
(Clarissa Machado)

 Instagram do livro:  
@livroavozdenhachica



# A Voz de Nhá Chica: *a voz da Paz*



-  Livro:  
A Voz de Nhá Chica
-  Autora:  
Clarissa Machado
-  Ilustradora:  
Selma Bajgielman
-  Edição Trilingue
-  Editora:  
Minas Colosso
-  São Lourenço, MG.
-  2025.

“A Voz de Nhá Chica” é um livro trilingue (português, inglês e espanhol) escrito por Clarissa Machado e com ilustrações de Selma Bajgielman que convida crianças, jovens e também adultos do mundo inteiro a conhecer um pouco da vida e da obra da Beata Nhá Chica do Brasil.

A partir da história de **Nhá Chica**, somos conduzidos a descobrir nosso propósito de vida, a ouvir a voz de Nossa Senhora, a Rainha da Paz; a desenvolver conexão espiritual, apego ao Divino, e por fim, uma fé inabalável nas orações.

Um livro para inspirar e servir de inspiração para a construção de uma sociedade mais amorosa, empática, fervorosa e consciente da importância da Cultura de Paz.



O projeto A Voz de Nhá Chica foi realizado com recursos da Lei Aldir Blanc, executado pela Secretaria Estadual de Cultura e Turismo do Estado de Minas Gerais, através do Edital 07/2024, ID 11939 - publicações literárias para o público infantojuvenil. Projeto de distribuição gratuita.



Clarissa Machado em  
Aparecida, Cidade do Romeiro

Realização:



MINISTÉRIO DA  
CULTURA





# Coisas do outono

*Por Potiara Cremonese*

Nos últimos anos as estações pareciam apenas duas, o verão de calor escaldante, com temperaturas batendo recordes ano após ano. Já no inverno, frio extremo com geadas ao amanhecer e até neve em algumas regiões. A primavera e o outono pareciam ter sido engolidas. Este ano, porém, o clima teve mais a cara do outono.

Considerada como a estação de transição, o outono tem como características a queda nas temperaturas pois antecede o inverno e também quando os dias começam a escurecer mais cedo, diminuindo o tempo de luz diária. As altas temperaturas vão ficando para trás, os dias vão ficando mais curtos e as noites mais longas.

Nunca passei um outono fora do Rio Grande do Sul, então não posso descrever como ele é em outras regiões, mas aqui é possível perceber a variação da temperatura durante o dia. Frio ao amanhecer, por vezes intenso já nos dá uma provinha de como será o inverno, no entanto ao decorrer do dia a temperatura tende a subir por algumas horas, onde acontece o chamado efeito cebola. Com a temperatura um pouco mais amena e agradável vamos nos desfazendo de toucas, cachecóis e casacos.

Nessa época do ano os ventos costumam ser mais fortes e gelados, característico do sul do Brasil, o minuano é o que se faz mais presente durante o outono.

As folhas das árvores ganham tons amarelados e avermelhados e caem transformando-se em belas paisagens, com o ar polar que se aproxima algumas regiões registram geadas não tão intensas quanto no inverno, mas que mudam as paisagens, como nos campos da serra gaúcha e na campanha. O tapete verde das gramas e pastagens verdes dá lugar ao branco das geadas.

A névoa ganha força ao clarear o dia e a cada passo que damos o que vai ficando para trás, desaparece em meio a neblina.



O céu que costuma amanhecer encoberto com tom acinzentado, ao longo da manhã vai se desfazendo e um azul intenso é revelado, quando não há nuvens parece uma pintura, é tão claro que irradia.

O outono tem dessas coisas, e outras coisas também. Além de belas paisagens, hora coberta pela neblina outrora claro como a luz do sol. O ar parece mais puro, mais leve e abundante, o outono é exuberante e traz consigo algumas peculiaridades, tradicionais do povo gaúcho.

O chimarrão, uma mistura de erva-mate com água quente, bebida típica dos gaúchos e saboreada em todas as estações, é ainda mais consumida nos dias frios de outono.

E não pode faltar a bergamota, a sobremesa mais pedida nesta época do ano, quando costumamos saboreá-la após o almoço, sentados ao sol.

Aliás, o outono é considerado também a estação das frutas, uma época de colheita onde muitas variedades encerram o ciclo de produção.

Mas nem só de frutas é feita a estação, com o frio que antecede o inverno já inicia-se a temporada das comidas quentes.

Antes mesmo do verão acabar, já contamos os dias para que o friozinho chegue, e aumentam nossas expectativas sobre a primeira sopa do outono. Delícias dos tempos da infância, nos trazem boas lembranças. Aquelas onde as famílias se reuniam ao redor da mesa. No fogão a lenha, uns ossos com pouca carne ou as partes menos carnudas de um frango caipira que era criado no quintal, ferviam por horas para soltar o sabor, uma panela borbulhando um caldo fino que logo iria se encorpar, e colorir, com tantos legumes que ali eram colocados, enchia os olhos e o paladar. Os tremores de frio que nos acompanhavam desapareciam nas primeiras colheradas.

Esta delícia ainda faz parte do cardápio, embora a mesa esteja com alguns espaços vazios. A sopa, a feijoada, mocotó, mondongo e até rabada, pratos de inverno, coisas do outono. Sabores intensos, deliciosos que aquecem e fortalecem nosso organismo para enfrentarmos a estação mais fria do ano.







É chegada a hora de puxar os casacos do armário, de se aconchegar à beira de uma lareira ou fogo de chão. Com a cuia de chimarrão na mão enfrentamos o frio das manhãs e também admiramos as belas paisagens, dos campos brancos de geada às cascatas congeladas. Respirar o ar mais puro e abundante, ver o verde das plantas se tornar mais vivo, como se estivesse agradecendo as temperaturas mais amenas, as hortaliças rapidamente crescem e se tornam mais viçosas e saborosas.

Coisas do outono, coisas simples que aos nossos olhos passam despercebidas, devido a velocidade em que estamos vivendo. Acelerados, em uma luta contra o tempo, e ao mesmo tempo conectados com o mundo virtual, não damos atenção à plenitude do que algo tão simples pode nos proporcionar. E isso vale não só para o outono, mas para todas as estações. A plenitude encontrada na natureza e as belezas da vida real, que a gente só vê quando desacelera.

E como faz falta uma parada para olhar o horizonte, pois até mesmo a lua fica mais esplêndida no outono, o ar menos poluído a deixa mais clara e brilhante, com os dias mais curtos ela chega mais cedo e temos mais tempo para admirá-la.

Coisas boas do outono, podem ser encontradas em todas as regiões, cada uma com suas tradições e peculiaridades, seja no frio ou no calor, o pôr do sol ou a luz da lua, nas águas turvas ou congeladas. O mais importante é que em todas elas a vida seja contemplada.



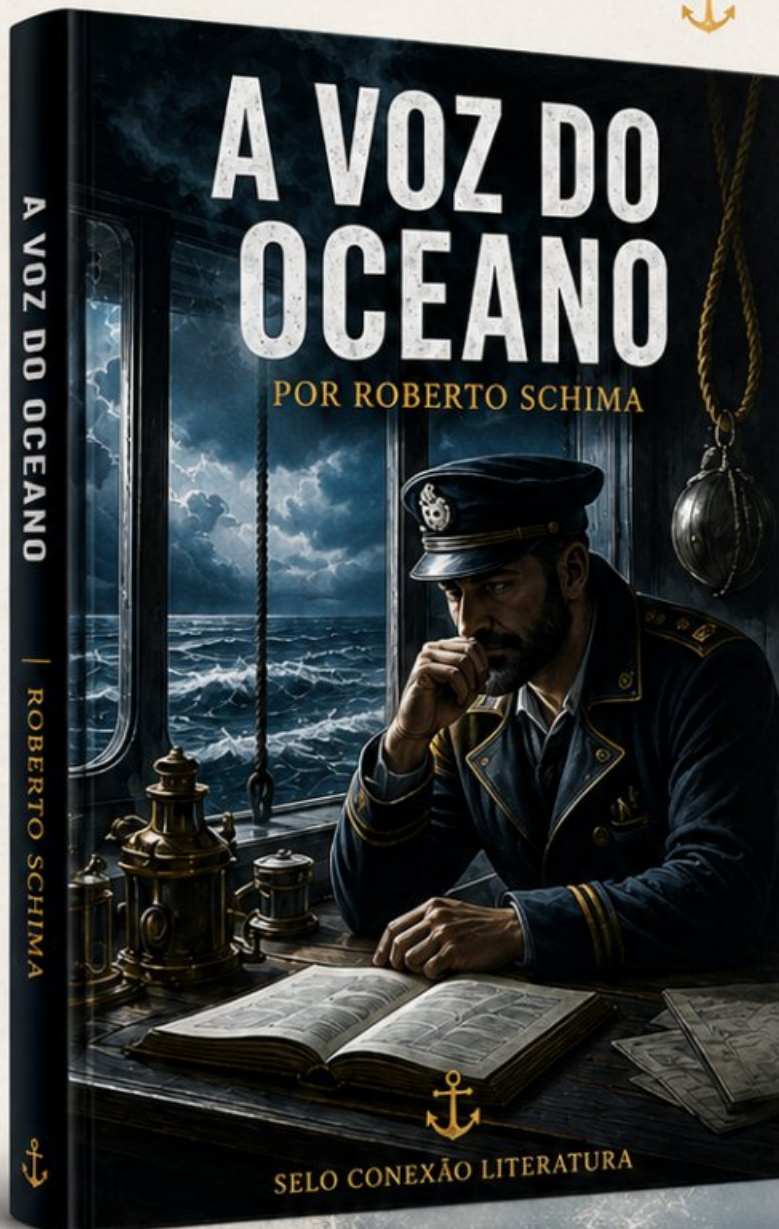
### Sobre a autora

**Potiara Cremonese:** resido em Santa Cruz do Sul - RS, sou casada, tenho uma filha e uma neta. Sou funcionária pública municipal. Escrevo desde a pandemia.

Tenho 75 artigos publicados no jornal da cidade, um livro publicado em 2024, participei de mais de 40 antologias, com crônicas e poemas. Gosto de escrever sobre o cotidiano, abordando assuntos diversos e atuais.

Em junho de 2025 criei a primeira biblioteca comunitária na comunidade onde moro. Acredito na leitura como fonte de transformação e na escrita como libertação.





# A voz que vem do mar.



## UMA HISTÓRIA DE CORAGEM E DESTINO

Um comandante marcado pela infância e guiado pelo oceano.



## NATUREZA QUE TRANSFORMA

Entre tempestades, descobertas e mistérios, o mar revela o que há de mais profundo.



## AVENTURA, MEMÓRIAS E SUPERAÇÃO

Mais que uma jornada, uma busca por pertencimento e liberdade.

# A VOZ DO OCEANO

POR ROBERTO SCHIMA

*“Uma narrativa que navega fundo na alma humana e nas águas da existência.”*



Uma história envolvente sobre memória, coragem e o chamado do desconhecido. Ideal para leitores que buscam emoção, reflexão e grandes aventuras.



DOWNLOAD GRATUITO: CLIQUE AQUI



Por Roberto Ferrari

# POR CAUSA DE TI SOFRI DE AMOR

Por causa de ti sofri de amor  
Me entreguei de corpo e alma  
Chorei, gritei e pedi  
A tua volta, meu amor.

Ah! Se eu pudesse ....  
Nunca deixaria tu ires embora  
Meu amor, juntos somos a vida  
Somos o amor, somos a emoção.

Sem ti não posso, não consigo  
Viver sem poder te amar  
Sem teu desejo, sem teu abraço.

Peço em juras eternas, em versos  
Para que tu voltes para meus abraços  
Para que sejamos de novo um no amor.

**ROBERTO  
FERRARI**

Roberto Ferrari nasceu em São Paulo no ano de 1957, e aos 54 anos de idade resolveu seguir sua real vocação: Escrever. Roberto Ferrari iniciou sua carreira literária em 2011 e já publicou diversos livros.

Neste ano de 2026 estreará sua peça de teatro *Gaslighting - Faces do Amor*, começando sua carreira de dramaturgo.





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# CONTOS E POEMAS SOBRE O FUTURO

• VOL. XI •

SUA IMAGINAÇÃO CONSTROI O AMANHÃ.



E-BOOK



CONTOS E  
POEMAS



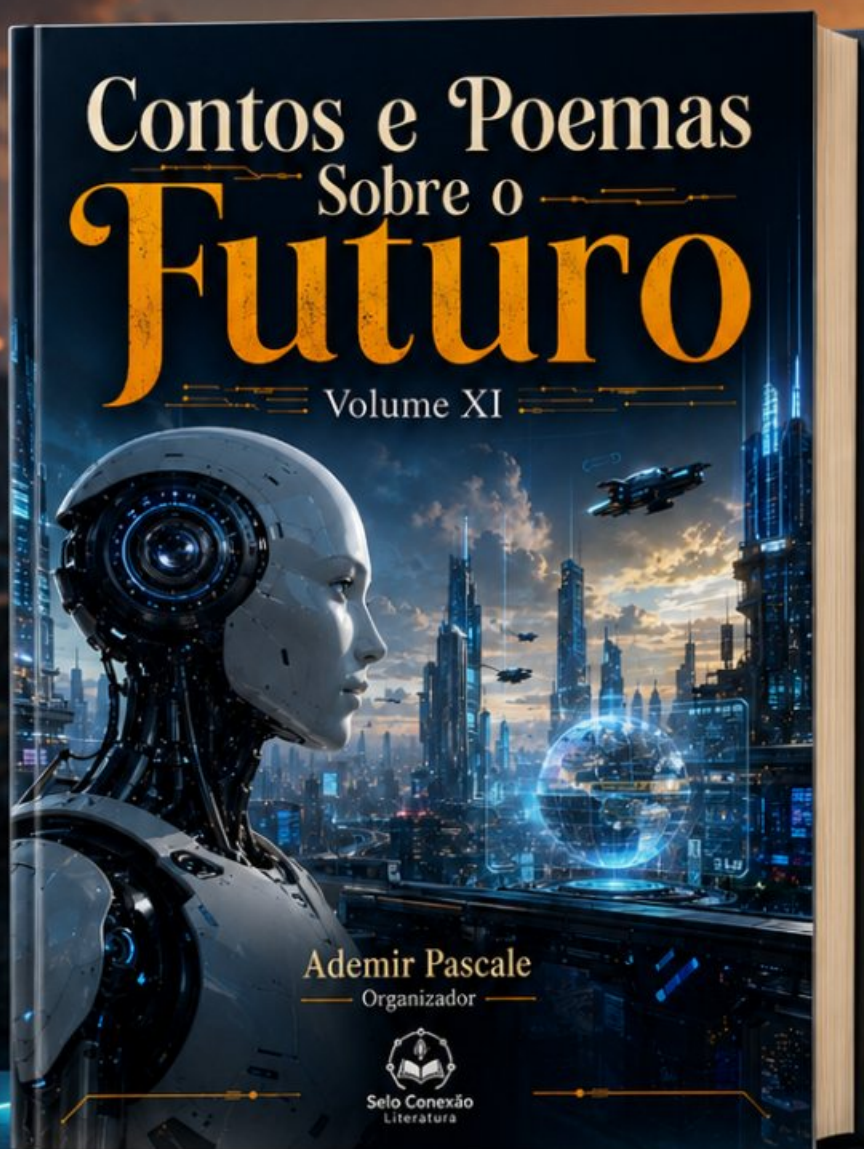
AUTORES DE  
TODO O BRASIL



ALCANCE  
NACIONAL



CERTIFICADO  
DE PARTICIPAÇÃO  
PARA OS AUTORES  
SELECIONADOS



“

O futuro  
pertence  
a quem ousa  
escrever.



FAÇA PARTE DESTA OBRA!

PUBLIQUE SEU CONTO OU POEMA  
E DEIXE SUA MARCA NA LITERATURA.

SAIBA MAIS:

CLIQUE AQUI



SELO CONEXÃO LITERATURA



# No caminho do amar

*Por Adriano Rosa da Silva*

Aprendemos uns com os outros.  
No encontro de mãos, na troca dos olhares,  
na palavra que acolhe, no silêncio que compreende.  
É no simples gesto de conviver  
que a vida ensina suas mais profundas lições.  
É no outro que descobrimos quem somos.

Educar não é apenas transmitir saberes,  
mas abrir espaço para que crianças e adultos  
cresçam juntos, transformando-se mutuamente  
a cada experiência compartilhada.  
Somos moldados pelas relações  
que construímos ao longo da existência.

Por isso, o amor sustenta a convivência humana.  
Não como sentimento passageiro,  
mas como a emoção que reconhece  
a legitimidade da existência do outro,  
permitindo que cada pessoa ocupe  
seu lugar no mundo, sua personalidade.





Ninguém aprende o amor por explicações.  
Aprende-se a amar amando sendo amado.  
Aprende-se o respeito quando respeitamos e somos respeitados.  
A gentileza floresce onde encontra abrigo,  
assim como a agressividade nasce  
quando a violência se torna linguagem.

Antes de convencer, é preciso acolher.  
Antes de ensinar, é preciso viver aquilo que desejamos transmitir.  
Transformar a sociedade é transformar a cultura das relações.  
E toda mudança começa  
na qualidade das conversas, dos gestos  
e das emoções que compartilhamos diariamente.

A Biologia do Amar nos lembra  
que amar não é exceção, é fundamento.  
É a força silenciosa  
que sustenta a vida em comunidade  
e torna possível a construção do humano  
Desde os primeiros instantes da vida.



Se desejamos crianças generosas,  
éticas e conscientes,  
precisamos ser o reflexo  
daquilo que esperamos delas.  
Pais e educadores, juntos na missão  
ensinam muito mais pela presença do que pelas palavras.

A criança cresce no amor  
para descobrir como amar.  
Cresce na aceitação  
para aprender a acolher a si mesma e ao outro.  
Cresce no respeito  
para fazer do respeito um modo de viver.

Numa escola guiada pelo caminho do amar,  
educar acontece com leveza.  
O aprender flui naturalmente,  
porque não há distância  
entre aquilo que se é  
e aquilo que se faz.





Ali, crianças, jovens e adultos  
inspiram-se mutuamente,  
fazendo da convivência  
um exercício diário de humanidade.  
Pois, desde a infância  
é que nasce o ser social.

Razão e emoção caminham entrelaçadas,  
toda escolha racional carrega uma raiz afetiva.  
A própria infância,  
cujo nome, Infância, nasceu da antiga ideia  
daquele que ainda é um vir-a-ser  
ganhou novos significados ao longo da história.

Hoje compreendemos  
que a criança nunca foi um adulto em miniatura,  
mas um ser completo,  
com seu próprio tempo,  
sua própria voz  
e infinitas possibilidades de florescer.





Amar não é esperar recompensas.  
É aceitar o outro sem impor condições.  
É cuidar, proteger,  
respeitar os limites,  
permitindo que cada ser exista  
em sua plenitude.

Foi essa emoção primeira  
que possibilitou a história da humanidade,  
que fortaleceu os laços,  
deu origem à linguagem  
e transformou o simples viver  
na arte de conviver.

Desde o nascimento, a criança aprende o mundo  
nos braços que a acolhem,  
nos corpos que brincam,  
nas palavras que confortam  
e na intimidade das relações  
que lhe oferecem segurança.





O adulto que somos  
é tecido pelas histórias da infância.  
Cada gesto recebido,  
cada afeto vivido  
e cada ausência sentida  
deixam marcas na maneira como existimos.

Por isso, é no viver com o outro,  
que aprendemos a ser.  
É na conversa, no cuidado, no brincar  
e na convivência  
que nossa humanidade se constrói, renova-se  
e encontra, no amor, o seu mais verdadeiro caminho.

A painting of a family sitting on a hill at sunset, looking at a city skyline. The family consists of a man, a woman, and four children. They are all smiling and looking towards the city. The sun is setting behind the city, creating a warm, golden light. The city skyline is visible in the background, with many buildings and a bridge. The overall mood is peaceful and nostalgic.

**Adriano Rosa da Silva** é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.



# DÊ VISIBILIDADE À SUA MARCA

E ALCANCE MUITO MAIS  
**PESSOAS!**



## CLIQUE AQUI



E VEJA A OPÇÃO **2** E **3**



MAIS  
**VISIBILIDADE**



MAIS  
**RESULTADOS**



MAIS  
**CLIENTES**

**ANUNCIE E FAÇA A DIFERENÇA!**



**DESTAQUE**  
SUA MARCA



**ALCANCE**  
O PÚBLICO CERTO



**IMPULSIONE**  
SEUS RESULTADOS



CLIQUE AQUI E COLOQUE SUA MARCA *em evidência!*



# CONEXÃO

## L I T E R A T U R A

LITERATURA QUE CONECTA TEMPOS, IDEIAS E ALMAS

# “O SAPO”

Por **FLAVIO JOPERT**

### O SAPO EM SI NO MUNDO MEDIEVAL É:

- ✿ Transformação e metamorfose
- ✿ Ligação com a água e o Outro Mundo
- ✿ Fertilidade e renovação
- ✿ Aspecto ambíguo ou mágico

“ Embora o ciclo arturiano apresente uma rica simbologia ligada à cavalaria, ao Outro Mundo e às provas espirituais, não há registro de que o sapo constitua um símbolo recorrente ou uma figura simbólica própria nas principais narrativas arturianas medievais. ”

|                                                                                                                                           |                                     |                                            |                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------------------------|-------------------------------------|
| 1º.<br>É<br>pó<br>Ser<br>pó<br>Com<br>pó                                                                                                  | Ter<br>pó<br>Por<br>pó<br>Sou<br>pó | 2º.<br>Só<br>pó<br>Tem<br>pó<br>No<br>pó   | Foi<br>pó<br>Fui<br>pó<br>Jaz<br>pó |
| <br>Rei Pharamond of Gaul<br>Cavaleiro Távola Redonda |                                     | 3º.<br>Até<br>pó<br>Ver<br>pó<br>Mas<br>pó | Sob<br>pó<br>Que<br>pó<br>Em<br>pó  |
| 4º.<br>Do<br>pó<br>Dar<br>pó<br>Sai<br>pó                                                                                                 | Vir<br>pó<br>Fiz<br>pó<br>Vou<br>pó | 5º.<br>Dê<br>pó<br>Há<br>pó<br>Cai<br>pó   | Diz<br>pó<br>Ler<br>pó<br>Dói<br>pó |

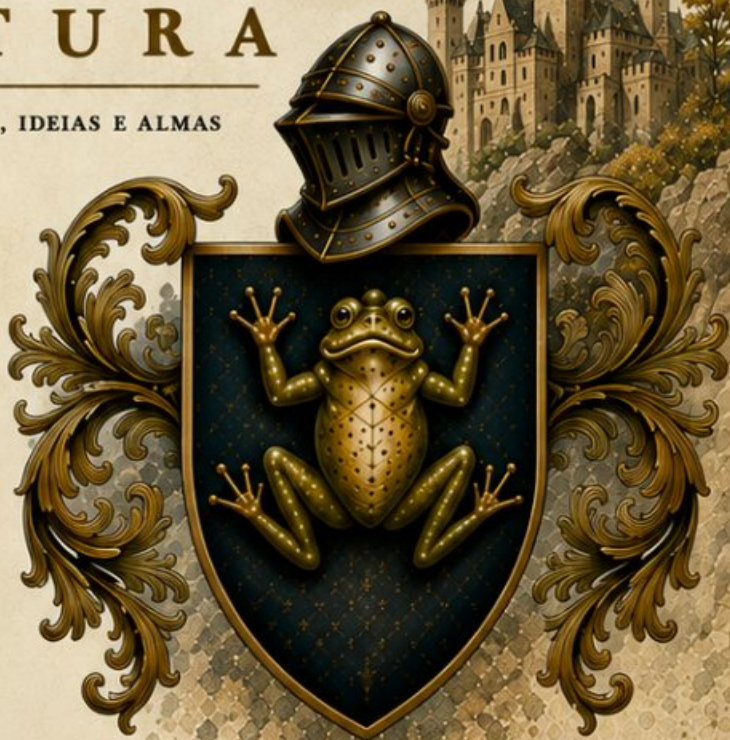


# CONEXÃO L I T E R A T U R A



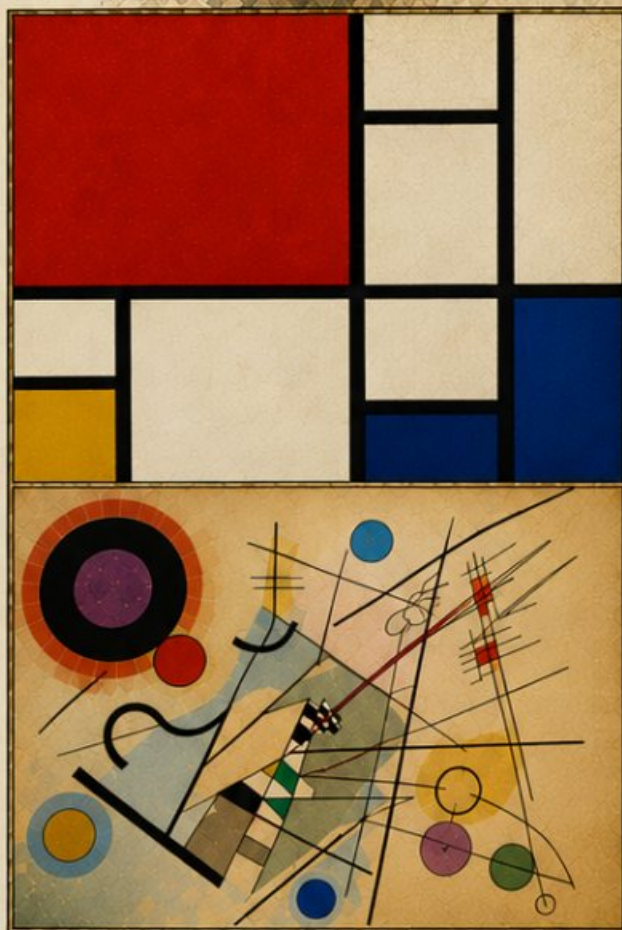
LITERATURA QUE CONECTA TEMPOS, IDEIAS E ALMAS

O sapo e a runa Laguz (𐌺) podem ser unidos como símbolos de transformação, mistério e ligação com as forças ocultas da natureza: assim como o sapo transita entre a água e a terra, entre o mundo visível e o escondido, Laguz representa as águas profundas, o fluxo da vida, a intuição e aquilo que se move abaixo da superfície. Na simbologia medieval, o sapo carregava tanto a ideia de sombra e segredo quanto a de renovação e fertilidade: junto de Laguz, ele pode ser visto como o guardião das águas interiores, aquele que atravessa mudanças silenciosas e emerge renovado, trazendo o conhecimento que nasce das profundezas.



Piet Mondrian e Wassily Kandinsky podem ser relacionados à heráldica pela transformação de uma antiga linguagem de símbolos, cores e formas em uma linguagem moderna de abstração. Mondrian, ligado ao Neoplasticismo e ao De Stijl, buscava uma ordem universal por meio de linhas, proporções e cores puras: essa organização pode ser comparada à heráldica medieval, que utilizava composições geométricas, divisões do escudo e regras de cores para comunicar identidade, valores e hierarquia. Já Kandinsky, associado à Abstração lírica e ao Der Blaue Reiter, explorava a força espiritual e emocional das cores e formas, aproximando-se da tradição heráldica no uso simbólico das cores como portadoras de significados (como poder, proteção, nobreza ou transcendência).

Embora nenhum dos dois tenha criado sua arte diretamente a partir da heráldica, suas escolas podem ser vistas como uma continuidade moderna de princípios heráldicos: a simplificação dos elementos visuais, a criação de códigos simbólicos e o uso da cor e da forma como instrumentos de comunicação. A heráldica medieval influenciou indiretamente esse pensamento ao demonstrar que imagens reduzidas e organizadas poderiam carregar conceitos complexos, algo que Mondrian transformou em equilíbrio geométrico e Kandinsky em expressão espiritual abstrata.



“Embora o ciclo arturiano apresente uma rica simbologia ligada à cavalaria, ao Outro Mundo e às provas espirituais, não há registro de que o sapo constitua um símbolo recorrente ou uma figura simbólica própria nas principais narrativas arturianas medievais.”

## SOBRE O AUTOR:

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.





*Siga-nos*

no

**INSTAGRAM**



@REVISTACONEXAOLITERATURA



Conteúdo que conecta,  
literatura que transforma!



REVISTA

# CONEXÃO

## LITERATURA

CONTOS • CRÔNICAS • POEMAS • ENTREVISTAS • LITERATURA

### ADEMIR PASCALE

LEVA O PERSONAGEM  
PADRE SPADONI À ITÁLIA  
E AMPLIA A PRESENÇA DA  
LITERATURA BRASILEIRA  
NO EXTERIOR



Ademir Pascale



O escritor, criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura, Ademir Pascale, acaba de alcançar mais um importante marco em sua trajetória literária. Convidado a publicar um de seus trabalhos na revista italiana *Agire Sociale News - Rivista di cultura e società*, o autor passa a integrar também o cenário editorial da Itália, contribuindo para a divulgação da literatura brasileira no exterior.

Na edição nº 4 da publicação, Pascale apresenta o poema "Padre Spadoni e a Mulher de Branco", protagonizado por Antonio Spadoni, um padre caçador de demônios, espíritos e outras criaturas sobrenaturais, personagem visto em outras obras do autor. A obra pode ser conferida na página 67 da revista.

Descendente de italianos, Ademir Pascale celebra essa publicação de forma especial, pois ela representa não apenas mais uma conquista internacional, mas também um elo com a terra de seus antepassados.



Com uma carreira consolidada, o escritor já participou de mais de 100 livros e colaborou com diversas revistas literárias. Seus contos foram publicados no Brasil, México, China, Portugal, França e, agora, também na Itália, fortalecendo sua atuação como um dos autores brasileiros presentes em diferentes mercados editoriais.

A revista **Agire Sociale News – Rivista di cultura e società** reúne conteúdos voltados à cultura, à sociedade e à literatura, abrindo espaço para autores de diferentes nacionalidades. O site da revista é:



ACESSE O SITE:

[https://  
agiresocialenews.it](https://agiresocialenews.it)

e o download da edição está disponível no link:



BAIXE A EDIÇÃO Nº 4:

[https://  
agiresocialenews.it/  
wp-content/uploads/  
2026/07/2026-Agire-  
Sociale-nº4.pdf](https://agiresocialenews.it/wp-content/uploads/2026/07/2026-Agire-Sociale-nº4.pdf)

Os leitores poderão encontrar o poema “Padre Spadoni e a Mulher de Branco” na página 67 da publicação.

Ademir Pascale agradece o convite e a receptividade da equipe editorial da revista, em especial ao **EDITOR-CHEFE E DIRETOR ARTÍSTICO, Antonio Di Bianco**, pelo apoio e pela oportunidade de apresentar seu trabalho ao público italiano.

“

*Descendente de italianos, Ademir Pascale celebra essa publicação de forma especial, pois ela representa não apenas mais uma conquista internacional, mas também um elo com a terra de seus antepassados.*

”





“

# PALAVRAS CONECTAM. LIVROS TRANSFORMAM.

ESCREVER É MAIS QUE  
COLOCAR IDEIAS NO PAPEL.  
É CRIAR PONTES ENTRE  
MENTES E GERAÇÕES.



## ADEMIR PASCALE

ESCRITOR E EDITOR-CHEFE

Autor, editor e apaixonado por literatura. Dedico minha vida a criar, editar e compartilhar histórias que inspiram e transformam.



### ESCRITOR

Criação de obras que exploram ideias, sentimentos e a condição humana.



### EDITOR

Transformo textos em experiências marcantes, com olhar atento e criterioso.



### COMUNICADOR

Acredito no poder das palavras para inspirar, informar e conectar pessoas.



## Conversando com Deus

Por Fauno Mendonça

**O**lhei para a maçaneta e, vagarosamente, abri a porta. Vi o Maquinista de costas. Ele não olhou para trás; continuou trabalhando. Não tive coragem de dizer algo, mas me adiantei para o interior da cabine, a fim de que ele me visse.

Ao dar mais um passo, ele se virou de lado, olhou para mim. Seu semblante estava leve e tranquilo. Então, perguntou:

— Está pronto para seguir seu caminho e realizar suas buscas?

Hesitei em responder, pois havia uma pena a ser cumprida: uma pena perpétua imposta pelos graves delitos cometidos por mim contra mim mesmo, os quais afetaram, inclusive, outras pessoas.

Assim, não tive coragem de dizer que estava pronto. Por isso, afirmei, temeroso:

— Senhor, aproveito a oportunidade para informar que sou um condenado, um transgressor contumaz das leis naturais. Preciso cumprir minha pena. Por isso, ao comunicar esse fato ao Oficial do Trem, ele não me deixou seguir viagem. Disse que eu deveria lhe pedir autorização. Por fim, senhor, confesso que não sei se estou pronto para seguir meu caminho e realizar minhas buscas.

O Maquinista olhou-me fixamente e disse:

— Eu sei que a pena deverá ser cumprida integralmente por você. Mas, independentemente de sua resposta, digo que poderá seguir seu caminho. Você já está pronto. Poderá, assim, deixar a Estação Final, cessar suas tarefas cotidianas, tomar o trem e ir para onde quiser. Mas não se esqueça: ao longo desse caminho, *por ser perpétua sua condenação, você sempre cumprirá sua pena.*



Ao proferir aquelas palavras, compreendi perfeitamente que poderia ir embora, conforme meus desejos. Contudo, para minha surpresa, ele afirmou ainda que eu deveria continuar cumprindo a pena.

Concluí que, apesar de poder seguir, não haveria remissão de meus atos. Imaginava que a remissão estaria atrelada ao meu claustro na Estação Final. Pensei que somente seria libertado quando alcançasse o perdão por meus atos.

Diante dessa realidade, perguntei-lhe:

— E a minha remissão? Não a terei?

Ele, serenamente, respondeu:

— Dependerá de você. A remissão não será concedida por ninguém, mas tão somente por você. Ademais, lembre-se: você se condenou. Portanto, deverá conceder a si mesmo a remissão. Será também o único responsável por recebê-la. Se não conseguir, sinto muito; terá de carregar esse peso pelo resto de sua existência.

Naquele momento, ficou claro que tudo dependeria exclusivamente de mim e de mais ninguém. Assim, ele continuou:

— Observo, não obstante, que houve avanço em seu plano de consciência acerca dos atos delituosos praticados no passado. Por isso, estou lhe dando uma nova oportunidade para continuar trilhando seu caminho. Espero que utilize essa consciência na prática de seus atos futuros.

Naquele momento, fiquei bastante concentrado e apenas lhe respondi:

— Sim, entendi. Tomarei os cuidados necessários para não praticar atos atentatórios contra as leis naturais do universo, nem usurparei a mim mesmo, Também não atentarei contra meus sonhos, nem subordinarei meus interesses aos interesses alheios de modo descompensado. Preservarei meus desejos, respeitando os interesses das pessoas que caminharem ao meu lado.





Após minhas palavras, o Maquinista continuou:

— Ótimo. Acho que compreendeu minha fala. A Estação Final foi importante em sua jornada. Houve evolução pessoal, mas saiba que existirão outros desafios, os quais imporão obstáculos para que você possa crescer, adquirir maior conhecimento de si mesmo e atingir seus reais objetivos. Sei, ainda, que não está completamente apto para caminhar sozinho. Entretanto, no curso de seus passos, a depender de você, terá maior compreensão das possibilidades de alcançar o zênite de suas buscas mais profundas. Tudo dependerá apenas de você. Você será o grande responsável por seu futuro.

Ao dizer isso, virou-se e voltou a trabalhar nos painéis do trem, dando a nítida impressão de que não tinha mais nada a dizer. Suas palavras, apesar de breves, foram muito objetivas, e pude compreender seu recado com absoluta clareza.

Ao perceber que a conversa havia se encerrado, não mais lhe dirigi a palavra, mas agradei em meus pensamentos.

Ao sair da cabine, lembrei-me novamente dos ensinamentos do Ermitão sobre a importância da gratidão e da humildade, sobretudo diante das palavras proferidas pelo Maquinista.

Senti profunda gratidão por ele me dar a oportunidade de deixar aquele lugar e tomar o trem. Da mesma forma, exerci a humildade como deveria, ouvindo atentamente suas palavras, a fim de compreender plenamente sua mensagem e guardá-la em meu coração e em minha mente.

Fiquei muito satisfeito com a conversa. Ela foi proveitosa e, a partir daquele momento, senti-me mais fortalecido para caminhar e seguir rumo a Bragof.

### Trecho do livro *Bragof*, de Fauno Mendonça.



### FAUNO MENDONÇA

Nascido em agosto de 1968, em Goiânia (GO), reside em Brasília (DF).

É bacharel em Direito e autor de cinco obras: *A Busca dos Loucos*, *Encontre-se, D.* e *o Procurador*, *Ao Norte do Silêncio* e *Bragof*.

Visite o site:  
<https://faunomendonca.com>



# O PENTE PARA PENTEAR O CABELO DO RIO

Por *Sílvia Grijó*

O rio acorda despenteado.  
Traz nos fios da correnteza  
tudo que está solto em seu percurso, folhas,  
fragmentos de árvores que perderam o rumo,  
bolas de capim deslizando sem destino,  
e um brilho que só os poetas entendem.

Aproximo o pente que  
não é de madeira,  
não é de metal,  
nem de casco de tartaruga,  
mas de luz mansa e vento leve.

Encosto na superfície  
como quem toca um bicho arisco  
que só confia em quem sabe ouvir.  
E o rio, vaidoso, se entrega,  
abre caminhos prateados,  
desfaz os nós de lembranças,  
ri em redemoinhos assanhados.

Cada dente desse pente  
segue o curso que ele inventa.  
Sem corrigir e sem exigir nada,  
apenas acompanhando o desalinho,  
como quem diz: Até teu caos é belo.

E quando termino,  
o rio não está arrumado.  
Está visto, lido, amado  
no seu próprio movimento.

E o Sol acende o último toque,  
um dourado que escorre  
como se dissesse ao rio e a mim:  
Alguns cabelos só aceitam poesia.

“  
*Alguns cabelos  
só aceitam  
poesia.*  
”

SOBRE A AUTORA

**SÍLVIA  
GRIJÓ**

Sílvia Grijó, nasceu em Anori-AM e vive em Manaus-AM, onde a floresta encontra a palavra e o calor humano vira verso. Escritora de alma sensível e olhar plural, transita entre a poesia, a crônica e o afeto cotidiano. Sua escrita celebra a diversidade, a esperança e o recomeço, com voz firme e coração aberto.

Participa de coletâneas e projetos literários que valorizam a escuta, o encontro e a beleza da vida em suas múltiplas formas. Atua e contribui efetivamente no seguimento literatura em várias confrarias acadêmicas. Presidiu a AJEB-AM/2024/2026.

Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE em 2ª Edição. Coautora em setenta antologias, cinco E-books, três Audiolivros e um CD. Fundadora da Cordelteca em Anori-Am.



# DECRETO

*A Thiago de Mello*

*Por Sílvia Grijó*

Fica decretado,  
que agora vale a saudade  
que cheira a chuva  
caindo no rio Andirá,  
que agora vale a poesia  
que nasce da terra  
e se ergue como raiz  
que não teme o tempo quente.

Fica decretado,  
que sua voz continua correndo  
nas veias largas do Amazonas e do mundo,  
misturada às águas escura e barrentas,  
que carregam memórias  
de árvores antigas  
e de homens que sonham  
a esperança.

Porque há poetas que escrevem,  
mas há os que pertencem,  
à terra, ao vento úmido, ao silêncio verde  
que nunca é silêncio.  
Thiago é um canto  
que se propaga pelo mundo,  
num gesto de luz  
que atravessa a copa das samaumeiras.

“  
*Há poetas  
que escrevem.  
Há os que  
pertencem.*  
”







E no seu centenário,  
celebramos o homem  
que conversava com a floresta  
como quem conversa com o irmão.  
Celebramos o poeta que ensinou  
que a esperança  
é um fruto que amadurece devagar,  
mas nunca deixa de nascer.



E assim, fica decretado,  
que o poeta não se despede,  
ele se espalha no cheiro da chuva  
que chega de manhã sem avisar,  
no canto dos pássaros  
que anunciam a tarde,  
na força do rio que nunca cansa de seguir.



E nesta tarde quente,  
a luz parece mais viva  
como se a própria floresta soubesse  
que hoje é dia de celebrar  
um dos seus filhos mais luminosos,  
o nosso poeta-mor Thiago de Mello.



### — SOBRE A AUTORA —

Sílvia Grijó, nasceu em Anorí-AM e vive em Manaus-AM, onde a floresta encontra a palavra e o calor humano vira verso. Escritora de alma sensível e olhar plural, transita entre a poesia, a crônica e o afeto cotidiano. Sua escrita celebra a diversidade, a esperança e o recomeço, com voz firme e coração aberto. Participa de coletâneas e projetos literários que valorizam a escuta, o encontro e a beleza da vida em suas múltiplas formas. Atua e contribui efetivamente no seguimento literatura em várias confrarias acadêmicas. Presidiu a AJEB-AM/2024/2026.

Autora da obra MULHER À FLOR DA PELE/em 2ª Edição.  
Coautora em setenta antologias, cinco E-books, três Audiolivros e um CD.  
Fundadora da Cordelteca em Anorí-AM.





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# COLETÂNEA DE POEMAS E CONTOS

• VOL. VI •

SUA VOZ. SUAS HISTÓRIAS. NOSSA LITERATURA.



E-BOOK



POEMAS E  
CONTOS



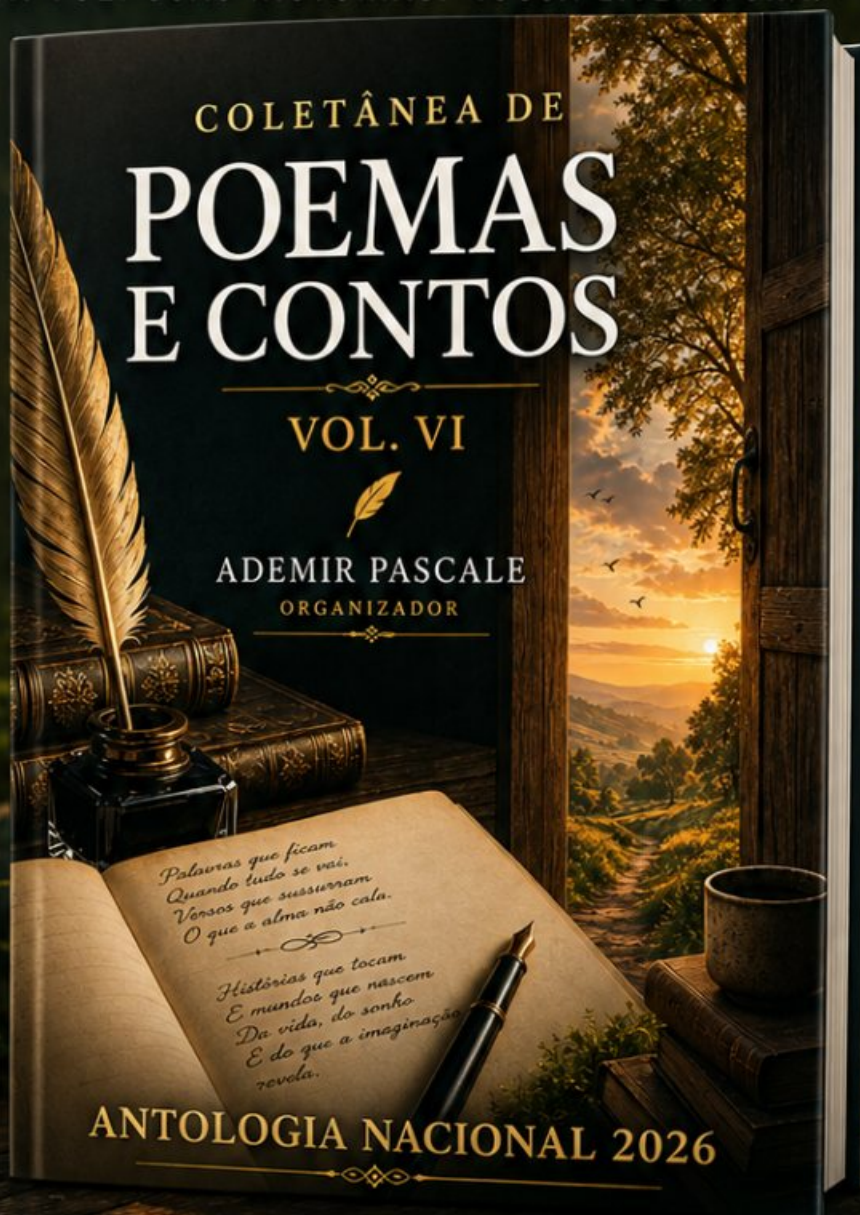
AUTORES DE  
TODO O BRASIL



ALCANÇE  
NACIONAL



CERTIFICADO  
DE PARTICIPAÇÃO  
PARA OS AUTORES  
SELECIONADOS



“

Cada história  
merece ser lida.  
Cada voz  
merece ser  
ouvida.



FAÇA PARTE DESTA OBRA!

PUBLIQUE SEU CONTO OU POEMA  
E DEIXE SUA MARCA NA LITERATURA.

SAIBA MAIS:

CLIQUE AQUI



SELO CONEXÃO LITERATURA





“

*Aquilo que um dia escondi por vergonha acabou me levando justamente para o lugar onde sempre me senti mais livre: a literatura.*

# DIEGO LISBOA

autor do livro

## A IDADE DA DEPENDÊNCIA

— A ética necessária para o futuro —

**CONEXÃO LITERATURA:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**DIEGO LISBOA:** Meu início na literatura foi, no mínimo, curioso. Cresci na periferia, em uma época em que a leitura não era exatamente um hábito incentivado. Segundo meus familiares, eu era uma criança bem atenta, cheia de energia e vivia arrumando problema. Por isso, passava boa parte do tempo de castigo.

Até que meu pai resolveu aumentar a punição. Além de ficar sem sair para a rua ou jogar videogame, eu era obrigado a ler um livro e escrever uma redação sobre o que havia entendido. Eu odiava aquilo.

Havia alguns livros lá em casa, não muitos. Quando chegou a hora de escolher um, não procurei o mais fácil nem o mais interessante. Escolhi o que achei mais bonito. Era um livro de capa dura sobre motores diesel.

Pode parecer estranho, mas foi ali que aconteceu o meu encantamento pela leitura.

Depois de algumas páginas, as palavras deixaram de ser apenas palavras e começaram a formar imagens na minha cabeça. Pela primeira vez, percebi que um livro podia criar um mundo inteiro dentro de mim. Foi naquele momento que descobri que um livro era capaz de criar mundos.

Depois vieram *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Capitães da Areia*, *Quincas Borba*, *O Cortiço*, *Macunaíma* e tantos outros. Quando esses livros chegaram, a resistência já tinha ficado para trás. Eu os lia por vontade própria. E o incentivo das minhas professoras de Língua Portuguesa, na escola pública, foi fundamental para formar o leitor que eu me tornei.

Mas existe um detalhe dessa história de que gosto muito. No bairro onde cresci e entre os amigos da rua e da escola, gostar de ler não era algo admirável. Os livros acabaram se tornando quase um segredo. Naquela época, eu provavelmente preferiria admitir qualquer besteira que tivesse feito a confessar que passava as noites lendo Machado de Assis.

É interessante olhar para essa história hoje. Aquilo que um dia escondi por vergonha acabou me levando justamente para o lugar onde sempre me senti mais livre: a literatura.



REVISTA  
**CONEXÃO**  
— L I T E R A T U R A —

**CONEXÃO LITERATURA:** Você é autor do livro *A Idade da Dependência – A ética necessária para o futuro*. Poderia comentar?

**DIEGO LISBOA:** Todo livro nasce de uma inquietação. A minha começou quando percebi que talvez estivéssemos tentando compreender o presente com categorias que já não eram suficientes para explicar o mundo em que vivemos.

Ao longo da história, cada grande transformação recebeu um nome. Falamos em Idade da Pedra, Idade Média, Revolução Industrial, Sociedade da Informação, Era Digital. Essas expressões não descrevem apenas períodos históricos; elas representam maneiras de interpretar uma época.

A Idade da Dependência nasce justamente dessa inquietação. O livro propõe uma hipótese: talvez já tenhamos atravessado outra mudança de época e ainda não tenhamos percebido. Minha proposta é olhar para o presente a partir de uma nova lente, em que a característica mais marcante do nosso tempo não seja apenas a tecnologia, mas a crescente dependência de sistemas que passaram a organizar a comunicação, o trabalho, o consumo, a informação e até a forma como construímos nossos desejos.

Não escrevi esse livro para condenar a tecnologia, nem para transformar empresas ou bilionários nos grandes vilões da história. A tecnologia ampliou extraordinariamente as possibilidades humanas, e seria um erro ignorar isso. A minha inquietação é outra: toda vez que uma sociedade amplia o seu poder, ela também precisa ampliar sua responsabilidade.

É por isso que o subtítulo do livro é *A ética necessária para o futuro*. Se estamos, de fato, vivendo uma nova configuração histórica, talvez a grande questão do nosso tempo não seja apenas o que somos capazes de criar, mas que princípios serão capazes de preservar a nossa lucidez e a nossa autonomia diante daquilo que criamos.

Como todo ensaio, *A Idade da Dependência* não pretende encerrar um debate. Pelo contrário. Ele oferece uma hipótese, uma lente e um convite. Se, ao final da leitura, o leitor passar a olhar o presente de uma forma diferente — concordando ou discordando da minha interpretação — acredito que o livro já terá cumprido o seu papel.

“

**A ÉTICA NÃO É UM FREIO PARA O PROGRESSO.  
É O QUE GARANTE QUE ELE NOS LEVE  
PARA ALGUM LUGAR QUE AINDA VALE A PENA.**

“  
*Se estamos, de fato, vivendo uma nova configuração histórica, talvez a grande questão do nosso tempo não seja apenas o que somos capazes de criar, mas que princípios serão capazes de preservar a nossa lucidez e a nossa autonomia diante daquilo que criamos.*





# REVISTA CONEXÃO

## L I T E R A T U R A

**CONEXÃO LITERATURA:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**DIEGO LISBOA:** Não sei exatamente como nasce um livro. Sei reconhecer quando ele começou. Normalmente isso acontece quando uma pergunta passa a me acompanhar por tempo demais. Existem inquietações que simplesmente se recusam a ir embora. Elas atravessam leituras, filmes, pesquisas, o trabalho e a própria vida. Chega um momento em que escrever deixa de ser uma escolha e passa a ser a única forma de continuar investigando aquela pergunta.

Escrevo para compreender. Talvez por isso eu nunca comece um livro acreditando que tenho uma resposta. Começo justamente porque sinto que ainda não a tenho. O processo de escrita é o caminho que encontro para pensar com mais profundidade.

Costumo dizer que os livros são como filhos. Nós os escrevemos a partir do conhecimento que temos naquele momento. Depois, ao relê-los, descobrimos que eles também nos transformaram. Talvez essa seja a parte mais bonita da escrita: perceber que nenhum livro modifica apenas quem o lê. Ele modifica, antes de tudo, quem o escreveu.

As minhas inspirações não vêm de um único autor ou de uma única área do conhecimento. Elas nascem do encontro entre literatura, filosofia, psicologia, história, tecnologia e da tentativa permanente de compreender o tempo em que vivo. Escrevo porque acredito que cada época exige novas perguntas — e porque algumas delas simplesmente não aceitam respostas fáceis.

“CADA ÉPOCA EXIGE NOVAS PERGUNTAS — E PORQUE ALGUMAS DELAS SIMPLEMENTE NÃO ACEITAM RESPOSTAS FÁCEIS.”

**CONEXÃO LITERATURA:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**DIEGO LISBOA:** Há um trecho da introdução que, para mim, sintetiza a proposta de todo o livro:

*“Chamar este tempo de Idade da Dependência não é reivindicar autoridade para nomear a história de forma definitiva. É oferecer uma chave de leitura. Uma tentativa de tornar visível aquilo que, justamente por estruturar o cotidiano, tende a passar despercebido.”*

Acredito que esse trecho resume também a postura que procurei adotar ao longo de todo o ensaio. Nunca me interessou escrever um livro para encerrar um debate ou oferecer respostas definitivas. Meu objetivo foi propor uma hipótese, uma nova lente para interpretar o tempo em que vivemos.

Se essa lente ajudar o leitor a enxergar o presente com um pouco mais de lucidez — concordando ou discordando da minha interpretação — acredito que o livro já terá cumprido a sua função.

“ESCREVO PARA COMPREENDER. TALVEZ POR ISSO EU NUNCA COMECE UM LIVRO ACREDITANDO QUE TENHO UMA RESPOSTA. COMEÇO JUSTAMENTE PORQUE SINTO QUE AINDA NÃO A TENHO.”

DIEGO LISBOA



# REVISTA CONEXÃO

## L I T E R A T U R A

**CONEXÃO LITERATURA:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**DIEGO LISBOA:** Meus livros estão disponíveis na Amazon, tanto para compra quanto para os leitores assinantes do Kindle Unlimited. Acredito que esse seja o caminho mais simples para quem deseja conhecer o meu trabalho.

Mas a verdade é que a conversa raramente termina em um livro. Gosto de experimentar diferentes formas de escrita e de diálogo. Às vezes publico ensaios no Substack; em outras, compartilho contos, crônicas e outros textos no Medium. Também produzo vídeos sobre literatura, filosofia, psicologia e psicanálise para o TikTok e o Instagram. Quando sobra um pouco de tempo, gosto de conversar com as pessoas no Observatório Periscópio, um grupo da Periscópio criado justamente para prolongar essas reflexões.

No fundo, todos esses espaços fazem parte da mesma proposta. Não os vejo como plataformas diferentes, mas como formas diferentes de continuar uma conversa que começou nos livros.

Se, em algum momento, um livro, um ensaio, um conto, um vídeo ou uma conversa conseguir oferecer ao leitor uma nova lente para olhar o mundo, acredito que todo esse trabalho já terá feito sentido.

“ SE UM LIVRO, UM ENSAIO, UM CONTO, UM VÍDEO OU UMA CONVERSA OFERECER AO LEITOR UMA NOVA LENTE PARA OLHAR O MUNDO, ACREDITO QUE TODO ESSE TRABALHO JÁ TERÁ FEITO SENTIDO. ”

**CONEXÃO LITERATURA:** Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

**DIEGO LISBOA:** Sempre tenho certo cuidado quando ouço a afirmação de que o brasileiro não lê. A pergunta que me interessa é outra: o que estamos chamando de leitura?

Fui agente de leitura em um projeto do Governo Federal, realizado em parceria com a Prefeitura de São Bernardo do Campo, e essa experiência me ensinou a olhar para essa questão com menos preconceito. De onde estou, vejo muitas pessoas lendo, interessadas em livros e procurando novas formas de se aproximar da literatura. Às vezes, o que falta não é interesse, mas acesso, mediação e o encontro com o livro certo.

Hoje, inclusive, plataformas frequentemente associadas ao entretenimento rápido também têm desempenhado um papel importante na formação de novos leitores. O BookTok, por exemplo, mostrou que a literatura encontrou novos caminhos para circular, despertar curiosidade e criar comunidades em torno dos livros. Isso não elimina os desafios, mas nos convida a abandonar a ideia simplista de que as pessoas deixaram de se interessar pela leitura.

“ NÃO ESCREVO PARA DAR RESPOSTAS, MAS PARA AJUDAR A FAZER MELHORES PERGUNTAS. ”

— DIEGO LISBOA —



LIVROS DISPONÍVEIS NA  
AMAZON E NO KINDLE  
UNLIMITED



ENSAIOS NO  
SUBSTACK E  
TEXTOS NO MEDIUM



VÍDEOS NO TIKTOK  
E INSTAGRAM SOBRE  
LITERATURA, FILOSOFIA,  
PSICOLOGIA E PSICANÁLISE



CONVERSAS NO  
OBSERVATÓRIO  
PERISCÓPIO



www.revistaconexaoliteratura.com.br

Revista Conexão Literatura



REVISTA  
**CONEXÃO**  
— L I T E R A T U R A —

Ao mesmo tempo, acredito que a leitura adquiriu um novo significado no mundo contemporâneo. Vivemos cercados por informações rápidas, fragmentadas e consumidas, muitas vezes, em formato de vídeo ou áudio. Nesse contexto, escolher a leitura é quase um ato de resistência. Não uma resistência nostálgica à tecnologia, mas uma escolha por outro ritmo de experiência.

Escolher um livro, nesse sentido, é escolher uma forma de atenção que o presente tem tornado cada vez mais rara. É aceitar o silêncio, a demora, a imaginação e o esforço de construir sentido sem que tudo nos seja entregue pronto. Um vídeo pode mostrar uma imagem. Um livro nos convida a criá-la dentro de nós.

Talvez seja por isso que a leitura continue tão necessária. Em uma época marcada pela velocidade, ela ainda oferece aquilo que poucas experiências conseguem oferecer: tempo para pensar, espaço para imaginar e a possibilidade de habitar, por algumas páginas, o olhar de outra pessoa.

“ A LEITURA AINDA OFERECE AQUILO QUE  
POUCAS EXPERIÊNCIAS CONSEGUEM OFERECER:  
TEMPO PARA PENSAR, ESPAÇO PARA IMAGINAR  
E A POSSIBILIDADE DE HABITAR, POR ALGUMAS  
PÁGINAS, O OLHAR DE OUTRA PESSOA. ”

**CONEXÃO LITERATURA:** Existem novos projetos em pauta?

**DIEGO LISBOA:** Sim, existem muitos projetos. O que às vezes falta é tempo.

Escrevo há cerca de quinze anos e, olhando para trás, tenho a impressão de que esse período foi menos sobre publicar livros e mais sobre descobrir o que eu realmente queria dizer. Hoje sinto que finalmente encontrei a minha voz autoral.

Grande parte desse percurso nasceu de uma obra chamada *Criador*, que comecei a escrever em 2012. Curiosamente, ela está pronta, mas ainda não acabada. Sempre encontro alguma frase, alguma cena ou alguma ideia que acredito poder ser aprimorada. Acho que esse livro acabou se tornando uma espécie de centro gravitacional da minha escrita.

Durante o processo de criação de *Criador*, vivi muitas ressacas criativas. E, para descansar de um livro, eu acabava escrevendo outro. Foi assim que nasceram, por exemplo, *A Idade da Dependência* e *Innominatum*. O que parecia uma fuga acabou se transformando em novos caminhos de investigação e criação.

Ao longo desses anos também surgiu *Mitologia do Desejo*, um livro de poesias. Já *O Silêncio das Celas* nasceu da tentativa de compreender como as estruturas de poder atravessam a vida das pessoas. Nesse percurso, as leituras de Michel Foucault foram fundamentais para pensar essas relações, enquanto a psicanálise de Sigmund Freud influenciou profundamente a construção dos personagens, especialmente a maneira como compreendo a neurose, a psicose e a perversão.

“  
ESCOLHER UM LIVRO  
É ESCOLHER UMA FORMA  
DE ATENÇÃO QUE  
O PRESENTE TEM TORNADO  
CADA VEZ MAIS RARA.

— DIEGO LISBOA —



# REVISTA CONEXÃO

## L I T E R A T U R A

Desse mesmo processo nasceu a *Coleção Lucidez*, formada por três livretos: *O Mal-Estar do Homem Moderno*, *O Delírio da Civilização e À Beira do Abismo*. A coleção reúne ensaios, contos e crônicas que dialogam entre si e procuram oferecer diferentes perspectivas sobre o nosso tempo.

Há também outros projetos muito importantes para mim, como *Diário de um Suicida*, que procura contribuir para o debate sobre saúde mental; *A Morte do Império*; e *O Evangelho Esquecido*, o segundo livro que escrevi. Curiosamente, ele nasceu inspirado apenas pelo título de um romance de José Saramago que eu nunca li. A força daquele título despertou uma pergunta que permaneceu comigo por muito tempo e, aos poucos, acabou se transformando em uma história completamente diferente. Hoje, *O Evangelho Esquecido* está disponível na Amazon.

Também tenho um carinho especial pela literatura infantil. *Beleléu* foi o início desse caminho e, atualmente, outros dois livros infantis estão em negociação com uma editora. Espero que, em breve, eles também encontrem seus leitores.

Ou seja, projetos realmente não faltam.

Talvez o maior desafio, hoje, não seja escrever novos livros, mas encontrar a melhor forma de reunir tudo isso dentro de um mesmo projeto autoral.

“ TALVEZ O MAIOR DESAFIO, HOJE, NÃO SEJA ESCREVER NOVOS LIVROS, MAS ENCONTRAR A MELHOR FORMA DE REUNIR TUDO ISSO DENTRO DE UM MESMO PROJETO AUTURAL. ”

Foi justamente dessa necessidade que nasceu a Periscópio Produções. Durante muito tempo procurei uma editora que conseguisse compreender a amplitude desses projetos e da visão de mundo que procuro construir por meio deles. Como esse encontro ainda não aconteceu, decidi criar o meu próprio caminho.

Publicar de forma independente tem me dado algo que valorizo muito: liberdade. Liberdade para experimentar diferentes gêneros, desenvolver projetos de longo prazo e, principalmente, manter um diálogo direto com os leitores. Se um dia encontrar uma editora que compartilhe dessa visão, será um prazer caminhar junto. Até lá, sigo construindo essa obra com a independência e a liberdade que considero essenciais.

“

Publicar de forma independente tem me dado algo que valorizo muito:  
**LIBERDADE.**

— DIEGO LISBOA —



# REVISTA CONEXÃO

## L I T E R A T U R A



### PERGUNTAS RÁPIDAS:



#### UM LIVRO

**DIEGO LISBOA:** *O Iluminado*, de Stephen King, porque foi o livro que me fez acreditar que eu também poderia escrever. Lembro de estar lendo e dizer para a minha mãe que, um dia, seria escritor. Também não posso deixar de citar *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez, que me apresentou ao realismo fantástico e ampliou completamente a minha forma de imaginar a literatura.



#### UM ATOR OU ATRIZ

**DIEGO LISBOA:** Atualmente, Wagner Moura. Gosto da forma como ele transita entre diferentes personagens e da inteligência com que pensa o próprio ofício.



#### UM FILME

**DIEGO LISBOA:** Essa talvez seja a pergunta mais difícil da entrevista. Tenho muitos filmes que marcaram momentos diferentes da minha vida, e seria injusto escolher apenas um. Minha relação com o cinema é muito parecida com a que tenho com a literatura: cada obra chega em um momento diferente e acaba dialogando com perguntas diferentes.



#### UM HOBBY

Gosto de ler, ouvir música e ir à academia. São momentos em que consigo desacelerar um pouco e colocar as ideias no lugar.



#### UM DIA ESPECIAL

**DIEGO LISBOA:** Talvez o dia da minha morte. Não por um desejo de morrer, mas porque imagino que será o único dia em que todas as perguntas que me acompanham deixarão de exigir respostas. Depois disso, haverá apenas o silêncio — ou o nada. E, curiosamente, acho essa ideia muito bonita.

“

*Cada obra chega em um momento diferente e acaba dialogando com perguntas diferentes.*

— DIEGO LISBOA —



Agradecemos a Diego Lisboa pela entrevista e por compartilhar suas ideias e reflexões com os leitores da *Revista Conexão Literatura*.

“

SE UM DIA ENCONTRAR UMA EDITORA QUE COMPARTILHE DESSA VISÃO, SERÁ UM PRAZER CAMINHAR JUNTO. ATÉ LÁ, SIGO CONSTRUINDO ESSA OBRA COM A **INDEPENDÊNCIA E A LIBERDADE** QUE CONSIDERO ESSENCIAIS.

”

*Conexão é isso: ideias que inspiram, histórias que conectam e conversas que transformam. Até a próxima!*





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# UNIVERSO DA POESIA

VOL. X

SUAS PALAVRAS. INFINITAS POSSIBILIDADES.



POEMAS QUE  
TOCAM A ALMA



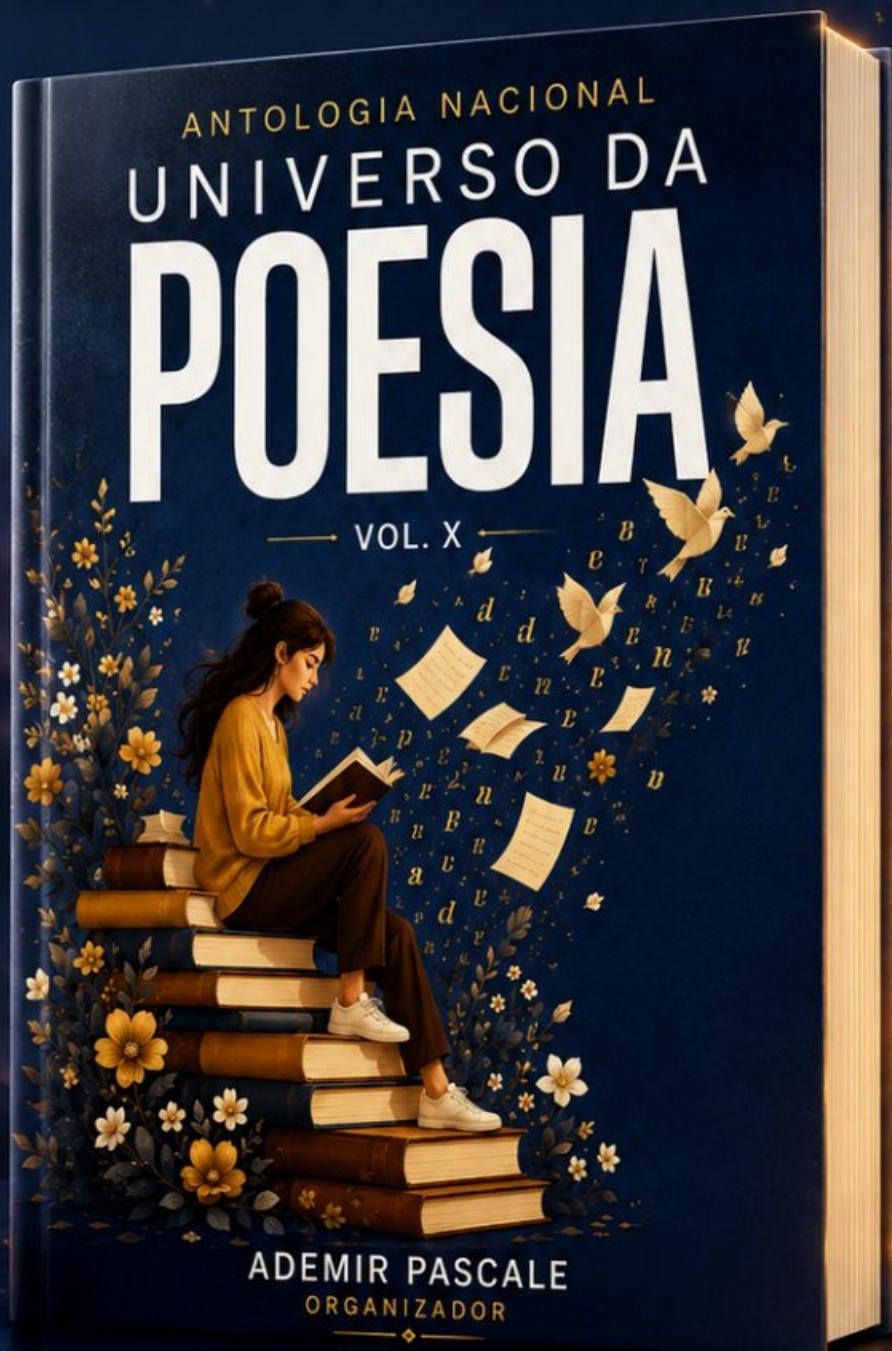
AUTORES DE  
TODO O BRASIL



ANTOLOGIA  
NACIONAL



CERTIFICADO DE  
PARTICIPAÇÃO  
PARA OS AUTORES  
SELECIONADOS



“

A poesia  
é o encontro  
do infinito  
com as  
palavras.



FAÇA PARTE DESTA OBRA!

PUBLIQUE SEU POEMA E DEIXE  
SUA MARCA NA LITERATURA.

SAIBA MAIS:

CLIQUE AQUI



SELO CONEXÃO LITERATURA



# Revista **CONEXÃO** **LITERATURA**

ENTREVISTA COM

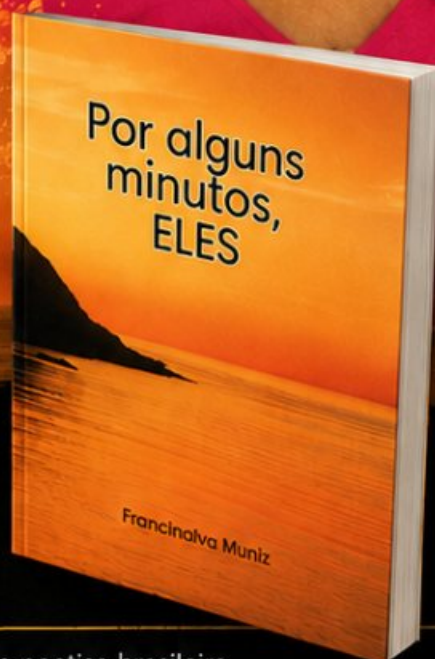
## **FRANCINALVA ALVES DE SOUSA MUNIZ**

AUTORA DO LIVRO

### **POR ALGUNS MINUTOS, ELES**

**“ POR ALGUNS MINUTOS,  
ELES NOS ENSINAM QUE  
O AMOR E A MEMÓRIA  
SÃO ETERNOS. ”**

**Francinalva Alves de Sousa Muniz** — pedagoga, escritora e poetisa brasileira. Nascida em vinte e quatro de novembro de mil novecentos e setenta e cinco, em Pedreiras - MA, admiradora das três gerações românticas e de suas diferentes características melancólicas, introspectivas e pessimistas — principalmente quanto aos temas do amor romântico, interrogações sobre a morte e o descontentamento das injustiças sociais. É membro da Academia Bacabalense de Letras, ocupando a cadeira nº 24, cujo patrono é o Prof. Matias Brito. Selecionada em antologias de poesias eróticas e românticas, é autora de *Por Alguns Minutos, Eles*, *Mordomos do Mundo - Ecopoesias* e outras obras em andamento para publicação.



**ENTREVISTA | REVISTA CONEXÃO LITERATURA COM FRANCINALVA ALVES DE SOUSA MUNIZ**

**R** Revista Conexão Literatura: A obra “Por Alguns Minutos, Eles” traz inspirações da trajetória de uma família em particular. Em que momento você decidiu que as memórias deles deveriam ser eternizadas em um livro?

**F** Francinalva Alves de Sousa Muniz: Um membro da família era, à época, um grande amigo meu. Ele havia comentado que ainda lhe faltava realizar um sonho: ver a história da família dele ser retratada em um livro. Decidi realizar seu sonho, pois eu já escrevia desde os dezesseis anos. Na época, eu tinha 27 anos e ele, 45. Foi a força do acaso que nos uniu e nos casamos anos depois. O livro eu já havia rascunhado, mas, depois de muito tempo, foi possível concretizá-lo.

**R** Revista Conexão Literatura: Embora a obra esteja inserida em um contexto histórico marcado por guerras, pandemias e pela ditadura militar, o foco permanece na vida cotidiana da família. Como você equilibrou os acontecimentos históricos com a narrativa íntima dos personagens?

**F** Francinalva Alves de Sousa Muniz: A contextualização histórica foi fundamental para potencializar os sentimentos, sonhos e vivências de cada personagem ao longo dos anos.



**R** **Revista Conexão Literatura:** A educação aparece como um dos principais instrumentos de transformação ao longo da história. Como pedagoga, de que forma sua experiência profissional influenciou essa abordagem?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** Uma conscientização mais apurada sobre o papel da educação, especialmente para as famílias mais humildes. O seu acesso é um agente transformador do meio, pelo qual o menino pobre descobre o mundo em que ele pode ter uma chance de realizar seus sonhos e seus talentos natos.

**“ O SEU ACESSO É UM AGENTE TRANSFORMADOR DO MEIO, PELO QUAL O MENINO POBRE DESCOBRE O MUNDO EM QUE ELE PODE TER UMA CHANCE DE REALIZAR SEUS SONHOS E SEUS TALENTOS NATOS. ”**

**R** **Revista Conexão Literatura:** O livro retrata dificuldades como a fome, a pobreza e a falta de oportunidades, mas também destaca valores como honestidade, trabalho e amor. Que mensagem você espera transmitir aos leitores por meio desse contraste?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** Que vale a pena não desistir no meio do caminho quando se decide iniciar uma luta ou vencer uma batalha. Apesar das injustiças, você ainda é capaz de trazer luz ao mundo. O trabalho dignifica o homem, mas ele precisa de oportunidades para ter seu lugar ao sol. Ninguém chega a um milagre sozinho.

**“ O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM, MAS ELE PRECISA DE OPORTUNIDADES PARA TER SEU LUGAR AO SOL. NINGUÉM CHEGA A UM MILAGRE SOZINHO. ”**

**R** **Revista Conexão Literatura:** As descrições de alimentos, aromas, festas, populares e elementos da natureza maranhense enriquecem a narrativa. Qual foi a importância de preservar essas memórias sensoriais e culturais na construção da obra?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** Além de ter sido fundamental para descrever a rotina e as passagens importantes da família, algumas memórias trazem uma nostalgia significativa para os dias atuais e culturas que ainda são muito fortes, como o bumba meu boi, as festas juninas e a cidade de São Luís, pela qual a família tem paixão e admiração por sua beleza e cultura.

**“ ALGUMAS MEMÓRIAS TRAZEM UMA NOSTALGIA SIGNIFICATIVA PARA OS DIAS ATUAIS E CULTURAS QUE AINDA SÃO MUITO FORTES, COMO O BUMBA MEU BOI, AS FESTAS JUNINAS E A CIDADE DE SÃO LUÍS, PELA QUAL A FAMÍLIA TEM PAIXÃO E ADMIRAÇÃO POR SUA BELEZA E CULTURA. ”**





Revista  
**CONEXÃO**  
**LITERATURA**

**R** **Revista Conexão Literatura:** A narrativa apresenta momentos de grande emoção, como a doença da mãe, a mudança para São Luís e a perda de dona Venuta. Houve algum episódio que foi especialmente difícil de escrever?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** Sou autista, tenho facilidade de me colocar no lugar do personagem e viajar em cada detalhe vivido, às vezes, até sentir tudo o que sentiram... dor, sofrimento, choro... E, sendo mãe, chorei ao lembrar dos momentos da morte da mãe e dos momentos em que dona Venuta vê da porta os dois filhos, Cinaldo e Joãozito, partirem para longe em busca de seus horizontes. Também o momento em que descrevo a morte de dona Venuta.

**“SOU AUTISTA, TENHO FACILIDADE  
DE ME COLOCAR NO LUGAR DO PERSONAGEM  
E VIAJAR EM CADA DETALHE VIVIDO,  
ÀS VEZES, ATÉ SENTIR TUDO O QUE SENTIRAM...  
DOR, SOFRIMENTO, CHORO...”**

**R** **Revista Conexão Literatura:** Além da prosa, a obra incorpora recursos poéticos, como o acróstico e a ode assinados por Cinaldo. Como surgiu a ideia de integrar esses textos ao livro e qual o significado deles dentro da narrativa?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** Eu também sou poetisa e talvez eu tenha influenciado um dos protagonistas a escrever algo em forma de poesia, pois a admiração pelos pais era muito poderosa e eu quis colocar no livro para que o leitor observasse essa admiração poética dentro da narrativa.

**R** **Revista Conexão Literatura:** Você é autora de poesias e admiradora das gerações românticas da literatura. De que maneira sua trajetória como poetisa influenciou o estilo narrativo de *Por alguns minutos*, eles?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** Fui influenciada pela admiração dos protagonistas pela cidade escolhida para morar e encontrar meios de vida melhores, pela influência da música popular brasileira, pela leitura de bons livros da literatura brasileira, por revistas e observações da história de seu país.





# Revista **CONEXÃO** **LITERATURA**

**R** **Revista Conexão Literatura:** O Maranhão ocupa papel central na obra, retratando sua cultura, paisagens e tradições. O quanto foi importante valorizar a identidade maranhense por meio dessa narrativa?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** A cultura popular, a beleza de sua capital, São Luís, com forte influência portuguesa e francesa, considerada Patrimônio da Humanidade.

“ **A CULTURA POPULAR, A BELEZA DE SUA CAPITAL, SÃO LUÍS, COM FORTE INFLUÊNCIA PORTUGUESA E FRANCESA, CONSIDERADA PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE.** ”

**R** **Revista Conexão Literatura:** Depois da publicação de *Por alguns minutos, eles* e de outras obras como *Mordomos do Mundo – Ecopoesias*, quais são seus próximos projetos literários e o que os leitores podem esperar de sua produção futura?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** Ímpetos, Relacionamentos com Vários Olhares (volume 1 e volume 2), A Ruína daquele Castelo, entre outros. O leitor pode esperar bastante emoção, conflitos, superação e uma viagem sensorial.

“ **O LEITOR PODE ESPERAR BASTANTE EMOÇÃO, CONFLITOS, SUPERAÇÃO E UMA VIAGEM SENSORIAL.** ”

**R** **Revista Conexão Literatura:** Como os leitores poderão saber mais sobre você, acompanhar seu trabalho e conhecer suas publicações em livros?

**F** **Francinalva Alves de Sousa Muniz:** No Instagram, Facebook e WhatsApp.







# 3 E-BOOKS

## PARA TRANSFORMAR SUA

# JORNADA LITERÁRIA!



### CONHECIMENTO PRÁTICO

PASSOS CLAROS PARA  
ALCANÇAR SEUS OBJETIVOS.



### FERRAMENTAS ESSENCIAIS

RECURSOS E MODELOS QUE  
FACILITAM SUA PRODUÇÃO  
E PUBLICAÇÃO.



### MAIS CHANCES DE SUCESSO

ESTRATÉGIAS QUE AMPLIAM  
SUA VISIBILIDADE E CONECTAM  
VOCÊ A MAIS LEITORES.

# CLIQUE AQUI



[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)





ENTREVISTA

# HENRIQUE MORAES

FUNDADOR DO  
BOOKGROUP (AJUNTA PRA LER)



*Arquiteto de software com quase 30 anos de experiência, casado, 3 filhos, e apreciador e incentivador da boa leitura.*



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
Henrique, para quem ainda não conhece, o que é o BookGroup?

**HENRIQUE MORAES:**

O BookGroup é uma plataforma de leitura em comunidade. O autor publica sua obra, cria um grupo e passa a ter um espaço vivo para conversar com leitores antes, durante e depois do lançamento. Em vez de depender só de picos de divulgação, ele ganha continuidade de relacionamento, dados de engajamento e novas possibilidades de receita dentro da própria comunidade.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
De onde nasceu a ideia?

**HENRIQUE MORAES:**

Nasceu de uma frustração real de leitor. Eu estava lendo, tive um insight e quis compartilhar na hora, mas faltava um ambiente que unisse leitura, contexto do trecho e troca com outras pessoas. Comecei a desenhar essa solução para resolver meu próprio problema, e ela foi evoluindo até virar uma plataforma pensada para quem vive de livro: leitores, mediadores e autores independentes.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
Por que priorizar autores independentes?

**HENRIQUE MORAES:**

Porque o independente costuma carregar quase tudo nas costas: escrita, divulgação e relacionamento com o público. Só que, depois da venda, muitas vezes essa conexão se perde. O BookGroup existe para mudar esse ciclo. A proposta é simples: ajudar o autor a construir comunidade de verdade, com recorrência de presença e maior chance de receita ao longo do tempo, sem recomeçar do zero a cada lançamento.



**Livros conectam. Comunidades transformam.  
Juntos, eles permanecem.**







**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**Na prática, como um autor começa no BookGroup?**

**HENRIQUE MORAES:**

O fluxo é direto: depois de se cadastrar na plataforma, ele envia o seu livro para publicação, em Word mesmo ou em Epub, direto no Centro de Publicação, uma vez aprovado, é criado um grupo de leitura onde o livro é associado e gerado o link para distribuição gratuita ou para venda. A partir daí, ele pode conduzir leituras guiadas, abrir discussões por capítulo e oferecer experiências. A plataforma foi desenhada para facilitar essa operação sem aumentar complexidade no dia a dia.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**O que o leitor encontra na experiência de leitura?**

**HENRIQUE MORAES:**

Um ambiente de leitura com foco. O livro abre limpo, sem ruído. Destaques, anotações e discussão aparecem quando o leitor escolhe interagir. Temos modo anti-spoiler para respeitar ritmos diferentes, tutor de IA para apoio durante a leitura e sincronização com livro físico por foto de trecho. Isso aumenta permanência e qualidade da conversa, que é o que sustenta uma comunidade literária de longo prazo.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**Como vocês incentivam participação de leitores nos grupos?**

**HENRIQUE MORAES:**

Temos mecanismos de engajamento que reconhecem constância e contribuição nas discussões. O autor define as regras do grupo e consegue premiar participação de forma coerente com o próprio projeto editorial. Isso ajuda a transformar grupo parado em comunidade ativa.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**  
**E a parte financeira, para quem quer vender dentro da plataforma?**

**HENRIQUE MORAES:**

A base já está pronta para operação: cobrança integrada com PIX, boleto e cartão de crédito para acesso a grupos e experiências. Nossa prioridade é garantir previsibilidade operacional e boa experiência para autor e leitor. Modelos avançados de crescimento por indicação e repasse são tratados por etapas, com homologação e governança, para escalar com segurança.

“

**A proposta é simples: ajudar o autor a construir comunidade de verdade.**

”







**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**

**Direitos autorais e proteção da obra continuam sendo uma preocupação forte. Como o BookGroup trata isso?**

**HENRIQUE MORAES:**

Esse ponto é central. Temos um Centro de Conformidade com os termos e compromissos da plataforma, incluindo antipirataria e regras de uso de obras literárias. Na prática, o livro é lido dentro do ambiente do BookGroup, sem download livre do arquivo para circulação fora da plataforma. E, se houver disputa de titularidade, existe fluxo formal para tratamento do caso.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**

**Como funciona a divulgação dos livros e dos autores dentro do ecossistema do BookGroup?**

**HENRIQUE MORAES:**

Além da parte de leitura e comunidade, temos um motor de publicidade para apoiar a descoberta de obras na própria plataforma. Esse motor organiza e distribui campanhas de divulgação dos livros nas redes sociais oficiais do BookGroup, dando visibilidade para autores independentes e suas obras diante do público que já acompanha nossos canais. Na prática, isso amplia alcance, fortalece reconhecimento de marca autoral e cria novas portas de entrada para os grupos de leitura.



**REVISTA CONEXÃO LITERATURA:**

**Para fechar: qual mensagem você deixa para autores e escritoras/escritores independentes?**

**HENRIQUE MORAES:**

Se você já faz o trabalho mais difícil, que é conquistar leitores, sua próxima alavanca é não perder esse vínculo. O BookGroup foi construído para isso: transformar leitura em comunidade viva e dar ao autor um caminho de crescimento sustentável, sem depender apenas de uma janela curta de divulgação.



**CONHEÇA  
O BOOKGROUP  
e publique  
o seu livro!**



 <https://bookgroup.social/l/conexao>





# Revista Conexão LITERATURA

Entrevista com

## LUNA BELA MORTE

autora do livro

### POESIA PARA SER LIDA NO CEMITÉRIO

**Luna Bela Morte** é uma escritora de poesia gótica e terror, feita de silêncio, lua cheia e palavras afiadas. Sua obra mergulha nas sombras da existência humana, onde a dor, o desejo e a morte deixam de ser monstros para se tornarem espelhos. Entre cemitérios, livros raros e noites insones, ela transforma o **medo** em linguagem e a **decadência** em beleza. Não escreve para confortar almas frágeis, essa mania humana de querer colo até do abismo. Escreve para desenterrar **verdades**, rasgar véus e revelar **o que pulsa** sob a pele do mundo. Luna é arquivista de trevas, ritualista urbana e testemunha íntima daquilo que a luz prefere negar.

#### ENTREVISTA:

**Conexão Literatura:** Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

**Luna Bela Morte:** Meu início no meio literário não aconteceu como uma estreia luminosa, com flores na mesa e aplausos civilizados, essa pequena comédia humana. Aconteceu em silêncio, entre livros antigos, madrugadas inquietas e uma sensação quase física de que eu precisava escrever para não ser devorada por aquilo que observava.

Cresci cercada por sombras muito férteis: bibliotecas, cemitérios, filmes de horror, poesia maldita, simbolismo, romantismo sombrio, vozes como Poe, Baudelaire, Augusto dos Anjos, Anne Rice, Álvares de Azevedo. Não os li como quem visita autores mortos; li como quem encontra parentes enterrados em páginas.

Antes de publicar, eu já escrevia para compreender o que a maioria prefere maquiar: a morte, o desejo, a culpa, a violência íntima, os fantasmas sociais que moram dentro das casas.

Depois vieram os textos, os leitores, os livros, a criação da minha própria mitologia.

Mas a raiz continua a mesma: eu não entrei na literatura para enfeitar o mundo. Entrei para abrir suas paredes e mostrar o que respira atrás delas.





**Conexão Literatura:** Você é autora do livro “Poesia para ser lida no cemitério”, poderia comentar?

**Luna Bela Morte:** “Poesia para ser lida no cemitério” nasceu como uma vela acesa no centro da noite, não para expulsar a escuridão, mas sim para revelar o que sempre esteve ali, esperando coragem para ser visto.

É um livro de poemas góticos, sim, mas não apenas no sentido estético. O cemitério, pra mim, não é apenas uma decoração mórbida. É uma filosofia, entende? É o lugar onde as vaidades humanas perdem a maquiagem, onde o tempo se torna honesto e onde percebemos que toda vida é uma obra breve tentando deixar alguma marca antes do silêncio.

Nesse livro, falo de morte, amor, desejo, fantasmas, casas assombradas, vampiros, bruxaria, solidão e renascimento. Mas, no fundo, todos esses temas são máscaras para uma pergunta maior: o que fazemos com a nossa própria sombra?

Eu o escrevi para leitores que não têm medo de sentir profundamente. Para aqueles que sabem que a beleza nem sempre vem perfumada de flores claras. Às vezes, ela nasce entre lápides, sob uma lua fria, quando finalmente aceitamos que também somos feitos de ausência, ruína e mistério.

## “ESCREVO PARA DESENTERRAR VERDADES, RASGAR VÉUS E REVELAR O QUE PULSA SOB A PELE DO MUNDO.”

**Conexão Literatura:** Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

**Luna Bela Morte:** Meu processo de criação começa quase sempre com uma inquietação. Uma imagem, uma frase, uma ferida antiga, um rosto visto de relance na rua, uma casa silenciosa demais. Eu não parto de uma ideia domesticada. Parto de um incômodo. A literatura, quando é honesta, não nasce limpa. Ela vem com terra sob as unhas.

Escrevo muito à noite, quando o mundo baixa a voz e a imaginação ganha mais força, esse milagre raro numa época em que até o silêncio parece precisar de notificação. Costumo construir primeiro a atmosfera: o cheiro do lugar, a temperatura da cena, a textura emocional da personagem. Depois vem a estrutura, porque até o caos precisa de arquitetura. Um conto, um poema ou um romance não pode ser apenas uma sombra espalhada. Precisa ter ossos.

Minhas inspirações vêm do horror gótico, da poesia simbolista, do romantismo sombrio, do cinema de terror, da música pesada e das ruínas humanas que encontro no cotidiano. Poe me ensinou a escutar a culpa. Baudelaire, a encontrar flores no lodo. Augusto dos Anjos, a tratar a carne sem delicadeza mentirosa. Anne Rice, a compreender que o monstro mais fascinante é aquele que ainda carrega uma alma em conflito.

Mas minha maior inspiração continua sendo a condição humana. O medo de morrer. O desejo de ser amado. A violência escondida nos lares. A solidão das cidades. A necessidade desesperada de transformar dor em beleza antes que ela nos transforme em pedra. Escrevo a partir desse lugar: onde o abismo deixa de ser um fim e se torna uma linguagem.





**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Luna Bela Morte:** Como a sua pergunta não especifica de qual livro, vou escolher um trecho do livro "Poesia para ser lida no cemitério", que é uma espécie de altar poético dentro da minha obra. Afinal, já que me deram uma porta aberta, seria rude não entrar carregando uma vela preta.

Um trecho que representa muito bem o espírito do livro é:

**“Ensinarão-nos a temer a noite...  
Mentiram. A escuridão é fértil.”**

Gosto desse trecho porque ele resume uma das ideias centrais da minha escrita: a sombra não é apenas uma espécie de ameaça. Ela também é uma revelação. A cultura costuma tratar a dor, o medo, a morte e a melancolia como quartos trancados da alma, desses que a sociedade manda esconder para manter a mobília emocional apresentável. Eu faço o contrário. Entro nesses quartos, acendo uma vela e pergunto: o que ainda vive aqui?

Então, concluindo, "Poesia para ser lida no cemitério" não é um livro para fugir da noite. É para atravessá-la com os olhos abertos. Nele, o cemitério não é um fim: é um espelho, um templo, uma confissão.

**Conexão Literatura:** Além de poesia, você também criou uma saga literária chamada "Ordo Umbrae", composta por contos e livros em prosa literária. Poderia falar sobre essa saga?

**Luna Bela Morte:** A Ordo Umbrae é o meu universo de horror gótico em prosa, mas gosto de pensar nela como um grimório disfarçado de saga literária. Ali, o terror não aparece apenas para fazer barulho no corredor, como certos sustos baratos que a humanidade insiste em chamar de profundidade. Ele surge como uma força filosófica: aquilo que revela quem somos quando o amor, a fé, o desejo e a morte deixam de obedecer às nossas pequenas ilusões.

A saga começa com o e-book "O Aprendiz das Trevas", que apresenta a origem de Castor, um homem quebrado pelo luto e lançado ao contato com forças que jamais deveriam responder a uma oração. Esse e-book pode ser baixado gratuitamente em meu site. Depois, no romance "O Beijo e a Maldição", esse universo se expande com Cael e Isolda, dois seres presos entre paixão, condenação e rituais antigos. É uma história sobre amar aquilo que pode nos destruir, tema que, infelizmente, continua bastante humano.

Além dos livros, existem contos paralelos que aprofundam esse mundo, como "O Covil de Nyxara", "Cães Fantasma da Ordo Umbrae" e "A pintura antes da morte". Neles, trabalho bruxaria, sociedades secretas, portais, violência psicológica, casas corrompidas e personagens que caminham sempre no limite entre vítima, monstro e revelação.





**Conexão Literatura:** Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

**Luna Bela Morte:** Como a sua pergunta não especifica de qual livro, vou escolher um trecho do livro "Poesia para ser lida no cemitério", que é uma espécie de altar poético dentro da minha obra. Afinal, já que me deram uma porta aberta, seria rude não entrar carregando uma vela preta. Um trecho que representa muito bem o espírito do livro é:

**“Ensinar-nos a temer a noite...  
Mentiram. A escuridão é fértil.”**

Gosto desse trecho porque ele resume uma das ideias centrais da minha escrita: a sombra não é apenas uma espécie de ameaça. Ela também é uma revelação. A cultura costuma tratar a dor, o medo, a morte e a melancolia como quartos trancados da alma, desses que a sociedade manda esconder para manter a mobília emocional apresentável. Eu faço o contrário. Entro nesses quartos, acendo uma vela e pergunto: o que ainda vive aqui?

Então, concluindo, "Poesia para ser lida no cemitério" não é um livro para fugir da noite. É para atravessá-la com os olhos abertos. Nele, o cemitério não é um fim: é um espelho, um templo, uma confissão.

**Conexão Literatura:** Além de poesia, você também criou uma saga literária chamada "Ordo Umbrae", composta por contos e livros em prosa literária. Poderia falar sobre essa saga?

**Luna Bela Morte:** A Ordo Umbrae é o meu universo de horror gótico em prosa, mas gosto de pensar nela como um grimório disfarçado de saga literária. Ali, o terror não aparece apenas para fazer barulho no corredor, como certos sustos baratos que a humanidade insiste em chamar de profundidade. Ele surge como uma força filosófica: aquilo que revela quem somos quando o amor, a fé, o desejo e a morte deixam de obedecer às nossas pequenas ilusões.

A saga começa com o e-book "O Aprendiz das Trevas", que apresenta a origem de Castor, um homem quebrado pelo luto e lançado ao contato com forças que jamais deveriam responder a uma oração. Esse e-book pode ser baixado gratuitamente em meu site. Depois, no romance "O Beijo e a Maldição", esse universo se expande com Cael e Isolda, dois seres presos entre paixão, condenação e rituais antigos. É uma história sobre amar aquilo que pode nos destruir, tema que, infelizmente, continua bastante humano.

Além dos livros, existem contos paralelos que aprofundam esse mundo, como "O Covil de Nyxara", "Cães Fantasma da Ordo Umbrae" e "A pintura antes da morte". Neles, trabalho bruxaria, sociedades secretas, portais, violência psicológica, casas corrompidas e personagens que caminham sempre no limite entre vítima, monstro e revelação.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Luna Bela Morte:** O leitor que sentir o meu chamado pode atravessar o portal principal do meu universo literário em [aprendizdastrevas.com](http://aprendizdastrevas.com). Ali estão meus textos, meus livros, meus contos, minha poesia, meus projetos sombrios e essas pequenas armadilhas delicadas que preparo para almas curiosas. A internet ainda serve para alguma coisa além de transformar a humanidade em ruído, vejam só. Meus livros também estão disponíveis pela Editora Uiclap, para quem prefere ter a obra em mãos, sentir o peso físico das páginas e lembrar que literatura ainda pode existir fora da rolagem infinita das telas.

No meu site, o leitor encontra não apenas informações sobre as publicações, mas também caminhos para conhecer melhor minha escrita, meu universo gótico, a saga Ordo Umbrae, meus poemas e os eventos literários que organizo. Gosto de pensar naquele espaço como uma casa antiga: quem entra por curiosidade talvez encontre apenas uma página; quem permanece, acaba descobrindo corredores, retratos, vozes e portas que não estavam no mapa.

Então, se alguém deseja conhecer meu trabalho, o convite é simples: entre em [aprendizdastrevas.com](http://aprendizdastrevas.com). Leve uma vela. Algumas sombras gostam de ser lidas de perto.





**Conexão Literatura:** Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

**Luna Bela Morte:** A leitura no Brasil é uma ferida aberta, mas também uma possibilidade luminosa, dessas que insistem em nascer mesmo entre os escombros. Eu não acredito nessa ideia preguiçosa de que “o brasileiro não gosta de ler”. Isso é uma simplificação confortável demais, e simplificações costumam ser o travesseiro dos intelectualmente cansados.

O problema é mais profundo. Ler exige tempo, silêncio, acesso, formação emocional e uma sociedade que trate o livro não como enfeite de estante ou luxo de iniciados, mas como instrumento de liberdade. E o Brasil, infelizmente, muitas vezes oferece ao leitor em potencial justamente o contrário: pressa, precariedade, telas vorazes, escolas feridas, bibliotecas abandonadas e uma cultura que ainda transforma o pensamento em ameaça.

Mas há algo muito forte aqui: quando o brasileiro encontra um livro que fala com sua dor, sua cidade, seu medo, sua fé, sua violência, seu desejo e sua memória, ele lê com fome. O leitor brasileiro não precisa ser subestimado. Precisa ser convocado.

Acredito que a literatura deve descer do pedestal e entrar na vida. Não para se vulgarizar, mas para respirar. O livro precisa voltar a ser visto como uma espécie de portal, um espelho, uma arma, um abrigo, um veneno necessário. Porque um povo que lê melhor também sonha melhor, desconfia melhor e obedece menos. Talvez seja exatamente por isso que a leitura ainda assusta tanta gente.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Luna Bela Morte:** Sim. O projeto que está mais vivo, ou talvez mais perigosamente desperto, é o Halloween da Luna 2026, que será o lançamento oficial de “O Grimório de Nyxara”, no dia 31 de outubro. Nyxara é uma das presenças mais intensas da minha saga Ordo Umbrae: uma bruxa que se adapta às trevas e modela a escuridão. A humanidade chama isso de ameaça, naturalmente. A humanidade chama qualquer mulher lúcida demais de ameaça.

Esse livro acompanhará a peregrinação obscura de Nyxara até o Templo dos Vampiros, reunindo rituais vampíricos, simbologias ancestrais, cerimônias coletivas, métodos secretos do vampirismo, fragmentos filosóficos e profecias proibidas. Será uma edição especial, com acabamento premium, capa colorida, orelhas laterais, miolo inteiramente colorido em papel couchê e cerca de 250 páginas.





Mas o Halloween da Luna não será apenas um lançamento. Será um evento literário participativo. Haverá sorteios de cinco exemplares físicos de "O Grimório de Nyxara" e cinco pôsteres da Bruxa Nyxara, além da seleção de 13 almas para integrarem essa noite: poetas, contistas, um influenciador literário, um ilustrador e leitores que poderão se tornar personagens dentro da obra, em contos criados como consultas espirituais com Nyxara.

Gosto dessa ideia porque ela rompe a vitrine fria entre autora e leitor. Não quero apenas leitores observando meu universo do lado de fora, com o nariz encostado no vidro como fantasmas educados. Quero alguns deles atravessando a porta, deixando pegadas no chão, tornando-se parte da mitologia. Para conhecer as regras e atender ao chamado, basta visitar a página Halloween da Luna 2026, no meu site oficial, que é uma espécie de portal que finge estar fechado, testando quem realmente deseja entrar.

## Perguntas rápidas:

**Um livro:** Drácula, de Bram Stoker.

**Um ator ou atriz:** Eva Green.

**Um filme:** Entrevista com o Vampiro.

**Um hobby:** caminhar por cemitérios e visitar bibliotecas antigas.

**Um dia especial:** 31 de outubro. Halloween. A noite em que o mundo finge brincar com as trevas, enquanto eu apenas recebo visitas em casa.

**Conexão Literatura:** Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Luna Bela Morte:** Sim. Gostaria de encerrar deixando um chamado aos poetas e contistas que sentem a literatura como quem sente uma porta rangendo dentro do peito.

Estou à procura de autores para compor o meu projeto literário de Halloween. As inscrições continuam abertas, e os textos selecionados farão parte dessa celebração sombria que venho preparando com muito cuidado, muita febre criativa e, naturalmente, uma quantidade moralmente questionável de velas acesas.

O que posso adiantar é isto: os escolhidos não participarão apenas de um evento isolado. Eles poderão ser convidados para novos projetos literários que já estão em pauta, mas que, por enquanto, ainda precisam permanecer atrás do véu. Algumas criaturas não devem ser nomeadas antes da hora. A humanidade já estragou mistérios suficientes com excesso de anúncio e pouca alma.

Agradeço profundamente à revista Conexão Literatura por este espaço e ao editor Ademir Pascale pela atenção ao meu trabalho. Que os leitores se aproximem sem medo. Meu universo literário não promete conforto, mas promete verdade, beleza sombria e algumas portas que talvez nunca mais consigam fechar.





PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# TERROR

## PESADELOS & ASSOMBRAÇÕES

• CONTOS E POEMAS •



E-BOOK



CONTOS E  
POEMAS



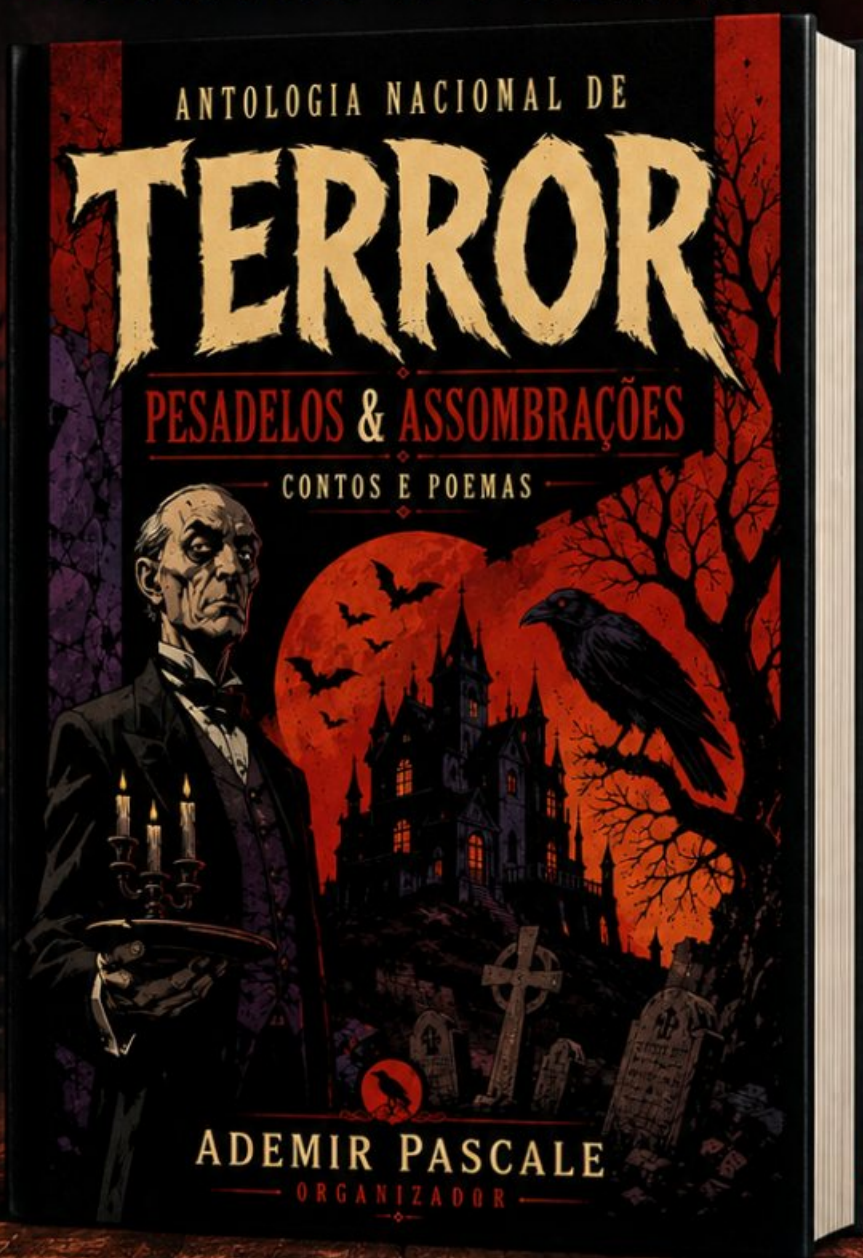
AUTORES DE  
TODO O BRASIL



ALCANCE  
NACIONAL



CERTIFICADO  
DE PARTICIPAÇÃO  
PARA OS AUTORES  
SELECIONADOS



“

Histórias que  
assombram.  
Palavras que  
marcam.  
Emoções que  
permanecem.



**FAÇA PARTE DESTA OBRA!**

PUBLIQUE SEU CONTO OU POEMA  
E DEIXE SUA MARCA NA LITERATURA.

**SAIBA MAIS:**

**CLIQUE AQUI**



SELO CONEXÃO LITERATURA



# Revista CONEXÃO LITERATURA



## ENTREVISTA COM **SALATIEL SOARES CORREIA**

AUTOR DO LIVRO

## **O JOGO INVISÍVEL DAS INSTITUIÇÕES**



Salatiel Soares Correia é engenheiro eletricitista, administrador de empresas e mestre em Planejamento Energético pela Unicamp. Ao longo da vida, descobriu que a técnica, sozinha, não bastava para compreender o mundo. Encontrou na literatura, na história, na economia e nas viagens novas formas de olhar para a vida. Leitor dos grandes clássicos, acredita que diferentes áreas do conhecimento se complementam e ajudam a enxergar a realidade de forma mais ampla. **Autor de dez livros e articulista da imprensa há mais de 30 anos**, escreve para compartilhar esse olhar e provocar reflexões sobre as pessoas, a sociedade e o tempo em que vivemos.

### ENTREVISTA:

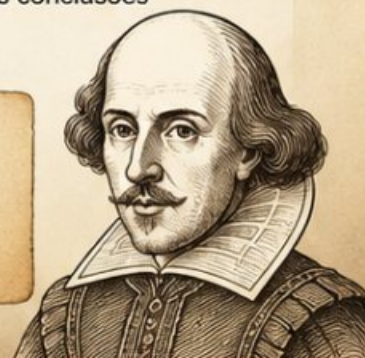
**CL** **Revista Conexão Literatura:** O ponto de partida de *O Jogo Invisível das Instituições* é bastante original ao transportar o olhar de William Shakespeare para o universo das instituições. Como surgiu essa ideia e de que forma a obra do dramaturgo influenciou a construção do romance?

**Salatiel Soares Correia:** A ideia surgiu da minha experiência observando o comportamento humano ao longo de muitos anos, especialmente em momentos de crise nas instituições. Sempre me chamou a atenção que os problemas costumam ser explicados apenas pelo aspecto técnico, quando, na verdade, são as escolhas das pessoas que determinam o destino das organizações. Ao reler *Hamlet*, percebi que Shakespeare revelava a natureza humana justamente em ambientes de disputa, poder e desconfiança. Foi esse *insight* que inspirou o livro. Criei um observador que acompanha os acontecimentos sem julgar. Cabe ao leitor tirar suas próprias conclusões sobre o caráter dos personagens e refletir sobre como as pessoas agem quando acreditam que ninguém está olhando.

**CL** **Revista Conexão Literatura:** O livro apresenta um observador invisível que acompanha os acontecimentos sem interferir. Por que você escolheu esse recurso narrativo e quais possibilidades ele oferece ao leitor.

**Salatiel Soares Correia:** Escolhi esse recurso porque queria investigar a natureza humana sem interferir na história. O observador invisível apenas acompanha os acontecimentos e permite que o leitor enxergue os personagens como eles realmente são, sem máscaras, sem justificativas e sem fingimentos. Esse olhar parte de um universo específico, mas revela comportamentos que se repetem em qualquer ambiente. As instituições mudam, os cenários mudam, mas as escolhas humanas se repetem. O observador não julga ninguém. Ele apenas mostra os fatos. Quem tira as conclusões é o leitor.

“As instituições mudam, os cenários mudam, mas as escolhas humanas se repetem. O observador não julga. Ele apenas mostra os fatos.”





# Revista CONEXÃO LITERATURA



**Revista Conexão Literatura:** Ao retratar instituições imaginárias, você evita apontar casos específicos e concentra a atenção no comportamento humano. Essa escolha teve como objetivo tornar a narrativa mais universal?



**Salatiel Soares Correia:** É exatamente isso. Procurei tornar a história uma coisa universal, porque onde tem gente, tem esse tipo de situação. Então parto de um mundo pequeno e procuro estender para um mundo maior, que é o mundo real das pessoas. O ser humano, esteja ele onde estiver, vive conflitos, enfrenta dúvidas e comete transgressões.

Foi isso que procurei fazer. Por isso, criei reinos imaginários. Não queria escrever sobre a empresa X ou a pessoa Y. Isso não importa. O que importa é mostrar os fatos e o comportamento humano, sem personalizar. Isso tornaria o texto pequeno. A principal razão dessa escolha foi dar ao livro uma dimensão mais universal.

O ser humano, seus dramas, suas tristezas e seu caráter transcendem a história. Não importa se ela acontece em Goiânia, em São Paulo ou em qualquer outro lugar. O que importa é que o ser humano é ser humano em qualquer lugar.



**Revista Conexão Literatura:** Um dos aspectos mais marcantes da sinopse é a análise das relações de poder, dos silêncios cúmplices e das escolhas morais. Até que ponto esses elementos refletem situações vividas no cotidiano das organizações?



**Salatiel Soares Correia:** Esses elementos fazem parte da realidade das organizações. Os silêncios, as escolhas morais e as cumplicidades mostram o que o ser humano é dentro de uma instituição. Foi exatamente isso que procurei retratar, porque essas atitudes acabam se impregnando na cultura organizacional.

Quando alguém usa o poder para fazer algo que não é ético, muitas vezes age porque acredita que não será punido ou responsabilizado. Aos poucos, esse conjunto de escolhas vai criando um ambiente em que a perda de princípios passa a ser vista como algo natural.

No livro, procurei mostrar esse processo. A instituição vive um período de apogeu, em que as coisas são feitas corretamente e a ética está presente. Depois, começa um processo de decadência que, antes de ser administrativa ou financeira, é uma decadência moral.

As escolhas silenciosas, as cumplicidades e as decisões tomadas longe dos olhos de todos vão se acumulando e acabam corroendo a organização por dentro.



**Revista Conexão Literatura:** Em sua obra, a corrupção e o assédio moral aparecem como práticas que podem ser naturalizadas pela cultura institucional. Quais reflexões você espera despertar nos leitores sobre esses temas?

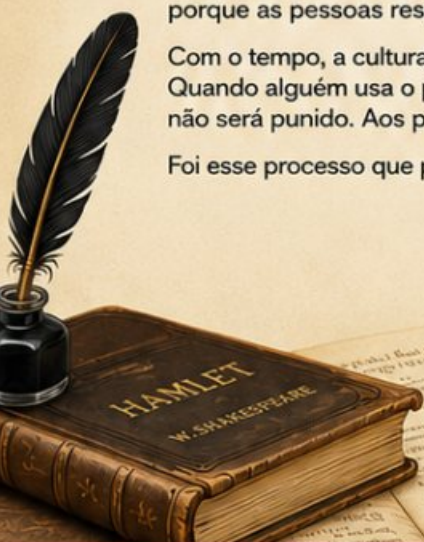


**Salatiel Soares Correia:** Procurei mostrar exatamente isso. Quando comparamos os momentos de glória de uma instituição com os momentos de decadência, percebemos que os valores também mudam. Nos períodos de glória, determinadas práticas simplesmente não existiam, porque as pessoas respondiam pelas suas atitudes e havia um compromisso maior com a ética.

Com o tempo, a cultura da instituição passa a incorporar outros valores, muitos deles questionáveis. Quando alguém usa o poder para fazer algo que não é ético, muitas vezes age porque acredita que não será punido. Aos poucos, aquilo que antes era inaceitável passa a ser visto como normal.

Foi esse processo que procurei retratar no livro.

“ As instituições mudam, os cenários mudam,  
mas as escolhas humanas se repetem.  
O observador não julga ninguém.  
Ele apenas mostra os fatos.  
Quem tira as conclusões é o leitor. ”





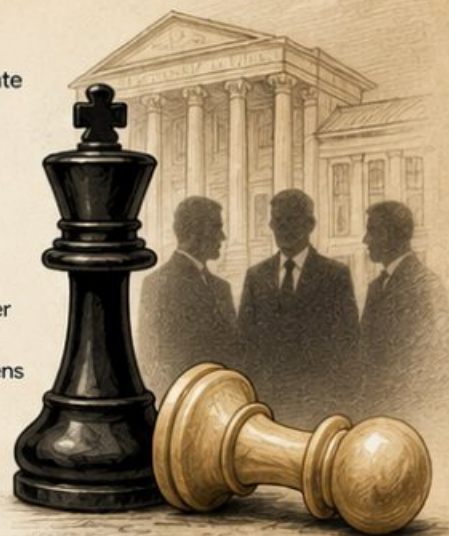
# Revista CONEXÃO LITERATURA



**CL Revista Conexão Literatura:** Você afirma que o livro busca investigar a formação e a deformação do caráter humano. Durante a escrita, qual foi o maior desafio para representar essa complexidade sem cair em estereótipos?

**Salatiel Soares Correia:** Procurei evitar os estereótipos por meio da diversidade dos personagens. Eles têm histórias e perfis diferentes, mas vivem a mesma realidade dentro de uma instituição que deixa para trás os valores alicerçados na ética e passa a conviver com a esperteza e a falta de caráter. Essa diversidade foi importante para preservar a universalidade da narrativa. O que une os personagens é o comportamento humano diante de um ambiente em decadência.

Isso ficou muito claro nas conversas que tive com leitores. Um colega da Usminas disse que viveu exatamente aquela realidade. Outro fez a mesma observação. Isso mostra que o ser humano é ser humano em qualquer lugar. Foi isso que procurei demonstrar, saindo da personalização para chegar à universalidade.



“ O que importa é mostrar os fatos e o comportamento humano, sem personalizar. Isso dar ao livro uma dimensão mais universal. ”

**CL Revista Conexão Literatura:** O título *O Jogo Invisível das Instituições* desperta curiosidade logo à primeira vista. O que exatamente representa esse "jogo invisível" e por que ele costuma passar despercebido pela maioria das pessoas?

**Salatiel Soares Correia:** O jogo invisível é justamente aquilo que acontece longe dos olhos da maioria das pessoas. São decisões, acordos e conchavos feitos na calada dos gabinetes, protegidos pelo sigilo e por relações de poder. Quem está fora dessa rede não consegue enxergar como determinadas decisões são tomadas.

O que é ilícito procura sempre permanecer escondido. Muitas vezes, as pessoas apenas veem o resultado de uma decisão, mas não sabem como ela foi construída nem quais interesses estavam por trás dela. Quem não tem ética, acredita que não será punida e sabe que conta com a proteção da cúpula da instituição. Por isso, sente-se invisível para agir.

É por isso que esse jogo permanece invisível. Ele acontece dentro das instituições, protegido por uma rede de relações à qual a maioria das pessoas não têm acesso.



**CL Revista Conexão Literatura:** Embora a narrativa trate de instituições fictícias, ela aborda conflitos éticos que parecem universais. Você acredita que o leitor conseguirá identificar esses mecanismos também em diferentes contextos da sociedade?

**Salatiel Soares Correia:** Isso existe. É natural. Um trabalhador que está em um hospital e outro que trabalha em um parque de diversões convivem com pessoas e com colegas. Um se sobressai, um é promovido e o outro não. Um é demitido e o outro permanece. Isso traz inveja. A inveja é uma coisa universal. A perseguição também existe e faz parte de todas as organizações. Se o leitor já passou por uma situação como essa, vai reconhecer o que está sendo contado, esteja ele trabalhando em um hospital, em um cemitério, em um bazar ou em qualquer outro lugar.

Onde tem ser humano, onde tem convivência entre pessoas, onde tem injustiça e inveja, essas situações existem. É por isso que elas transcendem a narrativa e o leitor percebe esse tipo de coisa.





# Revista CONEXÃO LITERATURA

**CL Revista Conexão Literatura:** Sua sinopse sugere uma análise quase clínica das relações humanas. Como foi o processo de pesquisa e preparação para construir uma narrativa tão voltada aos aspectos psicológicos e institucionais?

**Salatiel Soares Correia:** O processo de pesquisa começou com a minha própria experiência. Depois de mais de 35 anos convivendo com organizações, acabei conhecendo o lado informal das relações entre as pessoas. São histórias, comentários e situações do dia a dia que, muitas vezes, acabam se transformando em fofocas.

Se eu escrevesse um livro apenas sobre esses episódios, faria um livro muito pequeno, que não acrescentaria nada ao grande debate. Foi por isso que busquei na literatura o caminho para transformar essas experiências em uma reflexão mais ampla. Encontrei em *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, por exemplo, uma importante reflexão sobre a maldade humana. Depois, passei por Machado de Assis, que também revela as fraquezas do ser humano. Mas foi em Shakespeare, especialmente em *Hamlet*, que encontrei o que procurava.

Eu precisava de um observador que mostrasse as pessoas como elas realmente são, sem fingimentos, que as desmascarassem. Essa foi a chave para construir a história. A partir desse olhar, o observador acompanha pessoas que convivem há muito tempo e revela o caráter de cada uma delas, mostrando-as como realmente são.



“ O observador não julga ninguém.  
Ele apenas mostra os fatos.  
Quem tira as conclusões é o leitor. ”



**CL Revista Conexão Literatura:** Que mensagem você gostaria que permanecesse com o leitor após a última página de *O Jogo Invisível das Instituições*? E o que espera que essa obra provoque em termos de reflexão sobre ética, poder e caráter?

**Salatiel Soares Correia:** A principal mensagem que procuro deixar neste livro nasce da minha própria história de vida. Depois de 35 ou 40 anos convivendo com pessoas dentro das organizações, chego à conclusão de que gostaria de viver novamente muitas situações, mas com a experiência que tenho hoje. Muita coisa eu teria driblado.

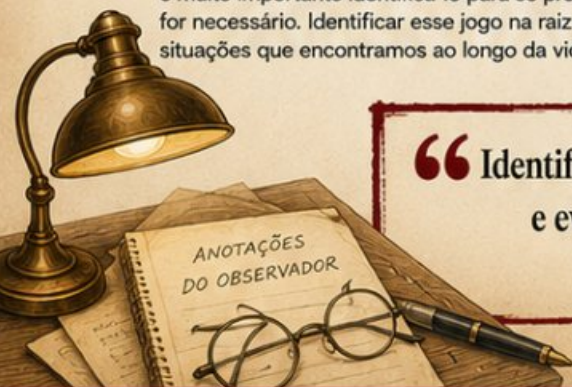
Essas situações existem. Identifique o jogo, proteja-se, procure fazer o certo e evite pertencer a grupos organizacionais que tiram a sua liberdade.

Quem tem uma postura crítica também precisa saber que toda crítica incomoda, principalmente em organizações com elevado grau de aparelhamento. Se você tem condições psicológicas de enfrentar isso, enfrente. Se não tem, procure contornar a situação, porque senão vai sofrer demais.

Muitas vezes eu me vi envolvido em situações injustas e não percebi o jogo. Por isso, é muito importante identificá-lo para se prevenir, enfrentar ou até desistir, quando for necessário. Identificar esse jogo na raiz ajuda a conviver e a lidar melhor com as situações que encontramos ao longo da vida.



“ Identifique o jogo, proteja-se, procure fazer o certo  
e evite pertencer a grupos organizacionais que  
tiram a sua liberdade. ”





# Revista CONEXÃO LITERATURA



LANÇAMENTO

## O JOGO INVISÍVEL DAS INSTITUIÇÕES



Um olhar shakespeariano  
sobre poder e caráter

R\$ R\$ 65,00

ISBN 978-85-217-1070-7

14x21 cm

212 PÁGINAS

**CL** Revista Conexão Literatura: Sua sinopse sugere uma análise quase clínica das relações humanas. Como foi o processo de pesquisa e preparação para construir uma narrativa tão voltada aos aspectos psicológicos e institucionais?

**Salatiel Soares Correia:** O processo de pesquisa começou com a minha própria experiência. Depois de mais de 35 anos convivendo com organizações, acabei conhecendo o lado informal das relações entre as pessoas. São histórias, comentários e situações do dia a dia que, muitas vezes, acabam se transformando em fofocas.

Se eu escrevesse um livro apenas sobre esses episódios, faria um livro muito pequeno, que não acrescentaria nada ao grande debate. Foi por isso que busquei na literatura o caminho para transformar essas experiências em uma reflexão mais ampla. Encontrei em *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, por exemplo, uma importante reflexão sobre a maldade humana. Depois, passei por Machado de Assis, que também revela as fraquezas do ser humano. Mas foi em Shakespeare, especialmente em *Hamlet*, que encontrei o que procurava.

Eu precisava de um observador que mostrasse as pessoas como elas realmente são, sem fingimentos, que as desmascarassem. Essa foi a chave para construir a história. A partir desse olhar, o observador acompanha pessoas que convivem há muito tempo e revela o caráter de cada uma delas, mostrando-as como realmente são.



“As instituições mudam, os cenários mudam,  
mas as escolhas humanas se repetem.  
O observador não julga ninguém.  
Ele apenas mostra os fatos.”

**CL** Revista Conexão Literatura: Que mensagem você gostaria que permanecesse com o leitor após a última página de *O Jogo Invisível das Instituições*? E o que espera que essa obra provoque em termos de reflexão sobre ética, poder e caráter?

**Salatiel Soares Correia:** A principal mensagem que procuro deixar neste livro nasce da minha própria história de vida. Depois de 35 ou 40 anos convivendo com pessoas dentro das organizações, chego à conclusão de que gostaria de viver novamente muitas situações, mas com a experiência que tenho hoje. Muita coisa eu teria driblado.

Essas situações existem. Identifique o jogo, proteja-se, procure fazer o certo e evite pertencer a grupos organizacionais que tiram a sua liberdade.

Quem tem uma postura crítica também precisa saber que toda crítica incomoda, principalmente em organizações com elevado grau de aparelhamento. Se você tem condições psicológicas de enfrentar isso, enfrente. Se não tem, procure contornar a situação, porque senão vai sofrer demais.

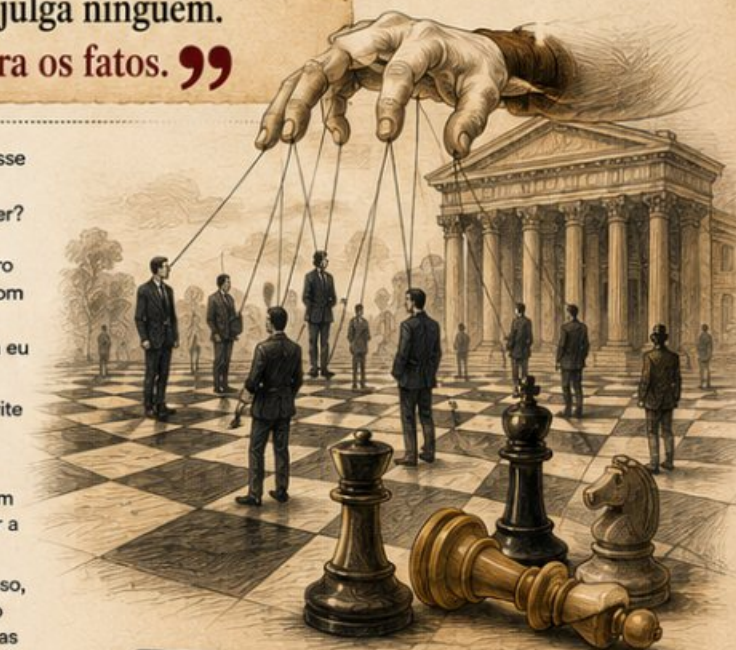
Muitas vezes eu me vi envolvido em situações injustas e não percebi o jogo. Por isso, é muito importante identificá-lo para se prevenir, enfrentar ou até desistir, quando for necessário. Identificar esse jogo na raiz ajuda a conviver e a lidar melhor com as situações que encontramos ao longo da vida.

**CL** Revista Conexão Literatura: Como os leitores poderão saber mais sobre você e sua obra?

**Salatiel Soares Correia:** Este é o meu décimo livro. Já escrevi obras como o *Setor Elétrico Brasileiro: Uma Falência Mais do que Anunciada* e *A Construção de Goiás*. São livros que procuram mostrar às pessoas a realidade das coisas. Estão disponíveis nas grandes redes.

Quem quiser saber mais sobre mim vai encontrar isso nos meus livros, nos artigos que escrevo e nos jornais em que atuo. Embora sejam jornais regionais, são veículos importantes nas regiões onde vivo e acompanho há muitos anos.

Na internet também é possível encontrar muito do meu trabalho. Há mais de 30 anos escrevo para jornais como o *Diário da Manhã*, o *Jornal Opção*, o *Empório de Minas* e o *Jornal do Tocantins*. Ao longo desse tempo, sempre procurei escrever sobre temas que fazem parte da minha trajetória, como o combate à corrupção, a defesa do patrimônio público e o fortalecimento das instituições.





# Citações de Grandes Autores

PALAVRAS QUE INSPIRAM,  
IDEIAS QUE TRANSFORMAM.

“ Livros são amigos silenciosos  
que nos *ensinam* sem julgar  
e nos *transformam* sem perceber.



LEIA

| COMPRENDA

| COMPARTILHE

| TRANSFORME





# CITAÇÕES

PARA PENSAR, SENTIR E VIVER

Palavras que atravessam o tempo  
e iluminam a alma.

“

A gente aceita o amor  
que acha que merece.

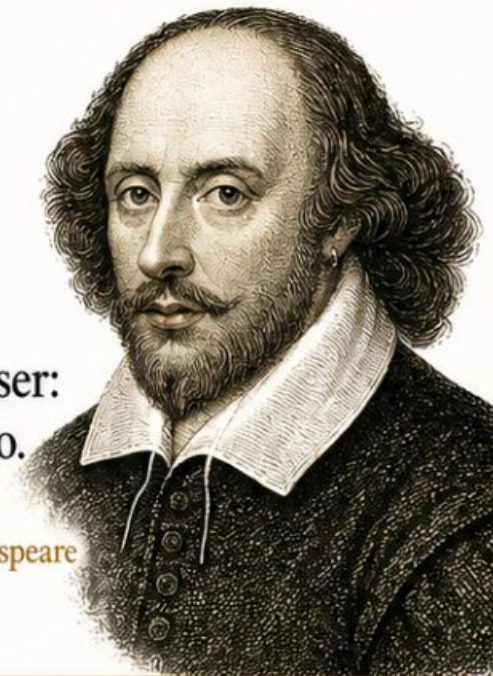
— Stephen Chbosky,  
em *As vantagens de ser invisível*



“

Ser ou não ser:  
eis a questão.

— William Shakespeare



“

Tudo o que sei  
é que nada sei.

— Sócrates, em  
*O mundo de Sofia*



“

Ainda que eu falasse  
a língua dos homens  
e falasse a língua  
dos anjos, sem amor,  
eu nada seria.

— Machado de Assis,  
em *Dom Casmurro*



“

Há um tempo  
em que é preciso  
abandonar as roupas  
usadas, que já têm  
a forma do nosso  
corpo, e esquecer  
os nossos caminhos,  
que nos levam  
sempre aos mesmos  
lugares.

— José Saramago,  
em *O ano da morte  
de Ricardo Reis*





*“Palavras  
que tocam,  
histórias  
que ficam.”*

REVISTA  
**CONEXÃO  
LITERATURA**



PARTICIPE DAS NOSSAS

# Antologias

TIRE O SEU CONTO OU  
POEMA DA GAVETA

Dê voz à sua criatividade e publique  
seu talento ao lado de grandes autores.

AO PARTICIPAR,  
VOCÊ GANHA:



Certificado digital  
de participação

*Sua história  
merece ser lida.*

**CLIQUE AQUI!**



**POEMAS**

Versos que  
inspiram e  
emocionam.



**CONTOS**

Histórias curtas  
que transportam  
e surpreendem.



**CRÔNICAS**

O cotidiano  
transformado em  
boa leitura.



**DIVERSOS TEMAS**

Liberdade para  
escrever o que  
toca sua alma.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA  
Conectando autores e leitores desde 2015

ACESSE NOSSO SITE

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# De volta à vida

Por Ademir Pascale





Seu grande manto negro esvoaça entre as lápides, apagando algumas velas sobre o túmulo de um recém-chegado. Seus olhos sepulcrais visualizam o vaivém de alguns gatos no cemitério, enquanto seus dedos esqueléticos tamborilam sobre o cabo de madeira de sua antiga foice.

— Almas do além. Ouçam o que tenho a lhes dizer... — ainda segurando a foice, a Morte abre os seus longos braços, deixando sua sombra percorrer os túmulos que estão à sua volta. — Hoje é uma noite especial. Após anos neste cemitério, darei oportunidade para um de vocês reviver por alguns dias. O escolhido poderá voltar à vida e resolver assuntos que ficaram pendentes entre os vivos.

As almas começam a sair das sombras e, desconfiadas da oferta, entreolham-se. Algumas estão ali desde 1830. E mesmo após a morte, de uma maneira diferente, permanecem com suas fisionomias e características humanas.

Após o anúncio da Morte, as almas começam a sussurrar, mas em poucos minutos entram em alvoroço discutindo como seria essa tal escolha. Afinal, qual deles irá ressuscitar?

— Silêncio, caros amigos imortais! — a Morte pede silêncio, mas não é ouvida, então pede novamente em tom mais elevado: — SILÊNCIO, ALMAS PENADAS DO ALÉM! — as almas continuam discutindo e não dão ouvidos à Morte que já aparenta irritação, deixando emanar um brilho avermelhado sobre o seu manto esvoaçante, enquanto as órbitas de suas cavidades ósseas chispam faíscas de fogo.

— SILÊNCIO! — a Morte bate o cabo da sua foice no chão, fazendo estremecer os túmulos do cemitério.

Em seguida, o cabo é batido mais três vezes:

TUM!

TUM!

TUM!

Na terceira batida, como num passe de mágica, a foice transforma-se num portal, abrindo-se um círculo disforme que, através dele é possível visualizar o cotidiano do mundo dos vivos.

Todas as almas ficam em silêncio, sendo que uma delas reconhece os humanos que estão ali, bem à sua frente.

E mesmo sem querer, Alonso, que perambula no cemitério desde a sua morte no ano de 2005, é sugado para dentro do portal.



Algumas almas sentem inveja dele, pois elas ainda continuam apegadas aos sentimentos. Outras, sentem alívio por não retornar ao mundo dos vivos.

— Aproveite o seu retorno, Alonso. E lembre-se: estará novamente entre os vivos por apenas alguns dias — a morte olha para a Lua Cheia e em seguida o portal é fechado. Agora Alonso está entre os vivos.

\*\*\*

Alonso sente o aroma de Flor de Lótus do incenso sobre o pequeno altar na sala de estar, abre os olhos e a primeira visão novamente entre os vivos, é a de seu irmão olhando atônito para ele.

Quando faleceu, Mário, seu irmão, tinha apenas 15 anos. Hoje é um homem de 33 anos, maduro e barbado.

Mário esfrega os olhos e não acredita no que vê.

— Sou eu, mano. Retornei. Dá cá um abraço, anda. — Mário, ainda confuso, caminha lentamente até o irmão, mas depois deixa os pensamentos de lado e age apenas com o coração.

— Como isso pode ser possível, Alonso? Estive no seu enterro e, embora não o tenha visto dentro do caixão, porque foi lacrado, chorei muito por você. E sua aparência... você não mudou nada, não envelheceu...

— Essa é uma longa história, mas deixemos isso para lá. O que eu mais quero agora é ver e abraçar todo mundo. Cadê o pessoal?

— O pessoal? Cada um foi para um lado; alguns casaram, outros divorciaram, e tem os que mudaram até de país.

— Nossa! E a Claudinha?

— Depois do seu “suposto” enterro, ela caiu na depressão, passou mais de dois anos trancafiada em casa, mas com o passar do tempo ela começou a ir numas sessões de terapia e conheceu um psiquiatra. Hoje eles estão casados, têm três filhos e um cachorro. Uma família linda.

Alonso olha para um retrato seu ainda na parede e recorda-se dos momentos em que passou com a Claudinha, amiga desde a infância. Eles estavam noivos e faltavam poucos meses para se casarem, quando aconteceu o fatídico acidente que tirou-lhe a vida.

— Você está com fome? — pergunta Mário ao irmão.

— Morrendo — sendo sarcástico — de fome. E sabe o que mais quero comer?



— O quê?

— Pizza. Muita pizza.

— Não sei em qual cidade você estava, mas pelo visto lá não tinha pizza, não é?

— Não mesmo...

Mário pega o celular e nota a estranheza do irmão olhando para o aparelho, mas depois desiste de pedir pizza pelo aplicativo. Pelo tempo que passou distante do irmão, acha melhor sair com ele na rua e caminhar lentamente até a pizzaria.

— Nossa, que roupas antiquadas, Alonso. Quer vestir alguma roupa minha?

Alonso olha para suas roupas, mas sente-se bem com elas e prefere não mudá-las, pelo menos por enquanto. Os irmãos saem de casa e a primeira visão da rua foi de estranheza. Tudo está diferente. Novas casas, novos comércios e automóveis diferentes... Parou no tempo e ficou distante dali apenas por 18 anos, mas sente que está num novo mundo.

— Se eu contar para o pessoal que você voltou, ninguém irá acreditar. Depois irei tirar uma foto com você para postar em nosso grupo do zap.

Alonso não entende o que o irmão diz, afinal, não sabe que raios poderia ser um grupo do zap.

Acostumado com o silêncio do cemitério, o som das buzinas dos carros e toda a movimentação na rua, lhe causam desconforto.

Na pizzaria, Alonso nota as pessoas sentadas com seus celulares e não entende o motivo delas não desgrudarem o olhar dos seus aparelhos, pois em sua época, o seu celular, além de ser um modelo bem diferente, servia apenas para fazer e receber ligações, ouvir músicas e jogar alguns joguinhos. Um casal na mesa ao lado não conversam nem trocam olhares, ambos estão teclando e olhando fixamente para seus celulares. Alonso sorri ao compará-los com zumbis e sente que o contato humano está diluindo-se com o tempo. E observando bem as pessoas ali presentes, percebe algo sobrenatural que jamais presenciara quando estava entre os humanos, provavelmente porque um simples humano não consegue enxergar além do que vê: uma emanção disforme e colorida em torno dos corpos, ou simplesmente o que podemos chamar de “aura”. As cores variam dependendo do estado emocional de cada pessoa.

O garçom entrega o cardápio aos irmãos. E sem muito rodeio, pedem a pizza que mais amam: Margherita.

Alonso, apesar de estar feliz com a presença do irmão, sente-se deslocado naquele ambiente. Durante esse tempo no cemitério, viu coisas que jamais imaginaria ver, além de saber mais do que qualquer um à sua volta: as almas são imortais e estão presentes desde



a criação do universo. Tudo faz parte do elemento da criação, que se separou em quatro partes, teremos água, terra, ar e fogo.

Preso no cemitério, ele e tantos outros aguardam pela próxima etapa; passar para um nível diferente. Mas agora, por algum motivo que desconhece, foi ressuscitado pela própria Morte, mesmo que por pouco tempo.

Algo desperta a sua atenção: Claudinha, sua amiga e ex-noiva, entra na pizzaria e está acompanhada do marido. Ela está feliz e sua aura apresenta um tom alaranjado. Mário também nota a sua presença, pensa em chamá-la para contar sobre a novidade, mas percebe o desapontamento de Alonso, que muda o semblante drasticamente.

— Quer ir embora, Alonso?

— Não, não. Viemos aqui para comer pizza e para lembrar dos bons tempos, mas é difícil aceitar algumas coisas... Se eu tivesse continuado viv..., quer dizer, aqui, as coisas hoje seriam bem diferentes.

Alonso sente uma dor imensurável no peito, algo que não recordava como era.

Estar vivo é sentir uma mistura de sentimentos.

Alonso suspira e enquanto o irmão olha o celular, reflete sobre os acontecimentos: ele perdeu a vida cedo demais, mas tudo parece ter a sua hora e o que passou, parece não ter retorno. Claudinha já havia reconstruído a própria vida. Seus parentes já estavam acostumados com a sua morte. E estava completamente deslocado e desatualizado.

A pizza finalmente chega. Os dois comem desesperadamente, principalmente Alonso.

— Mano, ainda não consigo acreditar que você está aqui. Isso parece um sonho e tenho medo de acordar a qualquer momento — diz Mário olhando para o irmão.

— Não é um sonho, isso está muito além disso e nem eu mesmo sei o real motivo de estar aqui.

— Não sei em que lugar você esteve, mas foi bom ter retornado. Sabe, quando achei que você tinha morrido, senti um nó na garganta, pois imaginei que nunca mais poderia falar o quanto você era importante em minha vida, pedir desculpas pelas “molecagens”, mesmo que de brincadeira, que fiz com você... Agora, depois de lhe dizer isso, sinto-me mais aliviado.

— Apesar da minha mente ainda estar confusa, também sinto-me mais aliviado com o que disse. Vi que a Claudinha está bem e que todos seguiram as suas vidas. Agora percebo que tudo tem o seu tempo e que temos que aproveitar cada dia como se fosse o último junto das pessoas que amamos — Alonso termina de comer o último pedaço da pizza, levanta e vai ao banheiro tomando todas as precauções para que a Claudinha não lhe



veja. Com o banheiro vazio, olha-se no espelho e sente um arrepio ao ver sua aparência humana.

Apesar de tudo, está feliz por saber que todos estão bem e essa felicidade gera-lhe uma lágrima que percorre o seu rosto lentamente e, ao cair sobre a pia, a luz se apaga e todo o murmurar do salão da pizzeria, cessa.

Alonso olha para os lados e sente a temperatura cair drasticamente e percebe no reflexo do espelho que uma luz avermelhada surge atrás dele, deixando o local iluminado.

Dois longos braços esqueléticos se abrem. Em uma de suas mãos está a sua antiga foice. O seu manto parece ter vida própria e percorre cada canto daquele banheiro.

Alonso sabe que essa manifestação tem nome: Morte.

— Estou surpreso, Alonso, pois você conseguiu superar minhas expectativas. Em apenas um dia, conseguiu o que muitos não conseguiram numa vida.

Alonso fica sem saber sobre o quê a Morte está falando. Então ela continua:

— Trouxe você novamente à vida, pois tinha que saber se estava realmente preparado para o outro nível, além de que tinham restado algumas pendências entre você e seu irmão. A dor que ele sentia em não ter dito o que desejava para você em vida, prendia sua alma neste plano. Mas agora você está livre.

Depois das palavras da Morte, Alonso compreende o real motivo da sua vinda. Está mais leve e feliz, além de que sempre gostou de desafios. Ir para outro nível? Será bem interessante, pois finalmente conseguirá obter conhecimento além de qualquer outro humano ou alma penada que ainda está presa neste mundo.

A Morte bate o cabo da sua foice no chão e um furacão começa a desmaterializar as paredes do banheiro, assim como o chão e tudo ao seu redor. Alonso fica suspenso no vazio e seu corpo toma outra forma, tornando-se um ser de luz.

Um túnel surge à sua frente e mesmo que involuntariamente, começa a ser sugado em sua direção.

O que Alonso encontrará do outro lado, já será outra história.

Em nosso plano espiritual, o tempo congela por alguns minutos. No salão da pizzeria, Mário permanece inerte olhando para o seu último pedaço de pizza, mas depois tudo volta ao normal e, sem lembrar que esteve com Alonso, fica confuso em notar o prato sujo, copo com vinho pela metade e talheres que estão do outro lado da mesa.

\*\*\*

**Ademir Pascale:** Paulista, escritor e ativista cultural, é casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima



(<http://www.revistaprojetoautoestima.com.br>). É chanceler da Academia Brasileira de Escritores (ABRESC) e associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já atuou como educador social e também trabalhou durante 18 anos no setor de Inclusão Digital da cidade de São Paulo, em uma rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em diversas partes do país e do mundo, realizando um trabalho voltado a pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou de mais de 100 livros, com contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro *Nouvelles du Brésil* (França), com xilogravuras de José Costa Leite.

Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)





POR  
**ADEMIR PASCALE**

POR

# ADEMIR PASCALE

Pádua,  
07 de novembro de 1627.

O tormento em  
minha vida iniciou-se  
há dois dias, quando  
encontrei um maldito  
livro, intitulado  
Necronomicon.

- Maria di Santoriello

Maia dk  
Secticidinon  
schmede bio  
secta heda



Pádua, 16 de setembro de 1938.

Giuseppe Pasqualetto é o meu nome. Nasci no ano de 1905 na província de Pádua, Itália. Sou um jovem historiador e estou sempre em busca de elementos históricos que expliquem a minha existência. Confesso que meus achados arqueológicos foram muitos: antigas obras, cartas e artefatos ritualísticos. Doei a maioria destes objetos para o estudo em museus e universidades da Itália, onde também são usados para a simples contemplação dos interessados e da chamativa para o turismo local. Mas, entre estes achados, destaco uma carta datada do ano de 1627, escrita por uma religiosa da cidade de Pádua, chamada Maria di Santoriello. Todos os indícios indicam veracidade, mas pelo fator sobrenatural agregado, preferi guardá-la comigo, pois este tipo de achado geralmente não vai para os museus ou universidades, mas para o estudo da principal igreja *sui iuris* do Vaticano, jamais sendo exposto ao público.

Sempre soube, através de relatos, da existência do diabólico livro *Necronomicon*, que, no ano de 1232, foi banido e destruído pelo Papa Gregório IX. Alguns historiadores acreditam que este livro foi uma invenção do criativo escritor norte-americano H. P. Lovecraft, mas, tenho provas concretas de que não foi, pois restou uma cópia do original em latim que se encontra em meu poder. Encontrei este livro dentro da tumba da Sra. Maria di Santoriello, uma jovem recém-casada, provavelmente esposa de um dos homens mais ricos da região no século XVII, devido aos luxuosos ornamentos em estilo gótico da capela onde encontrei sua tumba. O livro estava bem conservado, devido à reforçada capa de couro. Confesso que li poucas linhas deste livro que cita nomes de mestres infernais, apresenta pentagramas de invocação, e um mapa detalhado do próprio inferno, outra característica que me fez acreditar ainda mais no poema épico e teológico *La Divina Commedia* de Dante Alighieri. Mas, dentro desta demoníaca obra, havia uma carta da própria Sra. Santoriello, que reforçou ainda mais a minha convicção na veracidade do *Necronomicon*, e que certamente aquela era a cópia do original; talvez a única existente.

A carta que reproduzirei abaixo pode ser considerada como uma história episódica da vida da Sra. Santoriello, pois sua principal preocupação foi descrever os angustiantes fatos de parte da sua vida, e não os valores históricos da obra *Necronomicon* e muito menos os regionais.

Segue a reprodução da carta escrita pela Sra. Maria di Santoriello.

Pádua, 07 de novembro de 1627.

“O Tormento em minha vida iniciou-se há dois dias, quando encontrei um maldito livro, intitulado *Necronomicon*.



Tenho dezessete anos e sou filha de fervorosos religiosos. Desnuda de ornamentos, sem experiência no amor e completamente tímida, sempre tive problemas em meus possíveis relacionamentos. ‘Possíveis’ porque nunca me relacionei com um homem, pois quando estava próxima de um, ele se afastava imediatamente. Além da proibição dos meus pais, os rapazes não sentiam interesse em uma garota como eu... Mas, apesar deste triste relato, saiba que eu tentava me consolar nas preces. A Igreja era minha segunda morada, e já era plano dos meus pais, desde os meus treze anos, que me tornaria noiva de Jesus, uma freira. Por quatro anos vinha tentando retardar este acontecimento; não queria viver no celibato e desejava veemente ser como as outras garotas da minha idade: vivenciar novas experiências e experimentar do fruto proibido, mas o inevitável estava

para acontecer, pois meus pais já tinham planejado a minha entrada para o convento com a madre superiora, e minha clausura já era certa, a não ser pelo diabólico plano que tive naquela mesma noite. Plano este que executei com perfeição no dia seguinte. Recordo-me do aroma daquela manhã. O dia estava nublado e o comércio local funcionava normalmente, como todas as rotineiras manhãs de Pádua. Com a Bíblia embaixo do braço e segurando com firmeza um terço, presente dos meus pais, caminhava lentamente e cabisbaixa pelas ruas, um disfarce para o plano que logo colocaria em prática. Chegando ao convento, adentrei a igreja e, como todos os dias anteriores, ajoelhei-me, mas não próxima ao altar como de costume: procurei um lugar mais discreto, próximo à seda rubra de uma grande cortina. Acendi algumas velas e orei boa parte daquele dia. Meus joelhos doíam, pois não estava acostumada a ficar tantas horas naquela posição. Na realidade, pretendia executar meu plano mais cedo, mas faltou-me coragem. Até que, refletindo novamente sobre a minha vida enclausurada naquele convento, sem ao menos sentir os prazeres carnis da vida, um intenso calor tomou conta do meu corpo, e o ódio falou por mim. Esbarrei propositalmente em algumas das velas que acendi e a cortina de seda fez o restante do trabalho. Em poucos minutos, a igreja inteira ardia em chamas. Corri, e como num drama interpretei a mocinha que fugia desesperadamente em prantos, deixando para trás o terço e a Bíblia para também serem consumidos pelo fogo. Corria e chorava muito, mas ninguém sabia que era de pura alegria, pois o convento inteiro estava ferozmente sendo consumido pelas chamas. No entanto, por mero acaso do destino, ou talvez por castigo devido ao meu último ato, tropecei e caí de joelhos num objeto que um dos padres deixou cair na correria, pois todas as freiras e padres tentavam salvar livros e objetos valiosos do convento. Com os joelhos sangrando muito, olhei para o pequeno obstáculo e notei que era um livro: o *Necronomicon*. Procurei, em vão, o padre que o perdera. Peguei o livro e continuei vagarosamente minha caminhada até minha casa.

O plano deu certo, acabei com o único convento da região. Meus pais se esqueceram momentaneamente dos planos para a minha clausura, e agora eu tinha algo muito valioso em mãos: um livro que poderia me fornecer o poder da sedução e muitas riquezas: o *Necronomicon*.



Ao anoitecer, esperei meus pais irem para os seus aposentos. Tranquei a porta do meu quarto e acendi uma única vela. Retirei o espesso tapete do centro e comecei a riscar o chão com a ponta de uma faca banhada em sangue de animal, assim como orientava o livro. Infelizmente, fui obrigada a sacrificar meu único felino. O pentagrama era complexo e passei mais de uma hora riscando o chão, até que o deixei perfeitamente idêntico ao da ilustração. Ajoelhei-me no centro e com o livro em mãos, iniciei a profana oração... Sentia calafrios e arrepios por todo o corpo. O vento soprava furioso em minha janela, deixando-a completamente escancarada. Por um breve momento, tive que parar a oração para fechá-la e continuar o ritual, mas o que irei descrever foge de tudo o que já vi ou ouvi em toda a minha vida. Após fechar a janela e voltar-me para o pentagrama, já não estava só em meu quarto. Uma imensa criatura de aproximadamente três metros, agachada e praticamente imóvel, contemplava o pentagrama. O estranho ser estava nu, e seu corpo, apesar de humanoide, era coberto por pelos semelhantes aos de um bode, assim como suas patas e chifres. Eu não deveria ter saído do centro do pentagrama, pois segundo o próprio livro, perdi completamente a minha proteção. A besta olhou fixamente em meus olhos, e foi neste momento que visualizei o abismo negro do inferno. Vi as almas penitentes ardendo em chamas, assim como inimagináveis e terríveis criaturas. A invocação estava feita. Ele estava ali, Meghalabiel, um dos mestres do inferno, pronto para receber minhas ordens que, sem hesitar, proferi: riquezas e um grande amor. Isto bastava...

Com a respiração roufenha, ele rangeu os dentes como um equino, cruzou os braços um sobre o outro, olhou mais uma vez fixamente para os olhos meus e desapareceu numa névoa, deixando um terrível odor de enxofre. Qualquer garota com a minha idade estaria desesperada com tal cena. Eu, muito pelo contrário, estava feliz. Pela primeira vez em minha amarga e odiosa vida, estava feliz. Cobri o pentagrama com o tapete, coloquei o *Necronomicon* embaixo do travesseiro e deitei-me. Não me lembro se sonhei naquela noite, simplesmente apaguei.

(...)

Acordei. Mas não estava em meu quarto, e sim num luxuoso aposento. À porta, uma senhora estranha com o rosto coberto por um véu negro, segurando uma bandeja de prata, que trazia apetitosas frutas. Provavelmente uma serviçal. Sem fazer perguntas, me alimentei rapidamente, e ainda descalça e de camisola, saí do quarto e caminhei sem destino num imenso corredor repleto de quadros e bustos de estranhos guerreiros de outrora, até que avistei ao longe um homem de cócoras. Estou em um palácio. Sim, 'estou' porque escrevo esta carta nesta mesma manhã, e, neste momento, estou trancada em um destes imensos quartos. Consegui sair de casa e me livrar dos meus pais e do confinamento que planejaram para mim no convento. Consegui a tão sonhada riqueza. Mas o amor que me esperava no final do corredor, o homem de cócoras, não era meu amor, muito menos um homem, era Meghalabiel que mais uma vez olhou fixamente em meus olhos, só que desta vez pronunciou palavras terríveis e inumanas: 'Você será a minha eterna noiva, a noiva imortal de Meghalabiel. Basta segurar minha mão para finalizarmos o rito...' Corri, corri como nunca fizera antes. E



longe da vista da besta, me tranquei neste quarto e escrevo esta carta, pois sinto que o fim está próximo. Ouço seus estrondosos passos. Ele está abrindo as portas dos quartos, um a um, como um furacão. Os passos estão cada vez mais próximos e logo ele me encontrará, mas antes disto, acabarei com a minha vida, me jogarei da janela deste quarto. É muito triste saber, neste terrível momento, que este é o preço a pagar pelo meu sonho...”

(...)

Sei que é difícil de acreditar nesta história. Mas ainda descontente com os fatos descritos na carta, procurei pelos registros de todos os habitantes de Pádua do século XVII. Encontrei o da Sra. Santoriello, e os mesmos confirmaram o seu suicídio no dia 07 de novembro de 1627. Encontrei também um exemplar raro de um jornal da época, comprovando a destruição do principal convento de Pádua, assim como o suicídio da recém-casada Sra. Santoriello. Nada foi mencionado sobre o *Necronomicon* e muito menos sobre a carta. Embora tenha lido algumas poucas linhas deste maldito livro, acredito que não esteja preparado para lê-lo, assim como nenhum outro ser humano está. Decido, neste momento, que não irei destruí-lo, mas escondê-lo em um local secreto, para que somente eu, e mais ninguém, saiba do seu paradeiro. Talvez, um dia, eu esteja preparado para desvendar todos os seus segredos sem sucumbir à tentação das riquezas, pois prezo, acima de tudo, pela minha alma.

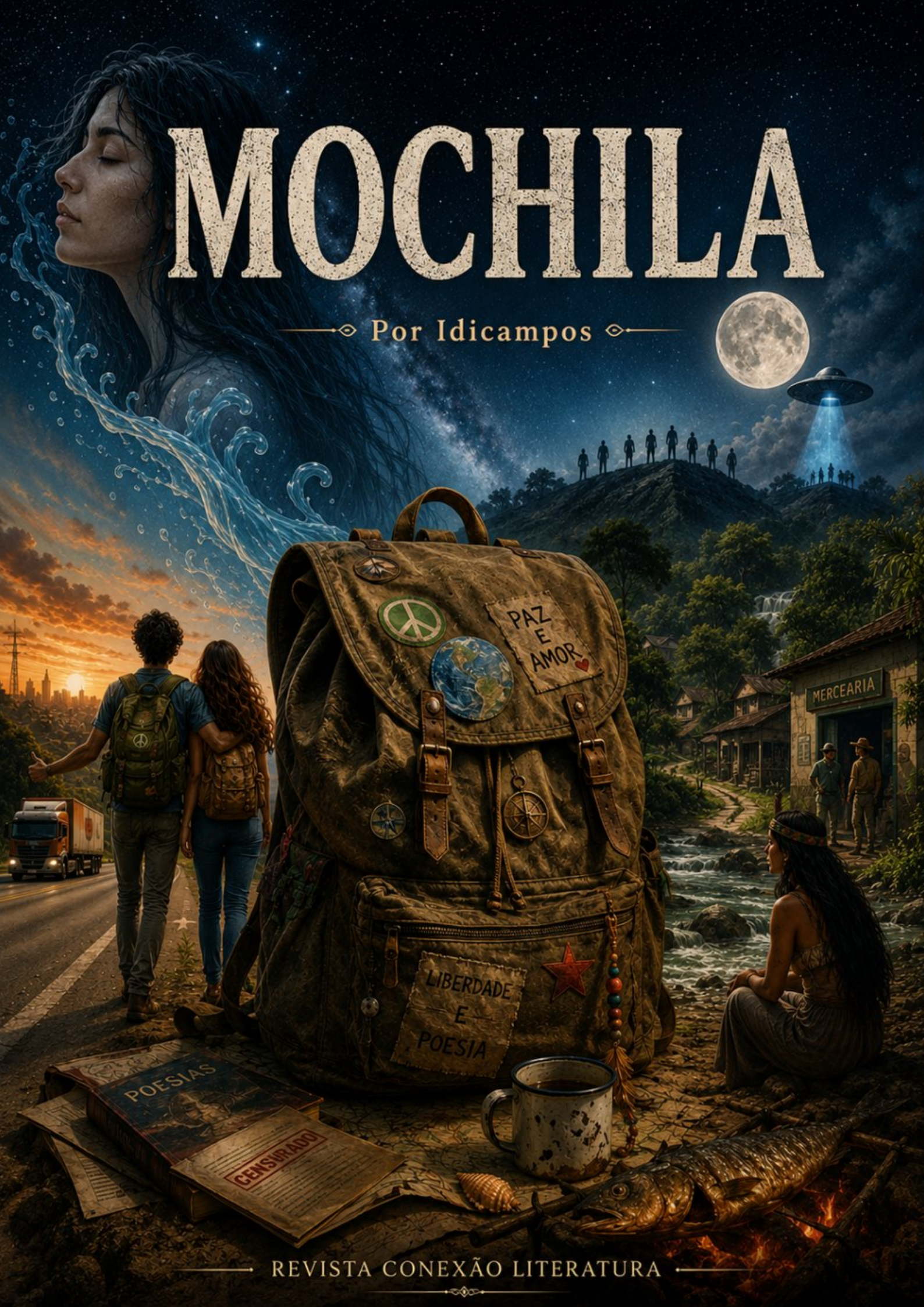


**Ademir Pascale:** Paulista, escritor e ativista cultural, é casado com a publicitária Elenir Alves e pai de dois meninos. Criador e editor da Revista Conexão Literatura (<https://www.revistaconexaoliteratura.com.br>) e colunista da Revista Projeto AutoEstima (<http://www.revistaprojetautoestima.com.br>). É chanceler da Academia Brasileira de Escritores (ABRESC) e associado da CBL (Câmara Brasileira do Livro). Já atuou como educador social e também trabalhou durante 18 anos no setor de Inclusão Digital da cidade de São Paulo, em uma rede de solidariedade que desenvolve ações de promoção da vida em diversas partes do país e do mundo, realizando um trabalho voltado a pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Participou de mais de 100 livros, com contos publicados no Brasil, México, China, Portugal e França. Publicou ao lado de Pedro Bandeira no livro *Nouvelles du Brésil* (França), com xilogravuras de José Costa Leite. Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



# MOCHILA

—◇ Por Idicampos ◇—



— REVISTA CONEXÃO LITERATURA —



Uma mochila arruma muitas coisas em um espaço limitado: carrega os segredos pessoais, os mistérios do espírito, os traumas com as relações sociais, os amores não correspondidos, o medo do fim, as frustrações com a sociedade de consumo, os desejos reprimidos etc. Uma infinidade de partidas reunidas em um simples acessório, onde, muitas vezes, moram as memórias de uma vida inteira.

Imprescindível na retenção das notas fiscais, na logística das compras, na condução dos livros proibidos, no amontoado dos boletos de custeio ou no empilhamento das tralhas que nos prendem ao passado.

O tempo aprisiona o pretérito, conflitua a confecção do próximo parágrafo da retórica da mochila. Uma bolsa produzida para trazer nas costas o fardo dos compromissos. Um objeto comprometido com a libertação das mãos, feito para favorecer a comunicação gestual.

A mochila apareceu antes da era cristã para transportar os pecados de uma vida para outra. Indispensável a quem tem medo de morrer e precisa acreditar em vida após a morte.

Útil no transporte coletivo, na escalada das montanhas, na companhia da polícia para matar os pobres, na condução de propinas, enfim, em variados contextos. Aliás, uma indumentária necessária nesta trajetória sem sentido da existência humana.

Em meados dos anos setenta, na época do toque de recolher às 22h, em plena ditadura militar, a mochila turbinava a mente da juventude, estigmatizava a ideia de deslocamento, a busca compulsiva pela liberdade.

De boa, naquele hiato da República Brasileira, sonhava-se com a democracia, porque os fedelhos achavam ser possível transformar o mundo. Os rebeldes não sabiam o que lhes aguardava com a chegada dos cabelos grisalhos, quando acabariam espremidos, como sardinhas em lata, no supermercado.

Naquele período de reflexão, o ombro do namorado de Lirian serviu-lhe de afago. Juntos, rodavam por aí afora, perseguindo aventuras psicodélicas... Apoiavam a mochila na clavícula e rolavam quilômetros pelas rodovias do país.

Bastava apenas uma muda de roupa, alguns textos censurados pelo regime fascista, um chiclete para mascar e uma gíria bem pronunciada para que o amor, nascido nas redondezas de Agostinho Porto, iniciasse uma nova caminhada. Dessa forma, Lirian amava Socratino; constituíam o resumo do encontro entre duas mochilas.

Em Agostinho Porto, bairro do município de São João de Meriti, às margens da Rodovia Presidente Dutra, Socratino conheceu Lirian na Igreja Nossa Senhora das Graças. Ambos frequentavam, obrigados pelos pais católicos, as aulas de Primeira Comunhão. Lirian estudava o catolicismo com fervor. Já Socratino, de temperamento hiperativo, questionava invariavelmente os dogmas religiosos.



Terminado o curso teológico, cada um seguiu para um lado diferente. Anos mais tarde, reencontraram-se no recital de poesias da Academia de Letras e Artes Meritiense. Foi um evento emocionante, que abordava diversos temas, inclusive a Revolta da Chibata, homenageando o marinheiro João Cândido, que encerrou a vida em Agostinho Porto, sobrevivendo da pesca.

O romance, regado por versos bem rimados, teve como pano de fundo a luta pela democracia no final da década de setenta. O relacionamento forjou uma relação emocional estável; estavam dispostos a vivenciar a tese do socialismo utópico.

As aventuras associadas à filosofia humanista contavam com a sensibilidade dos caminhoneiros. Sustentando mochilas nos ombros, os peraltas esticavam o dedo na estrada, pedindo carona, e contagiavam os motoristas com reclames de paz e amor.

Assimilaram, nessas travessuras, os detalhes dos territórios: a origem da arquitetura, a memória coletiva do povo, as tradições culturais, a formação étnica da população, mas também as lendas presentes no imaginário das comunidades.

No Ribeirão das Lajes, na Serra das Araras, acamparam à beira do rio, em uma barraca de lona apertadinha. Num espaço reduzido, com os corpos empilhados, entravam deitados e saíam da cabana arrastando a bunda pelo assoalho duro. A felicidade ficava ao sabor do peixe na brasa, dependurado nos gravetos recolhidos no mato.

Acomodados na área, embora aparentemente isolados, fadados ao breu noturno daquela sexta-feira, treze de setembro de 1979, não aguardavam nenhuma novidade, mas a natureza trouxe a inesperada presença de uma moça misteriosa. A criatura encontrou-os deslizando os pensamentos nas correntezas do rio... A tal figura compunha uma beleza surreal.

A bela puxou assunto com Socratino; em seguida, fez amizade com Lirian. Bateram um papo ecológico supimpa: cogitaram a manutenção da Mata Atlântica, a preservação das águas fluviais, o planejamento sustentável do saneamento básico e a proteção da fauna e da flora da região.

A madrugada invadiu o bate-papo, e os namorados convidaram a visita a pousar no dormitório improvisado. A mulher, educadamente, recusou a hospedagem. Alegou um compromisso inadiável com os povos originários de Ribeirão das Lajes.

Com a saída de cena da indígena, dormiram tranquilamente. Todavia, acordaram cedo, esquentaram o café na fogueira, comeram pão dormido, ajeitaram as mochilas, desarmaram a barraca, desceram pela picada e avistaram o vilarejo.

Encostaram no balcão da mercearia, na rua principal da cidadela. Intrigados com o dia anterior, soltaram a língua em um diálogo esclarecedor: perguntaram ao comerciante a origem da enigmática nativa. O balconista lançou um sorriso irônico, despertando-lhes a curiosidade.

— Amigo, qual é a graça? — interrogou Socratino.



— Senhor, ninguém passa ali depois do pôr do sol.

— Por quê?

— As pessoas temem o feitiço da Mãe-d'Água.

— Explique-se, por favor.

— No passado, uma fêmea da tribo originária da serra teria sido afogada no ribeirão por um colonizador português.

— E daí?

— Na hora do afogamento, ela jurou levar para o fundo do rio qualquer invasor. Vocês tiveram sorte, pois a sereia do Ribeirão das Lajes só poupa da maldição aqueles que têm bom coração.

Os desbravadores, cagando de medo, abraçaram-se, suspenderam as mochilas e voltaram à Rodovia Presidente Dutra, retornando a Agostinho Porto na primeira carreta disposta a acolhê-los.

Passados três meses, refeitos do susto, percorreram a Serra do Vulcão, em Nova Iguaçu, com um grupo de nove pessoas, incluindo ambos. A turma reunia a vanguarda da juventude da Baixada Fluminense.

A empreitada consistia em estudar as estrelas. Para facilitar a observação, levaram uma luneta de longo alcance.

Os curiosos cansaram na metade do trajeto; os aventureiros dobraram a aposta; os fofoqueiros insistiram em tomar conta da vida alheia; as geólogas colheram material do terreno, almejando o conhecimento da formação do solo; o astrólogo elaborava o mapa astral da viagem; o astrônomo aguardava o cair da noite para mapear a posição dos astros; os expedicionários seguiam compenetrados no visual.

O astrólogo, um sessentão argentino, difundia os princípios da Quarta Internacional Socialista, levantava a bandeira da Revolução Permanente. Defendia que a transformação social viria do espaço sideral. Jonas Pousadas acreditava em uma sociedade igualitária, sem classes sociais.

Carina, enlaçada no sentimento que nutria por Creatina, vasculhava a área à procura de pedras preciosas. Alimentava a esperança de envelhecer com dignidade ao lado da amada; portanto, cobiçava a fortuna explorando o Maciço do Mendanha.

Alcançado o objetivo — o epicentro da cratera do vulcão extinto —, descansaram os esqueletos. O astrônomo Zequinha armou a luneta, regulou as lentes, direcionou o foco e organizou a estrutura de reconhecimento do manto formado pelas estrelas no céu.

Deus apagou a luz às 18h em ponto. Zequinha arregalou os olhos no visor do telescópio portátil; Jonas colocou o mapa astral na prancheta; as geólogas sentaram-se



para lanchar; os aventureiros abriram a garrafa de cachaça; os fofoqueiros revezaram-se no plantão da crônica social; os protagonistas discursaram acerca da via do coração; o conluio marcou presença no ponto turístico.

Às tantas da madrugada, ao clarão da lua cheia, pousou uma nave interplanetária. Da espaçonave desembarcaram nove anões vermelhos, trazendo um recipiente lotado de cerveja puro malte. Também montaram uma mesa farta de salgadinhos. Os anfitriões selaram, amistosamente, o contato de terceiro grau.

Ao final da festa, os alienígenas convidaram os sonhadores para fazer turismo lá em cima. Confirmaram, sujeitos à capacidade de voo, o embarque do casal, do astrólogo, do astrônomo, dos aventureiros e dos fofoqueiros para relatar os fatos.

Tendo a lotação do disco voador esgotado, os outros perderam a oportunidade, nesta história, de viajar de graça. Os escolhidos, devidamente paramentados com suas mochilas, partiram em direção ao desconhecido, na certeza de que o sonho não acabou...



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



# PARTICIPE

— DA ANTOLOGIA —

# POESIAS AO VENTO

— VOL. XVI —

*Sua poesia  
merece voar!*

A Revista **Conexão Literatura** convida você para fazer parte desta antologia que reúne poetas de todo o Brasil em uma celebração da sensibilidade, da palavra e da liberdade criativa.



#### PUBLICAÇÃO NACIONAL

Seu poema em uma obra com distribuição digital.



#### EXPOSIÇÃO E RECONHECIMENTO

Seja lido por milhares de leitores apaixonados por poesia.



#### PROJETO PROFISSIONAL

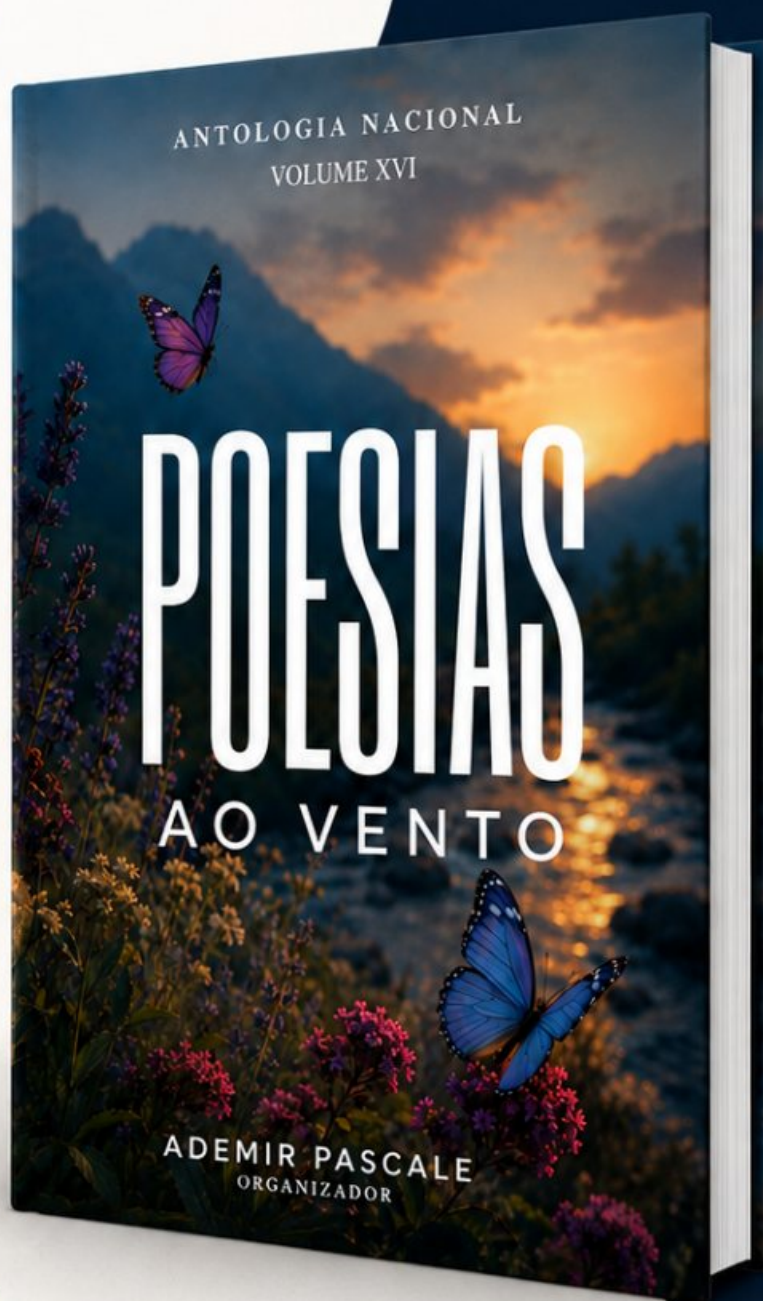
Formato digital com projeto gráfico de alta qualidade.

**SUA VOZ. SUA POESIA. PARA O MUNDO.**

**SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI**



ANTOLOGIA  
NACIONAL  
VOLUME XVI





# E eu dizia ainda é cedo

Por

**Luciana Simon  
de Paula Leite**





— Não dá, pai. Eu tentei. O senhor viu...

— Vi o quê, Roberto?! Ficou dois meses no caixa do estacionamento, em período de oito horas, e acha que tentou? Como você acha que eu consegui sustentar a nossa família até hoje? Sonhando, por acaso?!

— Pai... Eu agradeço tudo o que o senhor fez por mim... Mas não dá, não posso mais! Não é o que eu quero para a minha vida, entende? Eu não vou aguentar. Não quero isso para mim!

Augusto era um homem grande, de ascendência italiana. Pele clara, com inclinação à formação de rosácea, bigodes grandes castanhos e brancos, calvo, com alguns fios de cabelos brancos e castanho-escuros nas têmporas e na parte posterior lateral da cabeça. Estava tomado de uma raiva avassaladora, extremamente vermelho.

Silêncio entre ambos. Roberto baixou a cabeça e começou a estalar os dedos das mãos, nervosamente.

Augusto expirou o ar com força. Olhou seriamente para o filho.

— Você vai viver de quê? Vai cantar, tocar contrabaixo, é isso? Foi para isso que te criei?

Roberto levantou a cabeça e olhou o pai com muita gravidade, diretamente nos olhos.

— Pai. Eu sou músico. Eu sou artista. É com o que eu amo fazer que quero trabalhar e, sim, o senhor educou um homem decente. Pode ter certeza de que vou trabalhar duro e me sustentar, sem lhe incomodar.

— Não estou preocupado comigo, criatura! — Augusto gritou de um modo que assustou o filho, o qual arregalou os olhos, permanecendo estático, mudo. E continuou, numa avalanche verbal: — É com você! Com seu futuro! Arte nunca encheu a barriga de ninguém! E você, ainda por cima, canta como aquele cantor barbudo e largado de Brasília. O que é isso?!

A vontade de Roberto foi gargalhar. Mas, se esboçasse qualquer reação de deboche, seu pai poderia enfartar, e ele jamais iria se perdoar por isso. Então, procurou falar em tom conciliador e explicativo.

— Pai... Me perdoe. Eu juro que realmente tentei. Mas eu nasci para ser músico, cantar, tocar instrumentos. É isso que me faz feliz, e sei que também posso transmitir isso a quem me ouvir.



— Para, filho! Não quero ouvir! E você ainda vai continuar imitando esse cantor, tocando a música desse tal Legião não sei das quantas? Um bando de moleques tontos e relaxados, é isso? O cantor usa bata, barba e bigode. Deus do céu!

Roberto achou melhor interromper aquela "conversa", tantas vezes repetida entre ambos. Amava o pai, não queria brigar, muito menos desrespeitá-lo. Porém, dentre tantas atividades em sua vida, dentre tantas pessoas e conselhos, o que realmente lhe dava algum sentido e bem-estar era a sua música. Sua. Feita com sua voz, com seu corpo, com seu espírito. Seu pai jamais iria entender... Cabisbaixo, pegou a mochila que estava no chão e saiu. Ainda ouviu o pai dizer:

— Você vai para onde? Está fugindo?

Virou-se com os olhos marejados de lágrimas. Não queria magoar seu velho. Sabia que precisava escolher, por si mesmo, o próprio caminho. Mesmo que existissem críticas, mesmo que fosse taxado de vagabundo, desocupado, anarquista, drogado ou algo do gênero.

— Não, pai. Vou parar de fugir do que eu amo fazer. Vou trabalhar com alguns amigos. Conseguimos um show em Monte Aprazível. De lá, vamos viajar para o interior de Goiás. Eu mando notícias. Amo o senhor!

Roberto se virou e não olhou para trás. Não ouviu mais a voz do pai. Para ele, nunca foi uma despedida. Foi um enfrentamento. Se era homem e sabia o que desejava fazer profissionalmente, não resolvia em nada adiar ou perder tempo com coisas sem lógica ou justificativa para si. Sem qualquer prazer. Não queria viver esperando finais de semana, feriados ou férias, sempre limitados pelas exigências do trabalho na empresa familiar. Queria mais.

Tempo. Sempre ele. Capaz de afastar pessoas. Assolapar sentimentos. Normalizar mentiras a ponto de serem consideradas verdades incontestáveis.

O fato é que o trabalho sempre existiu na vida de Roberto, cuja voz se assemelhava muito à do célebre cantor cujas músicas interpretava. Era apenas uma voz? Não. As performances, os gestos, a alegria, os sentimentos que buscava transmitir quando cantava e manuseava os instrumentos faziam diferença. A forma acolhedora com a qual se dirigia à plateia e, acima de tudo, o fato de trabalhar com outros músicos de excelência, com o mesmo prazer que ele possuía ao se apresentar, fizeram do grupo um empreendimento estável, apto a enfrentar desafios, crises econômicas e cachês reduzidos, não raras vezes.

O que havia prometido a si mesmo? Ser honesto consigo. Trabalhar com o que amava. E jamais esquecer as expressões de alegria, satisfação e, até mesmo, de saudade e



afeto nos olhos e nas expressões faciais dos integrantes das plateias. Aquilo era o combustível de sua existência.

— Não entendo você, filho. Desisti há anos.

Dito isso, Augusto fechou o jornal de papel, que havia, estranhamente, diminuído de dimensão nos últimos tempos e estava aberto sobre seu colo.

Ouviram a voz da mãe de Roberto, Hercília, chamando-os para o almoço. Polenta com frango ao molho sugo, como bons descendentes de italianos apreciavam nos domingos frios de julho.

Hercília, após servir o filho e o esposo no melhor estilo de matriarca originária da Calábria, falou displicentemente, enquanto fazia o próprio prato, servindo-se de uma farta porção de polenta fumegante:

— Ah, filho, lembra da Denise? Foi sua namoradinha quando você tinha uns dezenove anos, mais ou menos, antes das suas três ex-mulheres, né...

Roberto começou a rir, um pouco constrangido.

— Sei, mãe... O que é que tem?

— Nada demais. Encontrei com a mãe dela no supermercado. Ela me disse que a Denise se mudou para os Estados Unidos e se casou com um americano. Está morando em Dallas e parece que trabalha num hotel de luxo. Sei lá, não entendi direito.

— Legal, mãe. Que bom para ela!

Roberto, enquanto degustava seu prato, foi conduzido mentalmente ao passado ao ouvir a menção a Denise. Era uma moça morena, bem magra e falante, bastante organizada e que fazia muitos planos para o futuro. Como não se dava bem com os próprios pais — o casal vivia brigando, e ela se estressava com o clima doméstico —, queria muito se casar logo. Roberto respondia mecanicamente, até porque não queria assumir que não se sentia estimulado a se comprometer seriamente com ela, por ausência de sentimentos mais robustos. Dizia que ainda era cedo... Mas não era essa a letra que cantava sempre? Riu consigo mesmo, com um meio sorriso.

— Que foi, filho? Quero ouvir a piada. Vai, conta aí! — disse Augusto, já sorrindo sob o bigodão.

— Nada, pai, nada demais... Estava me lembrando da letra de uma música do show, que é interessante. Bobagem. E aí, vamos tomar uma taça de vinho tinto?



— Claro, meu filho! Você sabe o quanto fico feliz quando você vem me ver aqui em casa!

Os olhos de Augusto sorriam, como os olhos de uma criança. Roberto era seu menino. E estava feliz por continuarem sendo apenas pai e filho, que se queriam muito bem.



**Luciana Simon de Paula Leite:** exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado “Para nossas meninas”, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

LITERATURA  
QUE CONECTA  
HISTÓRIAS,  
IDEIAS E  
TRANSFORMA  
REALIDADES.

CONHEÇA O LIVRO

# JENIPAPO

DA AUTORA

LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

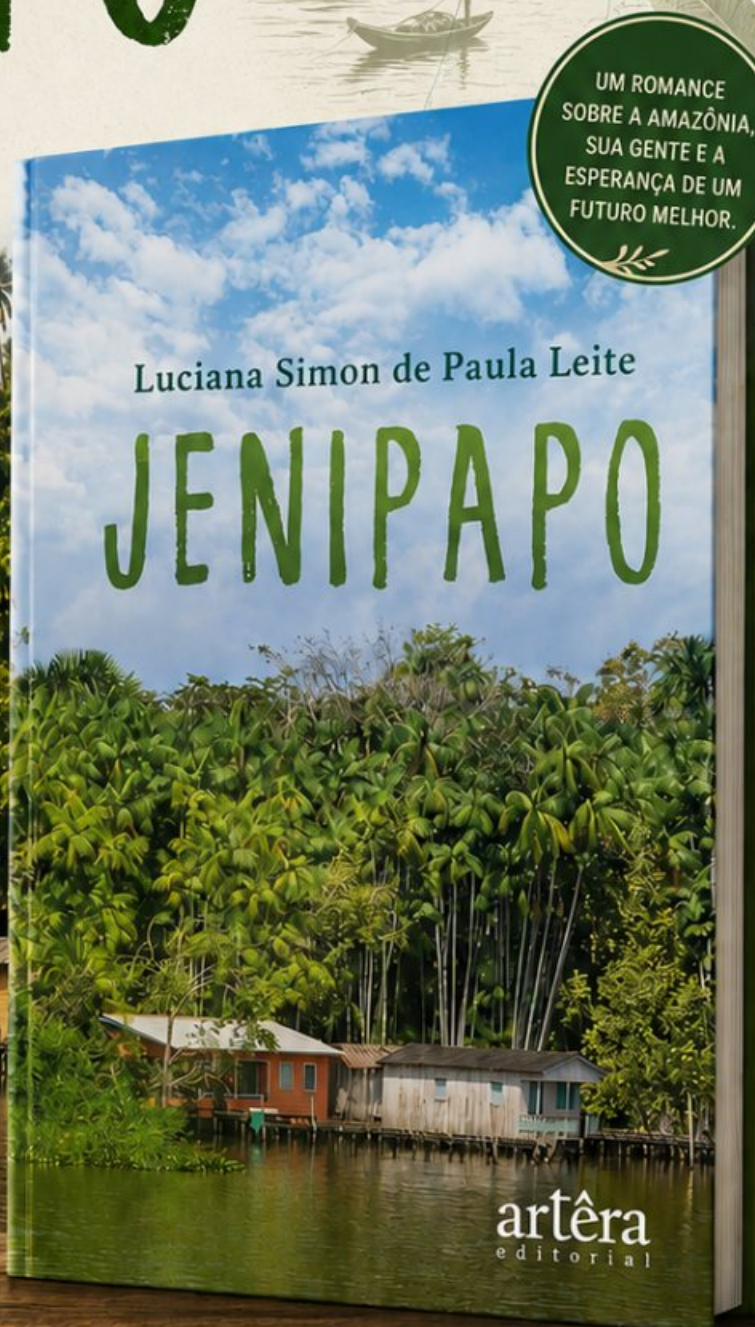


## SINOPSE

Jenipapo é uma obra de ficção baseada em fatos, aborda a realidade do Marajó hodiernamente com menção a episódios que envolveram diretamente Giovanni Gallo, padre jesuíta que se instalou na região albergada pelo Município de Santa Cruz do Arari na década de 1970 e que fundou o Museu do Marajó, homem visionário e que muito esforçou-se para o desenvolvimento sustentável do Marajó mediante combate à pobreza extrema.

A atualidade da temática é irrefutável posto concernente à preservação da Região Amazônica e seus problemas múltiplos, tais como aquecimento global, risco à subsistência, segurança e saúde de comunidades ribeirinhas e quilombolas, poluição ambiental, sem olvidar a dinâmica das relações humanas instigando reflexões sobre capacitismo, racismo, abuso sexual infantil, afeto, parentalidade, conjugalidade, entre outros fatores.

Mas é a sombra de Giovanni Gallo, com seu incondicional apreço ao Marajó, sua cultura e natureza e, especialmente, seu franco desejo de concorrer para a melhoria de qualidade de vida do homem marajoara, prestigiando sua história e estimulando autoestima, que inegavelmente permeia a obra, absolutamente atual, cuja leitura é necessária.



PARA ADQUIRIR O LIVRO:

**CLIQUE AQUI**



artêra  
editorial



Revista  
**CONEXÃO LITERATURA**

---



**A MORTE  
DE UXU,  
O CONTO DOS  
DOIS GRISSOMS**

---

Por  
**NEY ALENCAR**



“A conjuntura do espaço é vasta,  
A biodiversidade que o habita, no entanto,  
É avassaladora em seus ecossistemas!”

— *Daquilo que Habita entre os Interstícios*,  
Volume 2

Para compreendermos toda a narrativa adiante, devemos ter em mente a definição metódica e científica do que é um Grissom! E também do que ele não é!

O lapso desse conhecimento espúrio, hipotético e, por vezes, indesejado é causa de muita confusão e interpretação errônea, o que, por si só, já é um erro crasso e perigoso.

O que, afinal, é um Grissom?

Oh, é uma espécie em extinção, algo não natural que deriva entre um Arbófilo e um Sentrecato, com diferenças interdimensionais quase imperfeitas ou inconclusivas, que se manifesta pelo limbo intersticial.

Um raro exemplo de inteligência compactual!

Um habitante dos interstícios das coisas que são e das coisas que não são, raro e elusivo, uma metáfora viva do potencial e da incerteza, quase como uma personificação da física quântica em forma de criatura ou ente que transita pelas fendas no espaço-tempo.

Não possui uma forma física definida, e sua aparência muda dependendo de quem o observa ou da urgência de sua própria necessidade de existir no momento em questão.

Em vez de deixar rastros por onde passa, o Grissom pode apagar temporariamente a realidade ao seu redor, deixando pequenos vácuos de "nada", que a própria natureza espacial concorre para preencher logo em seguida, como se ele nunca tivesse estado ali.

Sendo parte de algo que "não é", ele se alimenta de paradoxos astrofísicos, incoerências espaciais e absurdos de antinomia que perambulam incautos por entre as dobras de singularidades ou mesmo que escorrem pelas bordas de horizontes de eventos no rastro de massivos buracos negros errantes e, talvez, também de assimétricas possibilidades esdrúxulas que sequer foram planejadas ou que jamais se concretizaram no mundo real e, no entanto, repousam dentro daquele repositório gravitacional e magnífico que são aqueles abismos fascinantes e amedrontadores que existem no coração desses supermassivos entes estelares, de tal forma esbeltos e encantadores como espetáculos impressionantes oriundos da dança das estrelas!

Um conceito fascinante e poético e, no entanto, um desafio blasfemo à lógica da biologia e da própria existência!

Dizem que o canto de um Grissom é um dos sons mais fantásticos e, ao mesmo tempo, mais assustadores de se escutar quando se está viajando pelo espaço exterior, porque ele mesmeriza aqueles que o ouvem e pode, por vezes, fazer com que percam



completamente a noção de tempo e espaço, de tal forma que se percam e vaguem sem rumo por um tempo infundável ou apenas por alguns segundos.

O maior perigo, porém, de se encontrar ou mesmo de apenas ouvir um Grissom é que, onde um deles puder ser encontrado, certamente e, por vezes, fatalmente, outra coisa pior e abominável estará espreitando pelas sombras em seu encalço.

O único predador que o Grissom teme e do qual se oculta com todas as suas forças, temendo, por vezes, até mesmo o espectro de sua própria sombra, é o Milandrius, um predador metamorfo com vasta capacidade de se adaptar ao ambiente ao redor, um mimético degenerado e uma inteligência que rivaliza com a do Grissom.

Não existem relatos sobre a verdadeira forma do Milandrius, apenas vagas referências a três cérebros compactos em uma massa amorfa de olhos e bocas que se comprazem em deglutir, ingerir e devorar quaisquer coisas que lhe cheguem ao alcance dos vários dedos alongados de unhas cortantes.

Uma criatura certamente avassaladora!

Se o Grissom habita o vazio do que "não existe", o Milandrius representa a ameaça da absorção absoluta e abominável, um predador odioso que consome não apenas a carne ou a matéria de suas presas, mas a própria probabilidade de existência delas e quaisquer vestígios que tenham deixado pelos interstícios do espaço ao redor.

Porém, deve-se dizer que tal criatura não é nativa dos interstícios entre o que é e o que não é; todavia, é originária, assim pensam os sábios e os estudiosos de tais coisas, do mundo real ou daquele mundo ancestral e primevo que antecedeu a realidade de tudo o que existe e que, no decorrer das eras, aprendeu a violar e invadir os espaços, os hiatos e as fendas perdidas entre os intervalos do existir.

Um horrendo e brutal predador que se embosca nas dobras das costuras interdimensionais, naqueles lugares abantesmos onde a fábrica das coisas está desgastada e fina, por ruínas antigas, florestas petrificadas e fendas abissais, onde outras coisas não vão e onde os paradoxos apenas observam em silêncio.

Tal é o horror que tal criatura provoca que o Grissom, esse tímido e acanhado avejão, procura sempre ocultar-se pelas réstias das sombras do silêncio e da gravidade, onde quer que vá, e, por vezes, perambula sorrateiro por entre os ecos e as reverberações da estática cósmica.

Cumprir dizer que foi assim que se deu o encontro de Uxu e Yuwu!

Um raio de sol partiu os meandros entre os interstícios e fulgiu por um ínfimo instante por aqueles lugares absurdos e ocultos onde luz nenhuma costuma chegar, e ali o Grissom captou sua luz, mesmerizado.



Intrigado, piscou e se contorceu, como se sorrisse de um jeito estranho e alegre, de uma maneira que não costumava fazer, pois já havia esquecido como eram a luz e as coisas belas do mundo exterior. Não costumava passear por lá!

Atraído, talvez pela estonteante luminosidade daquele raio de sol perdido, talvez pelo hálito sussurrado de algum verão agora esquecido, aproximou-se da fenda, esquecendo-se por alguns momentos dos perigos que poderiam estar espreitando do outro lado ou pelas bordas, e olhou através.

O que viu além o fascinou de tal forma que deixou de lado todos os seus cuidados e deliberadamente realizou uma ação que contradizia a lógica causal.

Atravessou a fenda! Com um passo descompassado e ligeiro, parou. Encandeado!

Havia algo do outro lado.

A clareira, cheia de grama verde molhada de orvalho da manhã, que ainda não evaporara, estava silenciosa; os carvalhos velhíssimos e as bétulas esguias e brancas mantinham-se quietos como se tomassem um longo hausto depois de um mergulho em águas profundas, onde habitavam coisas que não deveriam existir fora dos pesadelos.

A figura esdrúxula do Grissom piscou e transmutou-se em outra coisa, talvez um unicórnio, que alguns poderiam chamar de monoceronte, talvez um alicorne de fabulosas asas da cor do mármore, e seus cascos argênteos pisaram a grama.

Por um instante ficou ali parado, respirando a atmosfera rica da clareira com sua mistura excêntrica e selvática de orvalho e grama, de relva e rocio, e então notou outra silhueta que se movia por entre os troncos mais distantes.

Dos interstícios entre as sombras e a escuridão da mataria veio trotando outra criatura fabulosa. A silhueta transmutava-se a cada passo, pulando do bizarro e perigoso da mantícora para o fantástico e nobre grifo e, afinal, fixando-se no fabuloso hipogrifo.

O Grissom levantou a cabeça, e suas orelhas colocaram-se em alerta.

O outro, fosse o que fosse, parou apenas quando entrou na clareira, ciscando a grama com suas garras e focinhando o ar com seu bico recurvo.

Por um instante, os dois se olharam. Os olhos espelhados refletiram seus reflexos: o vislumbre perfeito da escuridão absoluta e gravitacional do coração de um buraco negro supermassivo, onde a luz e o tempo eram distorcidos e paradoxais!

Então o Grissom hesitou e recuou um passo, assustado.

Algo ali não estava certo!

Aquele instante, no entanto, foi o que o outro precisava para o bote.

O momento de incerteza foi o que bastou para que fosse envolvido pelo ardil mortífero de seu nêmesis faminto.



A atmosfera da clareira estridulou e encheu-se de faíscas. Os olhos do Grissom arregalaram-se como se fossem feixes oscilantes de energia assimétrica, brilhando com cores que nenhum olho humano sequer conseguiria ver, piscando intermitentemente entre a existência e o nada.

Percebia agora seu erro crasso; sentia as linhas dos carvalhos e das bétulas curvando-se em ângulos e direções impossíveis, percebia o tecido do tempo-espço retorcendo-se ao seu redor.

O vento parou de soprar, os pássaros pararam de cantar e até mesmo as folhas estagnaram no ar; apenas o retinir do silêncio brutal tilintava em seus ouvidos apavorados.

Nesse instante, a luz e o calor desapareceram. Uma geada cinzenta cobriu a grama e as folhas; uma fumaça gélida tomou conta da atmosfera, e o hálito do Grissom exalou como vapor branco.

Foi então que ele soube o que estava ali diante dele, mas então já era tarde demais.

A silhueta do hipogrifo dissolveu-se, e brotaram olhos e bocas daquela massa amorfa que se movia em um ritmo alucinante e mesmérico.

Os olhos do Grissom detiveram-se por um átimo dentro daqueles poços profundos de copiosa voracidade e colapsaram naquela forma corpórea e vulnerável de alicorne, permitindo, assim, que aquela multidão de garras e gavinhas preênsas o agarrasse e o prendesse, e que as bocas o devorassem em bocados de "quase nada".

Aquele que fora um Grissom, e já não mais era, gritou com os lábios de seu algoz, e seu cérebro, absorvido pelos três cérebros de seu carrasco, uniu-se a eles, paradoxalmente, quase com um suspiro.

A silhueta amorfa de olhos, bocas e garras moveu-se, rasgando o tecido dos interstícios do que era e do que não era, e atravessou brutalmente as dimensões, deixando atrás de si a clareira conspurcada como uma cicatriz queimada na memória do mundo.

Dentro de si, no entanto, longe de estar saciada, a fome existencial crescia ainda mais em um estranho e contraditório jogo instável, errático e perigoso para tudo ao seu redor.

Eis, portanto, a morte de Uxu, o Grissom!

\*\*\*

**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.



# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## ESCRITOR(A)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



FAÇA PARTE  
DE UMA DAS MAIORES  
REVISTAS LITERÁRIAS  
INDEPENDENTES  
DO BRASIL!



### CONTOS

Aceitamos contos de diversos gêneros.

Até 4 páginas:

**R\$ 70,00.**

Envie o seu arquivo em Word.



### CRÔNICAS, ARTIGOS, RESENHAS ETC

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc.

Até 4 páginas em Word:

**R\$ 70,00** (custo para o autor).

Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail:

**[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)**



### POEMAS

Poemas com até 4 páginas:

**R\$ 70,00.**

Envie o seu arquivo em Word.



MAIS DE  
110 EDIÇÕES  
PUBLICADAS



MAIS DE  
1 MILHÃO  
DE SEGUIDORES



CENTENAS DE  
AUTORES DIVULGADOS  
E NOVOS LEITORES  
ALCANÇADOS

## SOBRE A PUBLICAÇÃO

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura.

Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem, mas temos todo o trabalho na diagramação dos textos, arte, divulgação, etc.



### NÃO PERCA TEMPO:

encaminhe o seu texto para o editor  
Ademir Pascale

E-mail: **[ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org)**



**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

LITERATURA | CULTURA | LEITURA | CONEXÃO



REVISTA  
CONEXÃO  
LITERATURA





— REVISTA  
**CONEXÃO**  
— LITERATURA —

— —  
**O CÍRCULO**  
— EM —  
**QUARTO-  
CRESCENTE**

— —  
Por  
**RAUL SCHAEFER FILHO**



Ele observava as águas do rio que lentamente avançavam, marulhando em poucas dobras. Às vezes, nas ocasiões em que lançava o anzol, formavam-se círculos que se desmanchavam mais adiante, por si sós. Ficava ali, no seu posto de observação, sob a ponte pênsil, horas a fio. Distraía-se, fugindo do azáfama da cidade. Não se importava se pescava ou não algum peixe miúdo: lambaris, jundiás ou algum cará. O prazer estava no relaxamento que aquele instante lhe proporcionava. Mesmo em dias de chuva leve, lá estava ele repetindo o ritual. Não arredava pé nem quando o frio cobria aquela paragem, bastando agasalhar-se a contento.

Num desses dias de inverno, enquanto jogava o anzol às águas serenas do rio, reparou numa cena que acontecia rio abaixo, quase lá na curva. Um vulto encoberto por um capuz quase fechado aproximou-se da beirada da água e lançou ao rio um saco de cor escura, que parecia ser de plástico. O rio, na sua vagareza, levou o embrulho até que ele se prendesse numa galhada derribada à margem. Cândido puxou ligeiro o anzol da água, largando o caniço perto da ponte, ainda em terra, e dirigiu-se afoito naquela direção. Chegou à curva esbaforido, arfando e com o olhar fixo no saco preto, emaranhado nas ramas secas do galho. Tentou alcançá-lo, mas estava distante de suas mãos. Procurou algum pedaço comprido de madeira e achou uma vareta de bambu largada ao léu; com ela foi puxando o invólucro preto devagar para desprendê-lo da galhada. Não era pesado, mas também não parecia leve demais. Ao tê-lo às mãos, ouviu uma espécie de lamento, um choro bem baixinho. Poderia ser de um animal ou... de uma criança. Era uma criança recém-nascida, ainda com o cordão umbilical dependurado! Vinha com uma pequena fralda de pano e uma chupeta atada ao bracinho. Que fazer? Embrulhou-a com seu agasalho de lã e pôs-se na estrada, segurando o bebê nos braços.

Ao chegar em casa com aquela criança, a mulher, Dalva, esquecendo a surpresa, exultou de alegria; entusiasmou-se. Um menino! Tudo o que ela sempre desejou, mas a providência divina não permitira que seu corpo gerasse um ser igual. Agora estava ali, bem diante dela. Não abriria mão daquela encomenda benfazeja de Deus. Embora soubesse dos trâmites legais e necessários ao caso, não cederia facilmente, pois tal achado era uma suprema premiação depois de tanto tempo de espera, quando já estava desesperançada. O casal, então, com receio de perder, após todo aquele encanto e afeto despertados, resolveu agir de modo discreto ou, como é de notável conhecimento popular, faria uma adoção à brasileira. O nome? Não poderia ser outro senão uma homenagem ao rio em que fora encontrado e salvo. Rionaldo. Rionaldo Santonato. Nome de família. Que beleza! Cândido e Dalva estavam prenhes de felicidade.

O recém-nascido foi resgatado saudável e assim permaneceu pelos anos de molecagem, na adolescência e na juventude. Rionaldo cursou a universidade, formando-se em Administração, pois sempre demonstrou tino para organizar e gerir suas coisas e, de certa maneira, também as de seus pais, Cândido e Dalva, principalmente em épocas de maior aperto. Com tais virtudes, conquistou um lugar de estagiário numa das mais prestigiadas companhias industriais da região, onde se consolidou com seu talento após a colação de grau. O presidente do conselho gestor da empresa apreciava muito Rionaldo;



tinha-o em grande conta, tanto que o convidava, volta e meia, para tomar parte nas reuniões festivas junto aos diretores, comportamento nada comum naquele estabelecimento. Nessas ocasiões, quando permitido, levava seus pais, que visivelmente transbordavam felicidade.

Com o sol e o calor que abrasavam a região, o fim de semana prometia para a família Santonato, que fora convidada, mais uma vez, para acompanhar uma reunião descontraída com os diretores da empresa. Só que desta vez seria especial. Estava reservado um lugar no sítio do patrão, onde também seria anunciada a promoção de Rionaldo para uma função superior: diretor de Controle e Produtividade, cargo de grande responsabilidade.

Cândido e Dalva Santonato prepararam-se com esmero para a significativa ocasião que se abria diante deles e para o grande momento de Rionaldo. Não pretendiam cometer foras; já haviam aprendido com a vida a driblar os eventuais vexames. Partiram alegres, bem acomodados no carro do filho, para o sítio do presidente da companhia, onde ele cumpria com zelo suas tarefas.

O lugar parecia cenário de cinema. Na entrada, ultrapassando uma porteira característica do meio rural, havia um corredor de árvores das mais diversas espécies. Ao chegar à casa principal, viam-se um jardim florido e bem cuidado, com um caminho estreito feito de pedras, culminando numa varanda espaçosa, ensolarada e arejada, com móveis dispostos elegantemente e, ao final, uma enorme churrasqueira. O interior da casa primava pelo bom gosto, com um mobiliário leve, claro e bem decorado.

Os Santonato pararam na varanda, com a mala apoiada sobre o piso desenhado, enquanto Rionaldo punha sua mochila no chão. Foram recepcionados pelo próprio dono da casa e sua esposa de modo efusivo e polido. Ao sinal do empresário, um peão levou os pertences até um chalé gracioso, à direita do jardim florido. Todos devidamente acomodados, envolveram-se numa conversa descontraída, num ambiente acolhedor, pelo menos até o sono dominar os hóspedes.

O nascer do dia proporcionou a Dalva uma visão deslumbrante. Da janela do chalé, com uma xícara de café entre as mãos, olhava pelo vidro o raiar do sol que, com raios parecendo espadas de fogo, perpassava as copas frondosas das árvores, espalhando-se pelos campos simetricamente aparados. Mais ao lado, a piscina, cujo azul límpido se refletia, tal um caleidoscópio, na parede branca da casa. Tudo parecia uma pintura em um quadro descomunal. Chamou os dois homens para compartilharem o espetáculo enquanto tomavam juntos o café da manhã. Realmente, a paisagem se mostrava impactante. Para Dalva, aquilo era um sonho. O menino só lhes trouxera coisas boas. Foi despertada do devaneio ao ouvir vozes e risos vindos da grande varanda. Deixaram o chalé para irem ao encontro dos demais.

Já na orla da piscina, acomodados em cadeiras e mesas, as bebidas e os petiscos começaram a ser servidos entre agradáveis conversas e sorrisos descontraídos. Protegido por um guarda-sol, em companhia da esposa e de um casal de filhos, Ricardo Querepuche, o presidente das **Indústrias Rique**, levantou-se e pediu a atenção de todos.



— Esta reunião festiva e de descontração tem o intuito de nos conhecermos melhor, trocar ideias saudáveis, enfim, convivermos, já que nos dedicamos ao mesmo propósito. O propósito de tornar cada vez melhor, em todos os sentidos, a nossa empresa. Mas trago também um momento de reconhecimento, em razão do zelo e da competência. Falo do jovem Rionaldo, que tem demonstrado tantas qualidades nas funções que desempenha na empresa e, por isso, merece ser promovido ao cargo de diretor de Controle e Produtividade. Parabéns, jovem! O reconhecimento é de todo o conselho gestor — discursou Ricardo, de maneira informal, indo ao encontro de Rionaldo e abraçando-o. — Vamos continuar a nos divertir; estamos todos em casa — prosseguiu, finalizando.

Diante de abraços, sorrisos, palmas e tapinhas nas costas, o convívio teve sequência animada. Cândido e Dalva eram só alegria, ainda que mal disfarçassem uma lágrima no canto dos olhos. A manhã seguiu fluindo nesse clima, até que, por volta das onze e trinta, o presidente Ricardo resolveu dar um mergulho na piscina. Parou à sua beirada e, com um gesto lento, retirou o roupão que vestira para se proteger do sol brabo. Para a sua idade, até que tinha um corpo bem conservado, com músculos ainda bem distribuídos. Ergueu os braços em posição de mergulho, e Dalva mudou de cor, ficando completamente paralisada. De boca aberta e lívida, com o coração batendo a mil, vislumbrou, pasma, o sinal que Ricardo possuía embaixo do braço esquerdo, muito próximo da axila. Meu Deus! Não podia ser; era enorme a coincidência! Sentiu-se mal, teve uma súbita vertigem, quase desabando no deque da piscina, não fosse a ação rápida de Cândido em ampará-la e colocá-la de volta numa cadeira. O socorro veio ligeiro e prestimoso por parte dos empregados e das pessoas que estavam mais perto, com toalhas molhadas e água gelada, conduzindo-a para um lugar à sombra. Comentários espocaram entre os presentes: o excesso de sol, o calor, a emoção... Mas Dalva sabia muito bem que o susto e uma agulhada de medo a haviam confrangido, comprimindo-lhe o coração de mãe. Não conseguiu mais se apaziguar e, pedindo desculpas, retirou-se para o chalé. Cândido, preocupado e também tenso, pois igualmente notara o sinal que Ricardo trazia, acompanhou-a.

No chalé, ambos pálidos, perguntavam-se: seria possível? A vida lhes aprontava essa peça? Mal conseguiam dialogar; as palavras restavam engolidas. Frente a frente, o olhar de desespero denunciava o profundo ferimento. Dalva, disposta a não revelar o segredo e, num último gesto de resistência, pediu a Cândido que voltasse à piscina e convencesse o filho a não tirar a camiseta, com a desculpa do sol forte.

Era tarde...

Rionaldo já havia mergulhado e estava sem camisa, naturalmente. Cândido sentiu percorrer seu corpo a gélida mão da impotência e, estático, sucumbiu à evidência. Viu Ricardo perder os sentidos e desabar sob o guarda-sol em que se abrigava da canícula, enquanto empregados e hóspedes corriam para socorrê-lo. Todos permaneciam incrédulos diante daquele cenário inusitado, olhando para os quatro personagens ao redor de Ricardo Querepuche, sem saber o que fazer. Madalena, sua esposa, de pé ao lado do marido, apertava a cabeça com as mãos. Os filhos e Rionaldo se entreolhavam, incapazes



de compreender o que acontecia. A marca indelével, de nascença, igualzinha àquela que Ricardo trazia sob o braço, estava ali, escancarada, presente em todos, severamente desenhada: uma mancha mais escura, em formato de uma lua em quarto crescente.

Todos compreenderam a revelação, constatando que o círculo da vida mostra-se inexorável.

O pôr do sol no horizonte foi, lentamente, escondendo o dia.



**Raul Schaefer Filho** é formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis. Participou de diversas antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos, desenvolvendo uma produção marcada pela observação sensível da paisagem, da memória e das experiências humanas.

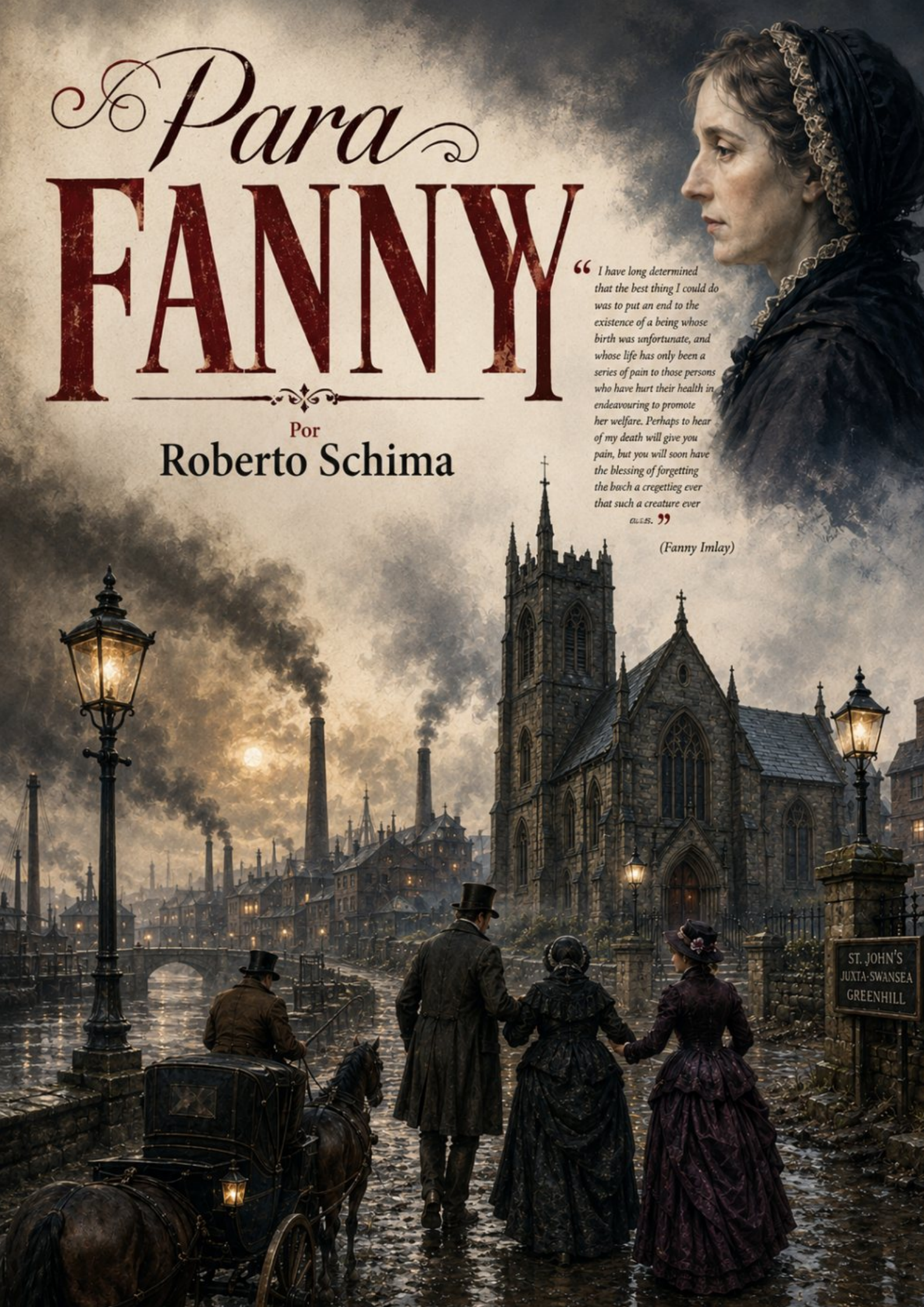


# Para FANNY

Por  
Roberto Schima

“ I have long determined that the best thing I could do was to put an end to the existence of a being whose birth was unfortunate, and whose life has only been a series of pain to those persons who have hurt their health in endeavouring to promote her welfare. Perhaps to hear of my death will give you pain, but you will soon have the blessing of forgetting the woe a creature ever that such a creature ever  
G. S. ”

(Fanny Imlay)





*I have long determined that the best thing I could do was to put an end to the existence of a being whose birth was unfortunate, and whose life has only been a series of pain to those persons who have hurt their health in endeavouring to promote her welfare. Perhaps to hear of my death will give you pain, but you will soon have the blessing of forgetting that such a creature ever existed as.*<sup>5</sup>

(Fanny Imlay)

Fanny.

Swansea.

High Street.

País de Gales.

*Pauper's grave.*

Mackworth Arms Inn.

St John's-juxta-Swansea.

E a "Dama de Wind Street"...

As rodas de madeira e os cascos dos cavalos lançavam porções de barro na estrada lamacenta. Os animais bufavam, cansados, enquanto o chicote estalava.

— Vamos! — gritou o cocheiro, igualmente exausto. — Iááá!

Como não podia deixar de ser, o ar estava frio e úmido. O céu de final de tarde vestia seus pesados trajes de um outono perpétuo. Havia o odor de terra molhada, fuligem, madeira velha, maresia e algo mais. Não tardaria para o nevoeiro surgir rasteiro sobre o mar, invadir a terra, fundir-se à outra névoa e evocar histórias sombrias ou memórias distantes, a medida que os bicos de gás fossem acesos.

E as lembranças... Ah, sim, as lembranças! Elas vinham e iam sem serem convidadas. Impetuosas. Atrevidas. Acusadoras. Eram tão inevitáveis quanto as marés, as ondas ou o som da rebentação mais além. Também se assemelhavam ao sacolejar tormentoso da carruagem que fazia as costas doerem e seu estômago revirar. Vinham e iam. Vinham e iam. Vinham e iam...

*Ariel.*

O oceano.

As águas escuras.

Um misto de amor e ódio.

Vozes chamaram de justiça poética.

Ela rotulou de solidão, desespero e escuridão.

A mulher de meia-idade, constituição franzina, rosto pálido, cabelos grisalhos ocultos sob a touca, sentiu o tumulto de suas emoções. Represara as memórias por tantos anos que, agora, temia arrebentar as comportas, assim como fizera o clima implacável daquela época, lá atrás no corredor do tempo: frio impiedoso, chuva inclemente, lamaçal, granizo, colheitas perdidas, fome, angústia, epidemias e mortes. "O Ano Sem Verão". Ela, imersa em uma bolha abastada na Suíça, fora poupada da crise, envolta por ideais

<sup>5</sup> "Há muito tempo decidi que a melhor coisa que eu poderia fazer era pôr fim à existência de um ser cujo nascimento foi infeliz e cuja vida tem sido apenas uma série de sofrimentos para aqueles que prejudicaram a própria saúde tentando promover seu bem-estar. Talvez a notícia da minha morte lhe cause dor, mas logo você terá a bênção de esquecer que tal criatura sequer existiu."



românticos. No máximo, as tenebrosas tempestades impediram seu grupo de fazer caminhadas e velejar no Lago Genebra. Que lástima! Não, não sentira as privações dos desgraçados. Alimentos, bebidas e ópio não faltaram. Recordou-se dos relâmpagos e trovões do outro lado da janela na Villa Diodati, as conversas lúgubres de Polidori sobre o princípio da vida, a descrição dos horripilantes experimentos de Aldini, o pesadelo tido de madrugada, a visão aterradora da Criatura sem nome no assoalho, e o seu arfar ao despertar para a vida. E, enquanto compunha a sua história de horror, viera a notícia da tragédia: a meia-irmã... A mulher fungou.

— Frances... — murmurou quando a carruagem estacionou diante da igreja. — Oh, Fanny...

Sentados a sua frente, o filho e a nora trocaram olhares preocupados.

— Está bem, Sra. Shelley? — indagou a jovem, antecipando-se ao marido.

Mary Wollstonecraft Shelley, semblante misto de melancolia, dúvida e remorso, piscou sobressaltada.

— Hein? Oh, sim, Jane, estou bem — mentiu. — São as recordações... Coisas de velha.

De que adiantaria traduzir em palavras as angústias de sua alma? Fizera-o em abundância nas entrelinhas de sua obra mais famosa, mas — Deus bem o sabia — o quão fora insuficiente!

O casal conservador, por volta dos trinta anos, imerso na calmaria da alta burguesia, crescera sem conhecer os escândalos, a rebeldia, as privações, o sofrimento, o escrutínio da sociedade, as excitantes aventuras e as trágicas consequências. Viviam no aconchego de uma casa confortável, dedicados aos passeios de barco ou às monótonas peças de teatro. Uma vida tão diferente da que a matriarca levava quanto a água destilada se distinguia do vinho tinto.

"Ou Fanny de mim", refletiu Mary num suspiro. Nunca a idade pesou tanto.

— Estou bem — repetiu. Respirou fundo: — Vamos!

O cocheiro, atento à inércia pavorosa de Percy Florence Shelley, o filho, ajudou-a a descer. Fazia tempo que a saúde da mulher oscilava. Ora queixava-se de fortes dores de cabeça; ora de uma paralisia no braço que a impedia de escrever. Segundo ela mesma costumava brincar, já nascera doente. Na verdade, era um comentário agridoce, pois todos sabiam que sua mãe — de quem herdara o nome — falecera poucos dias após seu parto, deixando-a com um vazio permanente não só pela ausência de afeto materno, como pelo sentimento de culpa por sua morte. Para arrematar, a presença de William Godwin, um pai frio e distante que, no íntimo, devia responsabilizá-la pela perda da única criatura que alguma vez amara. "Será? Ele era tão gelado quanto este clima maldito!", refletiu com azedume, saudosa do ar mediterrâneo da Itália. Perguntou-se pela milionésima vez se, algum dia, o pai, fora capaz de se afeiçoar a alguém além do próprio umbigo. Havia algo de doentio por trás do pedantismo filosófico daquele homem, e da presunção de que a sociedade tinha por obrigação sustentar a sua genialidade. "Afff!", pensou Mary, ao se afastar da carruagem e afundar os sapatos na lama pegajosa.

— Cuidado, Sra. Shelley — advertiu a nora, amparando-a de um lado, enquanto gesticulava para o marido fazer o mesmo do outro. — As pedras estão escorregadias.



Jane procurou a custo disfarçar a repulsa por pisar no chão imundo, inspirar o ar contaminado e sentir o fedor sulfuroso daquela cidadezinha estrangeira. O que faziam ali? Não fosse por sua admiração à sogra e idolatria pela memória do sogro, jamais teria se submetido à viagem de trezentos e vinte quilômetros desde a casa em Chester Square, Londres, até Swansea, costa sul do País de Gales. Dois dias inteiros por estradas esburacadas, estalagens asquerosas e o risco de serem atacados por salteadores. Haveria um hotel decente para passarem a noite? Melhor que fossem para outro lugar, Bristol ou Bath, longe daquele cheiro infernal. E quanto ao retorno... "Oh, céus, ainda teremos a volta!" Sentiu as narinas e a garganta arderem. Tossiu, lançando um olhar feroz de censura ao marido.

Sim, havia uma fedentina perpétua em Swansea, também conhecida como Copperopolis — a Cidade do Cobre —, devido às fundições. E também à fuligem do carvão. Eram tão ou mais perniciosas que as descargas contínuas das chaminés londrinas em plena Revolução Industrial.

"É o fim do mundo!", pensou Jane, contrafeita.

\*\*\*

A Igreja St. John's-juxta-Swansea erguia-se soturna diante deles na região de Greenhill. Tratava-se de uma estrutura gótica sem luxo, austera, de pedras de arenito, erguida havia pouco mais de duas décadas sob os escombros da antiga capela medieval. Fora necessária sua ampliação a fim de acomodar o maior número de fiéis, operários das fundições em sua maioria, e para atender aos necessitados à medida em que a cidade crescia devido à indústria do cobre. Se o progresso acelerara o desenvolvimento, também trouxera todos os inconvenientes dos centros urbanos. Os distúrbios sociais cresceram devido à massa de imigrantes, principalmente irlandeses. Viera a poluição das fundições — dezesseis no total —, o ar impregnado de dióxido de enxofre, flúor e arsênico; a chamada *Copper Smoke*, a fumaça de cobre.

Jane levou o lenço de seda perfumado junto ao nariz. Procurou manter a compostura, mas, por dentro, esbravejava contra a apatia Percy por ter se dobrado à vontade da mãe. Tossiu outra vez, e outra, e mais outra.

— Está bem, Jane? — foi a vez de Mary indagar.

— Ah, sim, Sra. Shelley, é só um pigarro...

"Cidade maldita! O que fazemos aqui?"

No entanto, Swansea não fora sempre assim. A região já abrigara uma bela comunidade portuária e rural com florestas e pastos ao redor. Os mais velhos se recordavam dos bons tempos e lastimavam a perda do sossego entre um trago e outro de *whisky* galês. Tinham saudade do odor de algas secas, peixe fresco, feno, sidra e terra molhada. Então, conforme as minas proliferaram, os rebanhos minguaram, a vegetação morrera devido à fumaça, e a pesca desaparecera ou fora contaminada pelos despejos. Sobraram os vales despídos e enegrecidos, os montes de escória, os cortiços, as tavernas, os prostíbulos, o fluxo constante de dejetos para o rio Tawe, e a ruidosa manada de gente baderneira a exalar suor azedo, carvão e álcool.



A mulher mirrada, esquecida do desconforto da nora e da indolência do filho, desvencilhou-se de ambos.

— Crianças, deixem-me a sós por um momento — pediu.

— Mas, mamãe... — tentou protestar Percy Florence.

— Sra. Shelley, tem certeza? — indagou a nora.

— Sim, tenho sim. Não me demorarei.

Jane deu de ombros, contrafeita.

Então, em passos vacilantes, Mary tomou à frente e caminhou pelo pátio da igreja, cuja porta principal encontrava-se fechada. Dirigiu-se à lateral direita onde a terra fora revolvida, comprimida e nivelada. Sobras de material de construção se avolumavam próximas das árvores. Apesar da touca, algumas mechas rebeldes esvoaçaram ao vento. Ela não era imune ao desconforto da fumaça, do frio, da umidade e, algo mais lhe dizia, das exalações de milhares de corpos enterrados por gerações no cemitério paroquial adjacente. Devido à reforma, ela supôs que boa parte do mesmo fora soterrado e coberto pela atual estrutura da igreja, do átrio, do jardim, das cercas-vivas, dos arbustos, do caminho pavimentado ou sob uma pilha de entulhos.

"Onde?", perguntou-se, observando os arredores. "Onde você está, Fanny?"

Não havia resposta entre as lápides sujas, algumas bastante antigas.

Sentiu os olhos umedecerem, e o remorso corroer sua alma.

Nada restara dela: nem lápide, epitáfio ou memória.

Não existia sequer uma pintura de seu rosto.

"Quase não lembro de suas feições!"

\*\*\*

Três décadas atrás, Fanny Imlay, aos 22 anos, empreendera viagem até o País de Gales e, naquela cidade portuária, cometera suicídio por ingestão de láudano.

Em sua edição de 11 de outubro de 1816, o semanário da região, *The Cambrian*, anunciara:

"Uma descoberta melancólica foi feita em Swansea ontem: uma mulher de aparência muito respeitável chegou ao Mackworth Arms na noite de quarta-feira na diligência do Cambrian vinda de Bristol: ela tomou chá e se retirou para descansar, dizendo à camareira que estava extremamente fatigada e que cuidaria da vela sozinha. Muita agitação foi criada na casa por seu não comparecimento na manhã de ontem, e ao arrombarem a porta de seu quarto, encontraram um cadáver com os restos de um frasco de láudano sobre a mesa e um bilhete (...) O nome parece ter sido arrancado e queimado, mas suas meias estão marcadas com a letra 'G' e em seu espartilho as letras MW são visíveis. Ela estava vestida com uma saia listrada azul com um corpete branco e uma pelice marrom com um acabamento de pele de cor mais clara, forrada com seda branca e um chapéu do mesmo material. Ela tinha um pequeno relógio de ouro francês e aparentava ter cerca de 23 anos, com longos cabelos castanhos, tez morena e carregava uma pequena bolsa contendo um lenço de bolso de seda vermelha, um colar de framboesa e uma pequena carteira de couro com fecho, contendo três xelins, cinco



xelins e seis pence. Ela contou a um companheiro de viagem que viera de Bath pelo correio, vindo de Londres na manhã de terça-feira, de onde seguiu para Bristol e de lá para Swansea na diligência Cambrian. Esperamos que a descrição que demos desta infeliz catástrofe leve à descoberta da pessoa que encerrou prematuramente sua existência."

Como Mary poderia adivinhar a extensão da angústia dela?

"Eu devia ter sabido... Eu sabia! Entretanto, nada fiz..."

Naquela ocasião, Mary vivia em um mundo à parte.

Devastadoramente apaixonada pelo poeta Percy Bysshe Shelley, a então Mary Woolstonecraft Godwin tonara-se cega e surda a tudo o mais: às aflições de Fanny, ao fato de Percy ser casado, à reação virulenta de Godwin ao romance, aos insultos da madrasta, Mary Jane, às censuras veladas dos irmãos — exceto Claire Clairmont, igualmente fascinada pelo aristocrata a ponto de insistir em acompanhar os dois na fuga para a França. Fanny, no entanto, submissa, retraída e melancólica — embora também cheia de ternura pelo poeta —, ficara para trás. Suportara à fúria do padrasto, o desprezo da madrasta, a servidão a qual era submetida, a desconsideração enquanto parte da família, o sentimento de inferioridade. Juntamente com a futura autora de *Frankenstein*, Fanny era a filha da radical feminista Mary Wollstonecraft. Seu pai, Gilbert Imlay, fora um aventureiro americano que traíra a mãe e não quisera saber da filha ilegítima. Depois de duas tentativas fracassadas de suicídio<sup>6</sup>, Mary Wollstonecraft relacionara-se com William Godwin, e, após tornar a engravidar, com ele contraíra matrimônio. Infelizmente, morreria onze dias após o parto de Mary. Alguns anos mais tarde, Godwin casara-se novamente, desta feita com a vizinha, Mary Jane, a qual trouxera seus próprio filhos na bagagem: Claire e Charles. Para completar, Mary Jane e Godwin tiveram um filho, William. Daquela família numerosa e atípica, Fanny era a única que não possuía laços de sangue com os pais. Seu único parentesco de fato era com a meia-irmã, Mary. Todavia, Mary a abandonara. De acordo com Fanny, o ambiente tenso na casa de Godwin era de "miséria e discórdia". Ela se tornara o alvo predileto onde todas as frustrações eram descarregadas. E mesmo quando, por diversas vezes, apelara para juntar-se a Mary, Percy e Claire, fora rejeitada. Presa em sua solidão e sofrimento, sem vislumbrar um futuro, frágil, sob o estigma da ilegitimidade e se sentindo um fardo financeiro, Fanny viajara para o vizinho País de Gales e dera fim à vida. Godwin, fiel a sua falta de empatia e egocentrismo, preocupado com os efeitos do escândalo à própria reputação, fizera de tudo para encobri-lo, a ponto de proibir Mary de ir ao cemitério, obrigando-a a espalhar o boato de que a meia-irmã viajara. Fanny terminara sepultada em uma vala coletiva, sem lápide, sem epitáfio, sem identificação, sem cerimônia, sem flores, sem luto, como uma desconhecida qualquer, uma pária.

"Ah, como odiei meu pai!", pensou a mulher franzina. "Ou melhor, o honorável Sr. Godwin, já que o desgraçado desaprovava qualquer manifestação sentimental, julgando a

<sup>6</sup> Há um presságio sinistro nessas tentativas: a primeira foi através do **láudano**; a segunda, por **afogamento**. Pois essas foram exatamente as maneiras pelas quais Fanny Imlay e Harriet Shelley se matariam respectivamente, em 1816, com um intervalo de dois meses. (RS)



emoção um sinal de fraqueza... Ora, ao diabo a sua razão sem razão! O que teria pensado minha mãe de seu gesto asqueroso?"

Uma fisgada de dor mais forte atravessou o cérebro da mulher. Levou ambas as mãos às têmporas, gemeu e sentiu os olhos lacrimejarem. Ela sabia não ser apenas pela poluição. Desde cedo a sua saúde fora precária. Mas, de alguns anos para cá, o mal germinara dentro dela, roubando-lhe a disposição, a clareza, a firmeza das mãos, turvando-lhe a visão. E ele crescia, esparramando suas raízes e ramos. Sim, ela sabia: estava morrendo. Porém, antes da fatídica hora, prometera a si mesma que estaria ali em Swansea. Redenção? Não, não por ela, mas pela memória de Frances Imlay. Ao menos, era no que acreditava. Pôs-se a vasculhar o terreno da igreja, o cemitério, o jardim, procurando adivinhar onde estaria a vala. Não havia qualquer indicação como tampouco existira trinta anos atrás. "O escândalo, precisamos evitar o escândalo a todo custo!", gritara Godwin do alto de seu pedestal. E Mary obedecera, inclusive ao engolir o próprio luto e adotar a farsa fria de que Fanny migrara para a Irlanda.

A justiça inglesa considerava o suicida um criminoso contra si mesmo — *felo de se* —, passível de confisco dos bens pela Coroa, enterro desonroso em uma encruzilhada e até ter o corpo trespassado por uma estaca. Barbarismo e antigas superstições se mesclavam em tal costume fortemente ligado ao folclore dos vampiros. Como o morto cometera um pecado contra a vida, acreditava-se que sua alma vagaria sem descanso sobre a terra. A estaca cuidaria de prendê-lo, impedindo-o de se levantar. Quanto à encruzilhada, serviria para confundir o espírito e, assim, impossibilitá-lo de retornar para casa e atormentar os vivos. Os fantasmas sempre assombraram a velha Inglaterra de Coração de Leão, em especial o fantasma da ignorância. De resto, o suicídio não deixava de ser um bom negócio para a Coroa, a qual se beneficiava dos bens do falecido.

No caso de Fanny, ao menos ser sepultada como desconhecida poupava seu corpo de tamanho ultraje, mesmo porque não possuía bem algum. Seu maior tesouro fora ela própria, uma alma pura, singela, retraída e traída, incapaz de fazer mal a uma mosca, explorada e menosprezada por todos. "Até por mim...", lamentou-se Mary Shelley. "Eu devia ter sabido... Eu sabia! Mas nada fiz...", repetiu para si. "Oh, Deus, o monstro sussurrava em meus ouvidos: Fanny é tola! Ela baixa demais a cabeça! Quer se unir a nós? De jeito nenhum! Será um estorvo ou agirá como espiã de meu pai. Sim, o monstro urrava em meus ouvidos! Até eu ter coragem o suficiente para admitir: o monstro... era eu! Oh, céus, Fanny... Perdoe-me!"

A folhagem das árvores e arbustos farfalharam, porém, era só o vento.

\*\*\*

Fora da vista do casal, a mulher grisalha sentiu os joelhos fraquejarem. Estava prestes a cair quando mãos fortes a seguraram. Ouviu a voz caridosa:

— Está bem, minha filha?

Surpresa, Mary ergueu lentamente a cabeça. Procurou sem sucesso ignorar a dor e a tontura, enquanto focava a vista naquele rosto gentil. Era um padre. Apesar de tê-la chamado de filha, devia ter a metade da sua idade, juventude a qual procurava disfarçar através de uma barba rala. Choque somou-se a surpresa ante a familiaridade daqueles



olhos. "Não é possível!" Mas era. Não fosse pela barba, o clérigo bem poderia ser uma cópia de seu falecido esposo, Percy Shelley. "Elf!" Como? Seria alguma piada do destino, ou melhor, de Deus ante o vigoroso ateísmo do poeta? Estaria ela delirando?

— Está bem? — repetiu ele, preocupado, alheio ao turbilhão que se apossara da viúva. Ergueu-a cuidadosamente, apresentando-se. — Sou o padre Jones.

"Jones?" De algum modo, aquilo pareceu correto a Mary. Esforçou-se por responder.

— E-eu estou bem, padre. Só fraqueza da viagem. Eu vim de muito longe...

— Pelo seu sotaque, imagino ser de Londres. Como se chama?

A escritora hesitou. Os tumultos do passado retornaram à mente. "Quem sou eu? Ora, sou aquela a quem a sociedade inglesa relegou ao ostracismo! Sou a filha de Mary Wollstonecraft e amante de Percy Shelley! Sim, ele mesmo!" Afinal, Percy não fora expulso de Oxford por causa de seu manifesto, *A Necessidade do Ateísmo*? Ela não perdera a vingindade para ele — um homem casado e pai de família — diante do túmulo da mãe? E não fugiram depois para a Europa, o que levava Harriet, a esposa, a cometer suicídio, atirando-se nas águas escuras do Lago Serpentine? Percy não fora derrotado no processo pela guarda dos filhos ao ser considerado moralmente inapto? Ele não vivia a fugir de credores e sob ameaça constante de prisão? Mary não fora a autora do romance *Frankenstein: or, The Modern Prometheus*, uma história na qual um ser humano fora criado na ausência de Deus? Sendo adepto do amor livre, Percy não oferecera Mary a Hogg, seu melhor amigo? E quanto a ligação dela e Percy com Lord Byron, notório devasso, acusado de engravidar a própria irmã? Por falar em irmã, não teria ela, Mary, contribuído para o suicídio de Fanny ao fazer pouco dela, ignorar suas carências, largando-a no ambiente tóxico de Godwin e Mary Jane? "Quem sou eu?" Na juventude, nenhum questionamento partiria dela em relação a essas coisas, a menos que fosse para defendê-las face ao radicalismo herdado dos pais e — Por que não? — até uma certa frieza e empáfia adquirida do convívio com Godwin. Afinal, fora educada para ser a sucessora de sua mãe, Mary Wollstonecraft, já que Fanny, embora compartilhasse o mesmo gene materno, não possuía a impetuosidade e predisposição literária de ambas as Marys. O favoritismo de Godwin se mostrara bastante claro nesse sentido, além do que, Mary Godwin era sua filha de fato, enquanto a outra... Tal fora a sua consideração:

*"Minha própria filha (Mary) é consideravelmente superior em capacidade à que sua mãe teve antes. Fanny, a mais velha, é de temperamento quieto, modesto e discreto, um tanto dada à indolência, que é seu maior defeito, mas sóbria, observadora, peculiarmente clara e distinta na faculdade de memória, e disposta a exercitar seus próprios pensamentos e seguir seu próprio julgamento. Mary, minha filha, é o oposto dela em muitos aspectos. Ela é singularmente ousada, um tanto imperiosa e ativa de espírito. Seu desejo por conhecimento é grande, e sua perseverança em tudo o que empreende é quase invencível. Minha própria filha é, eu acredito, muito bonita; Fanny não é de forma alguma bonita, mas em geral é atraente."*

Por três vezes ressaltara não ser Fanny a sua filha, e como tal fora tratada. Desde cedo, apontara Fanny como sendo inferior à irmã. Desde o princípio, Mary fora habituada a agir como a favorita, beneficiar-se disso e debochar da irmã mais velha.



"Justine Moritz... Oh, Fanny, você foi a minha Justine!", pensou, lembrando uma personagem do romance, injustamente acusada de homicídio — de William! — e condenada, enquanto o verdadeiro responsável, Victor Frankenstein, consumia-se na covardia, remorso e autopiedade, sem se manifestar publicamente em defesa da jovem.

*"Agora não tenho mais medo de morrer", disse ela; "essa dor já passou. Deus eleva minha fraqueza e me dá coragem para suportar o pior. Deixo um mundo triste e amargo; e se você se lembra de mim e pensa em mim como alguém injustamente condenada, estou resignada ao destino que me aguarda. Aprenda comigo, querida senhora, a submeter-se com paciência à vontade do Céu!"<sup>7</sup>*

Assim, Justine fora enforcada por um crime que não cometera: inocente, íntegra e pura.

Dando prosseguimento à lista de escândalos, e quanto a Elena Adelaide, o bebê italiano a quem Percy registrara com seu sobrenome, mas cuja origem se vira cercada de mistério, e viria morrer prematuramente em mãos estranhas? E Edward Williams e Charles Vivian, os dois homens que morreram com Percy no naufrágio do *Ariel* por causa da tempestade que ele sabia que viria? E os três filhos — Clara, William e Clara Everina — que ela própria perdera, sem mencionar o aborto que quase a matara? Todavia, agora, calejada pela vida, pelo escrutínio da sociedade, pelas diversas tragédias e com uma melhor compreensão das falhas morais do pai, do marido, de si mesma, ali na igreja e diante do padre, sentiu-se embaraçada e vacilante. "Quem sou eu?... Sou Pecksie!" Respirou fundo e, enfim, respondeu, quebrando o silêncio:

— Sou Mary Shelley.

Um ligeiro tremor tomou conta de padre Jones. Os olhos do sacerdote se arregalaram, sobranceiras arqueadas. Se houve algum pensamento recriminador, não deixou transparecer, embora os segundos seguintes se prolongassem por uma eternidade. Em vez disso, fitou-a de modo terno e, como se o nome dela explicasse tudo e um pouco mais, disse apenas:

— Eu compreendo.

Aliviada, mas não tranquila, a mulher mirrada assentiu em agradecimento. Só não esperava para aquilo que o padre Jones indagaria a seguir:

— A senhora gostaria de se confessar?

— Confessar?!

— Pressinto que necessite disso.

Surpresa, Mary Shelley o encarou.

Seria alguma espécie mórbida de piada?

Mas não viu sinal de humor da parte dele.

— Não sei se Deus estaria disposto a me ouvir.

— Deus sempre tem ouvidos, minha filha. A dificuldade reside nos fiéis em querer escutá-Lo.

— É preciso?

Padre Jones suspirou.

<sup>7</sup> *Frankenstein: or, The Modern Prometheus*, Capítulo VIII, 1831.



— Esta é uma igreja anglicana, embora tenha acrescido algo da liturgia católica há pouco tempo. No entanto, a confissão obrigatória não foi uma delas. Não, não é preciso. Consideramo-la uma necessidade do espírito, não uma imposição. O arbítrio é seu se desejar ou não. A nossa comunidade irlandesa — católicos fervorosos — se confessa regularmente. Aparenta fazer bem a eles... E eles têm tanto para ser perdoado!

Mary Wollstonecraft Shelley ponderou. Confissão? Sua "confissão" surgira após as mortes de Fanny e Harriet, enquanto escrevia o romance *Frankenstein: ou, o Prometeu Moderno*. Para quem soubesse ler nas entrelinhas, estava tudo ali: suas angústias, remorsos, acusações, solidão, raiva e considerações. A culpa pela perda da mãe, o sentimento de abandono do pai e o modo pelo qual ele parasitava Percy financeiramente; o narcisismo, a irresponsabilidade, a covardia, a crueldade, a negligência, a imaturidade e a hipocrisia do amante retratados na figura de Victor Frankenstein. Ambos, poeta e cientista, nutriam o amor abstrato pela humanidade, enquanto na prática arruinavam as pessoas de carne e osso ao redor. E contudo, apesar de todas as traições e falhas morais do aristocrata, ela o amara: o poeta, o radical, o idealista selvagem, o intelectual, a figura angelical que, no decorrer dos anos, Mary dele procurara transformar, embora reconhecesse: Satanás também fora um anjo! E, claro, havia ela própria, projetada na Criatura composta por diferentes partes, deixada à própria sorte, temerosa, excluída do convívio público, incompreendida, ansiosa por aceitação e afeto, rebelde, revoltada, vingativa e tomada de pesar por seus atos. Ela era um Adão carente do amor de seu Criador.

*"Did I request thee, Maker, from my clay  
To mould me man? Did I solicit thee  
From darkness to promote me?"<sup>8</sup>*

Por fim, falou:

- Está bem padre, vou confessar. Só vou avisar meu filho e nora.
- Sem pressa. Afinal, a senhora esperou uma vida inteira por isso.
- Eu...
- Cuidado com o piso escorregadio!

\*\*\*

Ao retornar, Mary foi introduzida no interior da igreja através de uma porta lateral. A nave estava um gelo, silenciosa e imensa. O ruído dos passos foi amplificado e reverberou por toda a estrutura neogótica, nas galerias internas, nas paredes rústicas e robustas de alvenaria, nas janelas altas com arcos ogivais, nas colunas sólidas, mas sem ornamentos. No nicho destinado ao confessionário, embaraçada, ela admitiu:

— Padre, não tenho a menor ideia por onde começar. As formalidades...

Do outro lado da tela, veio a voz do clérigo:

— Os ritos são invenções dos homens a fim de satisfazer a necessidade de ordem e ilusão de controle. Apenas se acalme e diga o que a aflige. Haja como as águas da chuva a

<sup>8</sup> *Paradise Lost*, John Milton, 1667.



se despejarem de um céu cinzento. Siga o fluxo! Deixe fluir. Suas nuvens estão carregadas há muito tempo...

De alguma forma, a metáfora lírica do padre Jones tocou-a profundamente e, mais uma vez, fê-la pensar no poeta. Mary começou a chorar, barragem rompida. E, enquanto soluçava, extravasou tudo aquilo que, durante décadas, represara na alma. Falou, falou e falou. Contou sobre a mãe e o trauma de ser a responsável por sua morte. Mencionou o quanto idolatrava a memória dela através de seus escritos. Maldisse a respeito de Mary Jane, do quanto era detestável. Relatou suas idas frequentes à igreja de St. Pancras, onde a mãe casara e fora sepultada, onde encontrava alento, inspiração e conexão com o espírito dela. Mencionou o distanciamento do pai, o qual sempre tomava o partido da esposa. Adolescente, Mary conhecera o aristocrata, culto e poeta Percy Bysshe Shelley, o qual encarnava tanto os ideais de Mary Wollstonecraft quanto de William Godwin. Apaixonara-se perdidamente por ele. Por seu turno, dada a sua natureza volúvel, Percy também se sentira atraído por ela. Fugiram para o continente a fim de viverem uma aventura romântica. E, tal qual a mãe, Mary também se tornara uma "mulher caída" ao engravidar, embora a filha prematura, Clara, não vivesse muito tempo. Percy odiava o pai, Sir Timothy, e seu conservadorismo, cujo sentimento era recíproco, todavia, não rejeitava a mesada, pelo contrário, vivia a fazer dívidas por conta de uma herança futura a fim de sustentar seus caprichos. Entre suas amantes ou musas, havia a irmã de criação de Mary, Claire. Então, enquanto estavam na Itália, ele se apaixonara pela mulher de Edward Williams, a quem dedicava poemas. Nessa altura, Mary, se isolara dentro de si, tomada pela depressão devido a morte dos filhos William e Clara Everina, e sujeita à incompreensão de Percy em relação a sua dor. Tardamente, ela percebera estar reprisando o papel da falecida Harriet segundo o *modus operandi* do poeta.

— Creio que, se Percy não tivesse morrido no naufrágio — confidenciou —, ele, que foi meu Elf, acabaria por abandonar a mim, que fui sua Pecksie, pela amante, assim como o fizera com a primeira esposa por minha causa. E, talvez, meu destino terminasse tão sombrio quanto o dela. Mas presumo ter sido punida o suficiente pelos meus pecados... E, talvez, ter vivido até agora faça parte disso.

— De maneira nenhuma! A vida é uma dádiva preciosa dada por Deus.

Ocultas nas sombras, ela esboçou um meio sorriso. Num lampejo, recordou-se da aversão de Percy por Deus e pela Igreja, fosse anglicana ou católica. O que diria ele se a visse agora? O quealaria perante seu único filho sobrevivente, Percy Florence Shelley, o qual ela criara e educara para ser justamente o oposto do pai, e tornar-se tudo aquilo que ele mais detestava? A vida era sagrada? Um resquício contestador de sua personalidade cogitou de perguntar ao padre Jones sobre o porquê, então, de Deus ter tomado a vida dos filhos ainda crianças e do marido aos vinte e nove anos, porém, não o fez. Não tanto pelo receio de ofender o sacerdote, mas por saber que os religiosos sempre guardavam uma resposta pronta na manga, e isso a irritava. Afinal, tiveram milhares de anos de experiência.

— O que sei, padre — E Deus há de me perdoar por isso! — é que, no final das contas, a morte de meu marido, por mais dor que me causou, talvez tivesse sido o melhor para nós dois. Chocado? Oh, havíamos nos distanciado tanto! Ele a velejar na superfície, e eu nas profundezas escuras. Conforme citei, creio que ele teria me abandonado,



prosseguiria na sua vida errante e, enquanto poeta, terminaria na obscuridade — pois, em vida, nunca tivera sucesso —, lembrado mais pelos alvoroços que deixara. Por outro lado, após o naufrágio, emprenhei-me a organizar a bagunça de seus manuscritos. Juntei, transcrevi, editei, publiquei e divulguei de modo a redimir sua imagem. Suprimi o tom rebelde, os aspectos pecaminosos ou transgressivos, o ateísmo. Tornei Percy palatável para a sociedade ao custo da perda da amizade dos poucos admiradores de seu lado mais combativo. Hoje, meu esposo é reconhecido não como um revolucionário ou um imoral, mas como um dos imortais da literatura inglesa. Quanto a mim, fui poupada dos dissabores do abandono, do ressentimento, do completo desamparo e do repúdio que tal situação geraria. Também pude educar meu filho — o centro de meu universo a partir de então — e torná-lo um cavalheiro respeitável, herdeiro do baronato e das propriedades do avô.

— Entendo... E o que trouxe a senhora de tão longe até Swansea?

Essa era a questão mais profunda e dolorosa. Engoliu em seco.

— Foi por causa de minha irmã, padre Jones.

— Claire?

— Não... Fanny.

\*\*\*

Antes que nova pergunta se fizesse ouvir, Mary Shelley narrou as circunstâncias ao redor do suicídio de Fanny e seu vergonhoso funeral.

— Foi um dia miserável! Ela tinha somente vinte e dois anos.

Frances Imlay fora largada numa vala comum como uma qualquer. O responsável fora William Godwin, pai de Mary e padrasto de Fanny. Ele não queria ver manchada a parca e porca reputação da família — leia-se: dele mesmo — por mais esse episódio. Todavia, Mary também estivera envolvida. Contribuíra para a infelicidade da irmã. E, ao aceitar as imposições de Godwin, tornara-se cúmplice no acobertamento, espalhando a história de que Fanny se mudara para a Irlanda e, mais tarde, perecera de doença. Após a calamidade, Mary se arrependera por ter visto Fanny como uma acomodada, passiva demais, submissa, uma lesma morta. Fizera chacota dela pelas costas, sobre a qual Fanny escrevera: *"Compreendo, por meio da Mamãe, que sou o alvo de piadas de vocês — e o farol constante de sua sátira."* Mary e Percy não aceitaram os repetidos apelos para se juntar ao grupo. No entanto, existia uma questão mais íntima, guardada dentro de si: o rancor, a inveja e o ciúme de Mary em relação a Fanny por causa da mãe. Não era lógico, todavia, ressentia-se da irmã mais velha por ela ter convivido com Mary Wollstonecraft até os três anos, ter sido alvo de seu amor, citada com afeto nas cartas e diários: *"... Apeguei-me cada vez mais à minha filhinha — e aprecio esse afeto sem medo, porque deve levar muito tempo até que se torne amargura na alma..."*<sup>9</sup> Mary não tivera nada disso, só o vazio e a culpa. Então, preencheria o vácuo ao realçar o intelecto, a beleza e ocupar a preferência de Godwin, o qual não se fizera de rogado, comparando-as e mencionando Fanny desfavoravelmente. Numa carta escrita por Fanny a Mary dois meses antes de sua morte, dissera: *"Eu não estou bem; minha*

<sup>9</sup> *As Cartas de Amor de Mary Wollstonecraft para Gilbert Imlay*, editado por Roger Ingpen, 1908, carta de 03 de julho de 1795.



*mente sempre mantém meu corpo em febre; mas não se preocupe comigo".* Então, diante do isolamento, da sensação de ser um peso, dos abusos dos padrastos e da desesperança perante o futuro, fugira para Swansea, no País de Gales. *"Parto imediatamente para o lugar de onde espero nunca mais sair"*. Hospedara-se num hotel e, no quarto, ingerira uma dose letal de láudano.

Mary soluçou.

— Ela foi enterrada aqui na High Street, padre, nas dependências desta igreja.

— Quando foi isso?

— Trinta anos atrás, em 1816.

— 1816? Hum... Em 1816, não havia esta construção. Aqui não passava de uma capelinha medieval dos Cavaleiros Hospitalários. Segundo os registros, a igreja atual foi construída sobre a capela em 1824. Durante a expansão, parte do cemitério acabou tomado pela obra. Se ela foi enterrada junto aos indigentes... — Deixou a resposta no ar. — Infelizmente, não sei dizer onde ficava o local exato. Decerto, seria num canto isolado. Pode até ser que seus restos mortais estejam sob o pátio ou o pavimento do jardim.

— Imaginei isso — comentou, enquanto enxugava as lágrimas.

— Lamento não poder ajudá-la nesse particular, minha filha. Importa-se se rezarmos por ela?

Assim o fizeram.

Embora, a princípio, Mary lidasse com Deus de maneira cética, senão cínica, e após ficar com Percy, compartilhasse algum descaso sobre o Todo Poderoso, teve de admitir não ser de todo incrédula, caso contrário, não faria tantas referências ao nome de Deus em suas cartas, especialmente após a morte do marido. Afinal, como poderia não crer em Deus se brigava constantemente com ele? Não passaria o resto da vida lutando contra isso como inútil seria enfrentar o vento durante a tempestade.

Do outro lado da tela de madeira, padre Jones sorriu ante tais palavras.

— Imagino Nosso Senhor preferir um esbravejo ao silêncio absoluto. Algo mais?

— Não senhor, padre, penso que não.

— E arrepende-se dos seus pecados?

— Oh, sem dúvida, eu me arrependo!

— E acredita em Jesus, minha filha?

A mulher de meia-idade, já refeita, hesitou. Não era uma pessoa religiosa. Tateando, disse:

— Eu foco a minha atenção em Jesus, enquanto uma pessoa humanitária, cujos ensinamentos valorizavam a família, a caridade, o zelo pelos necessitados e o amor ao próximo. Não tenho sabedoria o suficiente em relação a aspectos mais profundos e dogmáticos.

— Compreendo... E entendo o esforço que representou essa transformação em relação aos rompantes da juventude. Pois bem, Sra. Mary Wollstonecraft Shelley, *"Nosso Senhor Jesus Cristo, que confiou à Sua Igreja o poder de absolver todos os pecadores que verdadeiramente se arrependem e creem n'Ele, em Sua grande misericórdia, perdoa-te as tuas ofensas; e pela autoridade que me foi confiada, eu te absolvo de todos os teus pecados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém"*.



Apesar de tudo o quanto pudesse divergir do padre Jones a respeito das Escrituras, fato foi que Mary Shelley sentiu um alívio imenso, como se uma carga pesada tivesse sido retirada de seus ombros. A dor de cabeça e o formigamento no braço até deram uma ligeira trégua.

Padre Jones a acompanhou para fora da igreja, deixando-a onde a encontrara.

— Ficaré muito tempo em Swansea? Onde está hospedada?

— Na verdade, acabamos de chegar.

— A melhor estalagem de Copperopolis é o Mackworth Arms, na Wind Street. É perto daqui.

O nome do estabelecimento fez a escritora congelar.

O sacerdote franziu o cenho.

— O que foi? Tudo bem?

Mary acenou afirmativamente com a cabeça. Encarou aqueles olhos, os olhos de Percy.

— Foi lá, padre... Foi lá! Fanny...

A compreensão o atingiu feito um raio.

— Oh, meu Deus! Eu não imaginei...

— Não se preocupe, padre. Aconteceu há muito tempo. O senhor sequer era nascido.

Despediram-se.

Mary Shelley ainda ficou algum tempo parada ao lado da igreja, pensativa, a mirar as lápides, os arbustos e as árvores. Era a seção do cemitério onde as pessoas respeitáveis encontraram o descanso eterno. "Porém, não Frances". Respirou fundo, especulou onde seus despojos estariam. Cabisbaixa, cerrou os olhos. "Perdoe-me, Fanny... Por tudo! Perdoe-me. Sei que é demais o que peço. De modo algum, você merecia isso. Sempre foi a mais bondosa, a mais íntegra, a mais compassiva e a mais solidária. Ajudou-me todas as vezes que precisei e, em retribuição, deixei-a para trás. Lamento muito, minha irmã. Desculpe-me! Possa a sua alma estar em paz entre os justos e na companhia de nossa mãe. Você a merece muito mais do que eu. Adeus... Ou até breve! Se assim me for permitido. Então, eu prometo, jamais a abandonarei".

Ao reencontrar o filho e a nora, cuja impaciência era tão palpável quanto a repulsa em relação à fétida *Copper Smoke* de Swansea, Mary falou para o cocheiro:

— Leve-nos ao Mackworth Arms!

— Sim, senhora.

— O quê?... — começou a protestar Jane, nariz enfiado no inseparável lenço de seda. — Pensei de voltarmos ainda hoje, Sra. Shelley! Ou, pelo menos, irmos para uma cidade menos... mais calma.

Evitou se referir a Swansea como "cidade maldita" na frente do cocheiro, um nativo do lugar.

— Bobagem! Estamos todos exaustos. Ademais, está escurecendo. E minha cabeça está a ponto de explodir. Amanhã cedo, levantaremos renovados para enfrentar a viagem de volta. Não é, Percy?

Percy Florence assentiu, embora buscasse em vão por aprovação no semblante da esposa.



Acomodada no interior forrado da carruagem, e cumprida a sua missão, a viúva de meia-idade deixou-se divagar. Refletiu sobre a trajetória de sua vida, os rostos que por ela passaram, os incontáveis episódios — bons, medíocres, ruins e *muito* ruins — e os países que conhecera. "*Mamma mia*, tantas vidas dentro de uma vida!", pensou. "Vidas demais..." Inevitavelmente, viu-se de volta à Itália, onde jaziam William, Clara Everina e ele, Percy Bysshe Shelley: "... *quando eu não estava sozinha; e meu companheiro era alguém que, neste mundo, eu nunca mais verei...*"<sup>10</sup>. Ah, a Itália que tanto amara, mas que tudo lhe roubara! Inspirou fundo e soltou o ar devagar, o qual se condensou num fugidio rastro esbranquiçado. Agora, diante de, si só restou o vazio de uma página em branco. Sabia não lhe restar muito tempo. As dores de cabeça e paralisia nos membros tornavam-se cada vez mais acentuados. Não conseguia mais organizar as ideias e expressá-las através da pena. Para uma escritora, era pior que a morte. Morte... Não teve medo. "Vidas demais", repetiu, cansada. Então, tão claro quanto um pedaço de gelo, as derradeiras palavras da Criatura emergiram de dentro de si, do longínquo Ártico, familiares, amigas, ela mesma:

*"But soon," he cried, with sad and solemm enthusiasm, "I shall die, and what I now feel be no longer felt. Soon these burning miseries will be extinct. I shall ascend my funeral pile triumphantly, and exult in the agony of the torturing flames. The light of that conflagration will fade away; my ashes will be swept into the sea by the winds. My spirit will sleep in peace; or if it thinks, it will not surely think thus. Farewell."*<sup>11</sup>

\*\*\*

Através de uma das janelas da igreja, penalizado, padre Jones observou a partida da carruagem. O ruído dos cascos dos cavalos e a visão do veículo foram engolidos pelo nevoeiro vindo do mar, misturado à fuligem perpétua do carvão e à fumaceira da indústria do cobre. Assobiando uma canção galesa, um acendedor surgiu pela calçada, executou seu ofício no bico de gás da iluminação pública e seguiu caminho. A luz fraca em meio à névoa e a friagem que se acentuava realçou o clima de irreabilidade. Ter o cemitério paroquial logo ao lado — senão sob o piso — tampouco ajudou. O sacerdote devia estar acostumado, mas nunca esteve. Meditativo, sentiu faltar algum detalhe nas últimas palavras trocadas com Mary Shelley. "Pobre mulher!" Era algo distante, uma sombra, um eco de memória ouvido de seu tio ou avô numa noite chuvosa quando ainda era pequeno demais diante de um mundo muito grande e brincava no cais entre as redes, os cordames e o cheiro inconfundível de peixe. Mas o quê?

*Frankenstein: ou, o Prometeu Moderno.*

Mary Wollstonecraft.

Fanny Imlay.

Láudano...

<sup>10</sup> Extraído da introdução de "Frankenstein", edição de 1831.

<sup>11</sup> "Mas em breve", exclamou ele, com um entusiasmo triste e solene, "eu morrerei, e o que sinto agora não mais será sentido. Em breve, essas angústias ardentes se extinguirão. Subirei triunfantemente à minha pira funerária e exultarei na agonia das chamas torturantes. A luz dessa conflagração se apagará; minhas cinzas serão levadas ao mar pelos ventos. Meu espírito dormirá em paz; ou, se pensar, certamente não pensará assim. Adeus." ("Frankenstein: ou, o Prometeu Moderno", Mary Shelley, 1831.)



Morte!

De súbito, fez-se luz em sua mente:

— É isso! É isso! O suicídio no Mackworth Arms!

Como pôde esquecer? Estremeceu. A associação surgiu agora, cristalina. As histórias sobre a "Dama de Wind Street", contadas para lhe fazer medo! Mencionavam um fantasma cujas aparições no primeiro andar da estalagem passaram a ocorrer após a morte de uma jovem, uma forasteira, uma estranha... "A irmã da Sra. Shelley!" A lenda dizia que o espírito errante se manifestava através de sons de passos, sussurros, soluços ou choros sem haver ninguém nas proximidades. Também incluía uma persistente sensação de estar sendo observado. Alguns juraram ter visto a figura translúcida de uma jovem de vestido longo e escuro a caminhar pelos corredores, a qual desaparecia diante de olhos assustados. Essas histórias encheram de medo o garoto que o padre fora, e, mesmo depois de adulto, evitava passar em frente à estalagem. Agora, perguntou-se sobre o que aguardaria a autora de *Frankenstein* na noite que chegava. Deparar-se-ia com a emanção sem descanso de Fanny Imlay? "Bobagem!", repreendeu-se enquanto um servo de Deus. Fosse como fosse, Mary teria em breve uma resposta. Quem sabe, o sono dela acabasse por se revelar tão perturbador quanto o célebre pesadelo ocorrido numa tempestuosa madrugada na Villa Diodati.

Lá fora, a densa bruma evocou histórias sombrias e memórias distantes, enquanto o céu carregado de nuvens ditou na forma de chuva o posfácio de um final de outono.

O interior da igreja se tornou opressivo, tomado pela penumbra e silencioso ao extremo. De repente, padre Jones ouviu um estalo. Alarmado, fez o sinal da cruz.

— Senhor, protegi-nos. Amém!

E a "Dama de Wind Street"...

St John's-juxta-Swansea.

Mackworth Arms Inn.

*Pauper's grave.*

País de Gales.

High Street.

Swansea.

Fanny.

\*\*\*

## NOTA DO AUTOR:

A partir de agosto de 2025, estimulado por uma matéria a respeito de *Frankenstein* e Mary Shelley — publicada na revista digital *Conexão Literatura* nº 122, de autoria de Ademir Pascale —, empreendi pelos meses seguintes uma minuciosa pesquisa a respeito, a ponto de criar um arquivo que, atualmente (25.06.2026), conta com 3.180 páginas, intitulado *Mary Shelley e Seu Mundo*. Durante o processo, deparei-me com a triste e chocante história de Fanny Imlay, a qual tocou-me profundamente. Propus a mim mesmo compor um conto em sua homenagem. "Para Fanny" foi o singelo resultado. De acordo com a IA do Google, a lenda da "Dama de Wind Street" surgiu somente no decorrer do século XX, no edifício que substituiu o Mackworth Arms e que viria a ser o Correio Central. No



entanto, eu não resisti a tentação de torná-lo contemporâneo de Mary Shelley em seus últimos anos. Ela viria a falecer no dia 1º de fevereiro de 1851 (data fácil de decorar, pois foi há exatos cento e dez anos antes de meu nascimento), aos 53 anos, vitimada pelo tumor cerebral ou enxaquecas hemiplégicas. Para os interessados em se aprofundar sobre a escritora, sua meia-irmã e outras personalidades de seu círculo, sugiro pesquisar a Wikipédia em Inglês e os respectivos links indicados. Além dela, há o Projeto Gutenberg (contendo obras de Mary, seus pais e Percy Shelley, passíveis de tradução pelo Google), o site "The Shelley-Godwin Archive" (disponibiliza manuscritos digitalizados, inclusive de *Frankenstein*), o acervo da Biblioteca Pública de Nova York (Coleção Carl H. Pforzheimer), o Internet Archive (obras originais de fim do século XIX e início do XX) e a Biblioteca Bodleiana.

\*\*\*

### Sobre Roberto Schima:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmagmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e trinta e duas antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/pesquisa=Roberto%20Schima>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



# DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO

NA  
Revista Projeto AutoEstima



## Entrevista:

Entrevista Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

**R\$ 200,00**



## Texto:

**R\$ 80,00**



## Poema até 2 páginas:

**R\$ 80,00**



## Conto ou crônica até 4 páginas:

**R\$ 80,00**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:

**CLIQUE AQUI**



Revista

**PROJETO**  
*AutoEstima*



<https://revistaprojetoautoestima.com.br>





O  
DESPERTAR  
DA  
LOBA  
OU  
A MALDIÇÃO DE  
ANHANGÁ



TERCEIRA PARTE



POR  
SELLMA LUANNY



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## (Terceira Parte)

A segunda resolução que Ana tomara, inevitavelmente, começaria a partir do dia em que se sentisse transformando completamente em loba: acompanharia a tia à caverna remota onde já sabia que os transformados em lobos se encontravam para se resguardar das possíveis agressões e curiosidades vindas de fora daquele círculo. Apesar dos transformados poderem se machucar, na caverna isso raramente acontecia. Os arranhões, cortes e hematomas que viu algumas vezes na tia, segundo ela própria e a avó, aconteciam na sua ida para a caverna e no seu retorno à casa, quando no caminho, à noitinha ou de madrugada, ainda não completamente loba ou mulher, sempre correndo e para não ser vista, muitas vezes caía pelos trilhos íngremes e se machucava.

A tia disse que nestes momentos, evitava ao máximo usar fontes de luz artificial para não chamar a atenção, mesmo de longe.

Ana, determinada nas suas resoluções, matriculou-se num curso de Antropologia Brasileira, que poderia cursar à distância.

Queria entender as origens do nativo americano, mais precisamente, do sul-americano e ainda aprofundar os seus estudos sobre as nações ancestrais que ocupavam o Brasil/Pindorama há milhares ou talvez, como já se aventa, há dezenas de milhares de anos, muito antes da ocupação estrangeira – europeia e africana.

Um dia, ao chegar dos seus 18 anos e na véspera de uma lua cheia, começou a ter sinais e sintomas mais fortes do que algum dia tivera. Contou à avó que sentia a sua transformação em loba parecer iminente.

A avó chamou a filha adotiva e tia da Ana e relatou a situação, pedindo que levasse Ana em segurança à caverna dos lobos transformados (nunca usavam a palavra "lobisomem" pois a achavam fantasiosa e pejorativa).

A tia deu à Ana, instruções relacionadas à ida, permanência noturna e retorno: não perder a tia de vista; não sair do trilho que iam percorrer; ter cuidado com as pedras pelo caminho; evitar pisar em montes de folhas soltas (para evitar outros animais, principalmente cobras venenosas, cujas picadas poderiam ser letais mesmo para os lobos); não uivar; não fazer barulho desnecessário; evitar ficar à luz da lua; não comer nada, incluindo outro animal e/ou vegetal, para não correr o risco de pegar alguma doença ou se intoxicar; só tomar água da fonte junto à entrada da caverna, onde veria a tia se saciando; mais perto da caverna, antes da transformação completa, despiriam e colocariam as suas roupas numa sacola que levavam e as esconderiam, para serem vestidas no retorno à casa; e ainda, não ter maior aproximação a qualquer lobo macho, evitando com todo o esforço qualquer tentativa de coito e disputas de territórios.

Algumas dessas orientações provocaram em Ana uma mistura contraditória de temor, humor e curiosidade, mas ela se resguardou para não demonstrar sinais disso, devido à sensibilidade e seriedade da tia e à sua própria ignorância de iniciada.



## A TRANSFORMAÇÃO

No dia seguinte, com a lua cheia subindo pelo horizonte, a tia e Ana partiram furtiva e silenciosamente. Próximo à chegada ao destino e sob o comando da tia, tiraram as roupas e sapatos, colocaram-nos na sacola que traziam e esconderam-nos.

Ana já sentia os pelos surgindo pelo corpo todo, o alongamento da boca e orelhas, o aparecimento do crescente rabo, dores nas arcadas dentárias darem lugar a longos caninos e aumento e/ou modificação generalizados dos demais dentes, dores articulares e a transformação dos braços e pernas em patas - e as garras a surgirem na ponta dos dedos.

Apesar de ter-se preparado mentalmente para tudo isso, era-lhe difícil aceitar o até então, incompreensível. Aquilo era extremamente doloroso e mentalmente, medonho.

O desaparecimento da habilidade vocal humana foi um choque e o não poder uivar por qualquer razão, até mesmo pela raiva e inconformismo - ou pela lua cheia -, era quase insuportável. E o aumento nunca sonhado, do seu olfato, foi assustador, apesar de providencial, com toda aquela penumbra. Tinha que fazer um esforço "sobrelupino" para se controlar.

Foi uma trajetória difícil, mas chegaram.

Ao adentrar a caverna, Ana começou a sentir odores fortes e variados de diferentes origens e direções. Acompanhando a tia, após tomar água na fonte indicada por ela, foram para uma área mais isolada e afastada da entrada. Aos poucos, até distinguiu perfumes usados por humanos, mas que vinham dos "lupinos".

Andavam bem devagar para não tropeçarem, apesar do espaço ter sido periodicamente limpo e o chão nivelado ao máximo das possibilidades pelos usuários do mesmo. E era muito importante que evitassem ferimentos.

Naquela direção, sentiu a presença de outros lobos por perto, inclusive machos, que ao se aproximarem para cheirar a novidade - que Ana era -, ouviam o rosnado alto e ameaçador da tia e se afastavam.

A sua mente parecia não funcionar totalmente como antes, aliás, era muito mais lupina. Os instintos animais pareciam querer sobressair e anular os humanos, mas de tanto repassar previamente com a tia, o que teria que fazer naquela noite, principalmente dominar a loba que nela surgira, não podia sair do controle.

Ana ia aos poucos sentindo a relação de dominância e ameaça representada principalmente pelas fêmeas mais velhas. Como a colocar ordem na alcateia, sem necessidade de maiores confrontos.

E depois de algum tempo, o silêncio e o sossego dos grandes animais eram tais, que quaisquer outros ruídos eram barulho, como o pingar de água do teto, o voo de algum inseto e/ou morcego.

A noite escura passou a se relevar em prol de um descanso às avessas. Às avessas porque os lobos, como o nosso lobo-guará, são animais de hábitos predominantemente



noturnos. Mas os lobos dessa história, com a sua origem humana e o fato de terem de se resguardar das agressões e incompreensão dos outros humanos, naquela noite de lua cheia e naquele lugar, adormeciam.

Quando Ana se deu conta, a tia a estava balançando com uma pata para avisar que a luz da aurora ia surgir em breve. Notou que não teve sonhos nem pesadelos, provavelmente pelo cansaço decorrente de toda a ansiedade e gasto de energia física, na turbulenta véspera. Ouvia-se vindo de fora da caverna, a alvorada a se anunciar no ruído de barulhentos bandos de pássaros.

Ana acompanhou a tia e ao saírem da caverna, viram os primeiros raios multicoloridos rumo ao nascer do sol. De repente viu também vários lobos saindo às pressas e passando por elas. Ao se entreolharem notou a cor de mel comum a todos os olhos lupinos apesar das diferenças na cor do pelo e no tamanho do corpo. Um jovem macho especialmente belo, lançou-lhe um olhar de curiosidade e sumiu por entre rochas e árvores.

Ana e a tia correram a toda a velocidade possível rumo ao esconderijo das suas roupas. Em poucos minutos, os seus corpos começavam a dar forma ao seu talhe de mulher, com um grau de dor similar ao que passaram na transformação lupina.

A tia não demonstrava sentir dor. Provavelmente, todos aqueles anos de transformação ao chegar da lua cheia, tivessem lhe tirado a sensibilidade ou dado-lhe a dureza amarga da fatalidade.

Mas para Ana, os acontecimentos eram recentes e a dor estava escrita no seu rosto.

Quando chegaram às escondidas, à casa, nem os seus cães ladraram. Também já deviam tomar o ir e vir da tia como uma normalidade, apesar do odor um pouco diferente. E Ana, que os tratava sempre como muito carinho, só provocava um imparável balançar das suas caudas.

A avó estava um pouco aflita à espera da sua chegada, para se certificar de que tudo corresse como o esperado. Mas um sentimento de tristeza refletia-se na face de cada uma delas.

\*\*\*

Nota de Rodapé: terceira parte do conto O DESPERTAR DA LOBA OU A MALDIÇÃO DE ANHANGÁ (partes a serem publicadas mensalmente nesta revista).

### **Sobre Sellma Luanny:**

A autora publicou três livros de poesia e participou de duas antologias – em papel. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



2026

# Patrocine a REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Editoras, livrarias, autores, etc., saibam como patrocinar a revista Conexão Literatura e ter a sua marca (site, produto) divulgada no site da revista, edições mensais e redes sociais, que somam mais de 1 milhão de seguidores.

## SUA MARCA EM DESTAQUE:



### VISIBILIDADE

Sua marca para milhares de leitores apaixonados por literatura.



### CREDIBILIDADE

Associe sua marca a conteúdo de qualidade e relevância no universo literário.



### ALCANCE

Divulgação no site, edições mensais e redes sociais que não param de crescer.

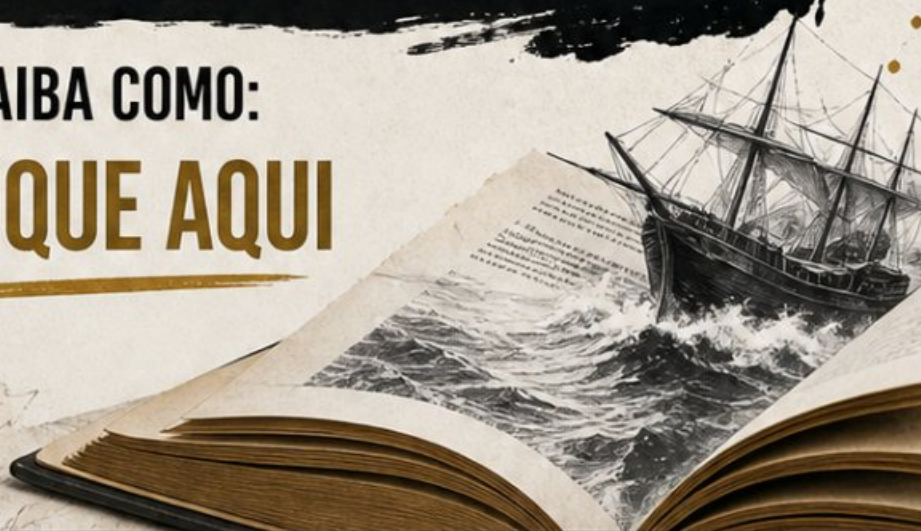


### CONEXÃO

Conecte sua marca a uma comunidade fiel, engajada e inspiradora.

SAIBA COMO:

**CLIQUE AQUI**



WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



# LENDAS

## DO BRASIL

5



### 5 - CAIPORA

Protetor das florestas e dos animais, o Caipora é um espírito indígena que usa o poder da natureza para punir caçadores e madeireiros que destroem o meio ambiente.

6



### 6 - BOTO-COR-DE-ROSA

Encantador dos rios, o Boto se transforma em um belo homem para seduzir moças em festas ribeirinhas. Vive nas águas da Amazônia e é símbolo de mistério e encantamento.

7



### 7 - BOITATÁ

Serpente de fogo que protege as matas e os animais. Persegue e queima todos que colocam fogo nas florestas. Seu corpo em chamas ilumina a noite e assusta os inimigos da natureza.

8



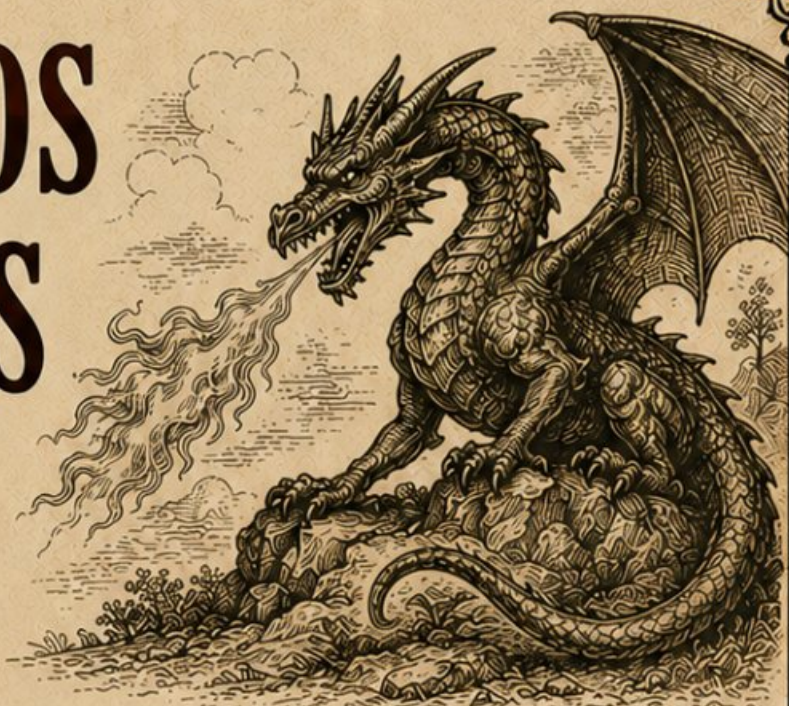
### 8 - MAPINGUARI

Gigante da floresta, de um único olho e boca na barriga. Protege a mata e castiga os invasores que desrespeitam a natureza. Seu rugido ecoa pelas matas amazônicas.



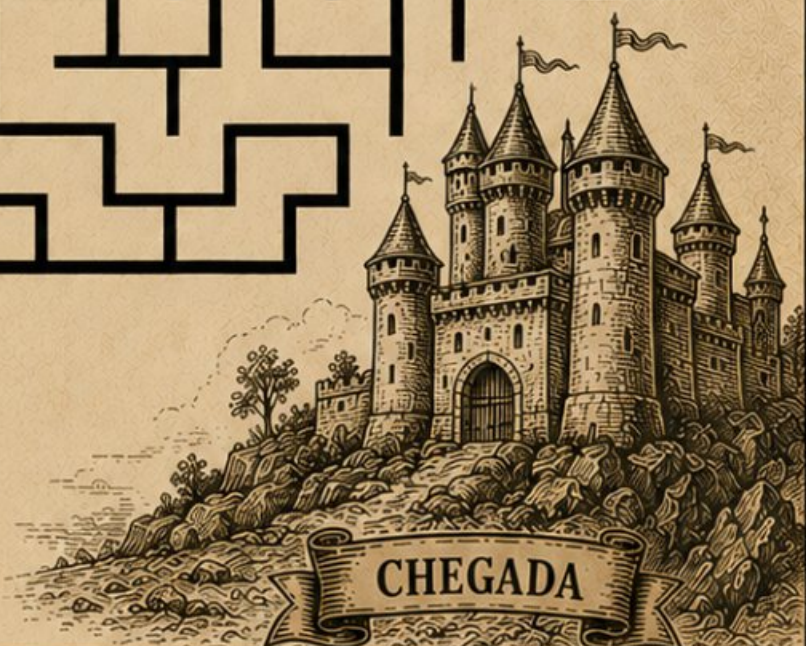
# CAVALEIROS E DRAGÕES

O cavaleiro precisa atravessar o caminho perigoso e chegar ao castelo para salvar o reino do dragão!



"Coragem não é a ausência do medo, mas a decisão de que algo é mais importante que o medo."

— Código dos Cavaleiros



Revista  
**CONEXÃO**  
LITERATURA



# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

“

LIVROS  
CONECTAM IDEIAS.  
NÓS CONECTAMOS  
LEITORES E HISTÓRIAS. ”

**MÍDIA KIT 2026**

**Um espaço dedicado à literatura  
em todas as suas formas.**

Publicamos contos, crônicas, poemas,  
entrevistas, resenhas e artigos que  
inspiram, informam e transformam.



## ESTATÍSTICAS QUE CONECTAM



**+796 MIL**  
seguidores no  
**FACEBOOK**



**+302 MIL**  
seguidores no  
**INSTAGRAM**



**+5 MILHÕES**  
de acessos em nosso  
**SITE**



**ANUNCIE COM QUEM  
FALA COM LEITORES!**

Divulgue nas edições da nossa revista  
e conecte sua marca a um público  
apaixonado por leitura.



E-mail:  
[ademir@revistaconexaoliteratura.com.br](mailto:ademir@revistaconexaoliteratura.com.br)



Site:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

ACESSE O QR CODE  
E CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT

**MÍDIA KIT 2026**



Revista  
**CONEXÃO LITERATURA**



# GRANDES OBRAS. GRANDES IDEIAS.

*Para todos.*

Explore conteúdos  
inspiradores com  
entrevistas exclusivas,  
contos, crônicas,  
poemas e dicas  
para leitura.



## CONTEÚDOS EXCLUSIVOS

Artigos, entrevistas  
e inspirações literárias.



## VARIEDADE LITERÁRIA

Contos, crônicas  
e poemas.



## DICAS PARA LEITURA

Sugestões de livros  
e autores.



## DOWNLOAD GRATUITO

Acesso fácil e rápido  
às edições.



# BAIXE AGORA!

*É gratuito!*



ACESSE E BAIXE GRATUITAMENTE!

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



# OPÇÕES PARA DIVULGAÇÃO

Divulgue o seu livro, produto ou serviço nas edições e canais da Revista Conexão Literatura e alcance milhares de leitores.



## POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?



**MAIS DE 1 MILHÃO DE SEGUIDORES NAS REDES SOCIAIS**

Instagram, Facebook e outras plataformas com grande alcance e engajamento.



**REVISTA DIGITAL COM ISSN 2448-1068**

Credibilidade e reconhecimento para você e o seu trabalho.



**ALCANÇE NACIONAL E INTERNACIONAL (BRASIL E PORTUGAL)**

Leitores em todo o Brasil e na Europa, especialmente em Portugal.



**SITE ATUALIZADO DIARIAMENTE**

Conteúdo novo todos os dias para você ter sempre visibilidade.



**DIVULGAÇÃO PARA AUTORES, EDITORAS E LIVRARIAS**

Espaço ideal para promover livros, produtos, serviços e lançamentos.

## ESCOLHA A OPÇÃO IDEAL PARA VOCÊ:

1

### DIVULGAÇÃO DE AUTOR/LIVRO

Entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores.

CUSTO: Brasil: R\$ 180,00 | Portugal: € 37

2

### ANÚNCIO – 1 PÁGINA (INTERNA)

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 1 edição da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil: R\$ 200,00 | Portugal: € 60

3

### ANÚNCIO – 1 PÁGINA (INTERNA) EM 6 EDIÇÕES

Anúncio de 1 página interna (tamanho A4) em 6 edições da revista digital.

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil: R\$ 1.000,00 | Portugal: € 300

4

### BANNER CLICÁVEL (SITE)

Banner clicável na lateral da página principal do site.

- Formato (dimensões): 306 x 194 px, em jpg.
- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil: R\$ 300,00 | Portugal: € 80

5

### CAPA DO LIVRO / PRODUTO / NOTÍCIA

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil: R\$ 500,00 | Portugal: € 100

6

### CAPA DA REVISTA + ENTREVISTA (DESTAQUE)

Seja capa da nossa revista. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage e na lateral da página principal do nosso site.

CUSTO: Brasil: de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 | Portugal: € 370



**PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:**

e-mail: [ademir@divulgalivros.org](mailto:ademir@divulgalivros.org) | c/ Ademir Pascale

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br) | [@revistaconexaoliteratura](https://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)

[facebook.com/conexaoliteratura](https://www.facebook.com/conexaoliteratura)





# REVISTA CONEXÃO LITERATURA



NO AR

DESDE 2015

## CONECTANDO AUTORES E LEITORES



DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
todo dia 1º de cada mês

### MENSAGEM DO EDITOR



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE  
**QUALQUER VALOR:**

CLIQUE AQUI



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

CLIQUE AQUI



ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



Facebook  
@conexaoliteratura



Instagram  
@revistaconexaoliteratura



Youtube  
@conexaonerd